

VAI PRA
ONDE?

Panóplia

Organização
Gilson Salomão Pessôa

ANTOLOGIA
VÁRIOS AUTORES



**Gilson Salomão Pessôa
Organizador**

1^a edição
Editora Panóplia
Rio de Janeiro, 2025

© 2025 Editora Panóplia
www.editorapanoplia.com.br
Vai pra Onde?
1^a edição

Organização Gilson Salomão Pessoa
Texto Vários autores
Revisão Dos próprios autores
Capa e Imagens Gilson Salomão Pessoa, com imagens de IA

Dados Internacionais de Catalogação

C933 Pessoa, Gilson Salomão, 2025
Vai pra onde? / Gilson Salomão Pessoa

Rio de Janeiro: Panóplia 2025.

240 p.; 16x23cm.

ISBN 978-65-83987-15-0

Literatura brasileira

I.Pessoa, Gilson Salomão. II.Título.

CDD B869.3 CDU 82-311

*Todos os direitos reservados à editora Panóplia Cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização.*



**Gilson Salomão Pessoa
Organizador**

SUMÁRIO

PREFÁCIO... 8

Danielle Delaneli

Caminhos Cruzados... 11

Igor Fênix

Cebolas Descascadas... 29

Fernando Cozzi

Dona Celeste e o Uber da Aventura... 46

Elizabete Dantas De Araujo Lima

No Divã de Um Banco de Táxi... 51

Gilson Salomão Pessoa

Um Passageiro Incomum... 73

O Último Passageiro da Madrugada... 79

Corrida Compartilhada... 81

Avaliação Cinco Estrelas... 85

Placa Final: EVD-417... 87

Táxi Fantasma no Bairro Três Figueiras... 89

Corrida Silenciosa... 91

A Senhora dos Gatos... 95

Quase Chuva... 99

- O Passageiro Que Não Falou... 103
A Corrida do Motel Errado... 107
O Ex no Banco de Trás... 111
A Senhora do Banco de Trás... 115
O Passageiro Que Falava com Fantasmas... 120
O Carro Que Dava Azar para Todos os Passageiros... 124

Eliane Cristina

- Uma Curva, Dois Destinos... 129

Waldo Temporal

- O Oliveira... 137
Coisinha, Não!... 145
A Cola... 148

Jurandyr Filho

- Entre Corridas e Recomeços... 154

J. F. Ribeiro

- Sangue & Asfalto: Entre Tiros e Marchas... 166

PREFÁCIO

Em cada esquina da vida, há um encontro, uma despedida e uma história que nos convida a seguir — ou a ficar.

Vai pra Onde? é um espelho da jornada humana em suas inúmeras formas de partida e chegada.

Os contos reunidos nesta antologia transitam entre o cotidiano e o extraordinário, entre o real e o simbólico. Dentro de um transporte (seja carro, ônibus ou moto), no silêncio de uma viagem, em meio ao trânsito ou à escuridão da noite, os personagens se revelam — e, por vezes, se transformam. Cada narrativa é um retrato do movimento que nos impulsiona, mesmo quando não sabemos exatamente aonde vamos.

Gilson Salomão Pessôa, como organizador, conduz essa coletânea com o olhar atento de quem reconhece que toda viagem começa dentro de nós. Que este livro inspire o leitor a se permitir perder — e, quem sabe, se encontrar — nas muitas estradas da existência.

Vai para onde?



DANIELLE DELANELI

Criada entre livros, sempre foi movida pela arte. Apaixonada por cinema e teatro, encontrou nos palcos a felicidade plena e na escrita a liberdade de expressão. Com um olhar crítico e sensível, busca retratar emoções e histórias que tocam o coração. Além de atuar e escrever, dedica-se a explorar novas formas de arte, acreditando que cada expressão é uma janela para o mundo.

CAMINHOS CRUZADOS

Danielle Delaneli

Chovia muito no Rio de Janeiro e Mariana já estava cansada de ter sua corrida recusada. Queria viajar de São Conrado a Bangu, mas era difícil os motoristas aceitarem pela distância. Ela sabia que se pegasse outro meio de transporte demoraria o dobro de tempo, então esperava pacientemente. Depois de um tempo, um motorista aceitou a corrida. Ao chegar no local, o motorista foi super prestativo, parando bem perto e abrindo a porta para ela entrar. Logo que entrou, foi recepcionada com um sorriso acolhedor. Atravessava uma fase difícil e isso a alegrou.

Começaram a conversar. Falaram sobre suas vidas, sobre o mundo. Pararam para abastecer e, quando saíram do carro, puderam se olhar melhor. Era inegável que havia uma atração forte ali. Voltaram para o carro e continuaram a agradável conversa. A afinidade era crescente. Surgiu uma forte confiança e começaram a compartilhar intimidades e histórias de vida. Moravam no mesmo bairro, tinham histórias parecidas e dentro daquele carro parecia que o mundo era deles.

Presos no trânsito, começaram a contar histórias engraçadas. Mariana e o motorista, que se apresentou como

Vai para onde?

Lucas, riram juntos das situações inusitadas que já haviam enfrentado em suas vidas. O engarrafamento se tornara uma bênção inesperada, permitindo que a conexão entre eles se aprofundasse. Cada risada era acompanhada de olhares que, mesmo em meio à penumbra do carro, revelavam uma cumplicidade crescente.

— Você não vai acreditar, mas uma vez eu peguei uma passageira que decidiu me contar toda a história de como perdeu um gato. — Lucas começou, com um sorriso travesso.

— Ela estava tão emocionada que parecia que falava de um relacionamento amoroso. No fim, ela me pediu ajuda para encontrar o bichano! Mariana riu, imaginando a cena.

— E você ajudou, é claro, né?

— Claro! Fui até a casa dela no dia seguinte, mas, adivinha? O gato estava na casa dela o tempo todo. Apenas se escondia debaixo da cama! — Os dois riram mais alto, e a tensão no ar parecia se dissipar, mas uma nova sensação começou a surgir. Enquanto contavam histórias, o olhar de Lucas se fixou em Mariana de uma maneira que fez seu coração disparar. Ele parecia estar prestando atenção não apenas nas palavras dela, mas na essência de quem ela era.

— E você? Alguma história engraçada? — Lucas perguntou, inclinando-se ligeiramente para frente, como se

Vai para onde?

quisesse absorver cada palavra. Mariana hesitou. Havia tantas coisas que gostaria de compartilhar, mas também havia um lado dela que temia se expor demais. Decidiu dar um passo à frente, mas sem revelar tudo.

— Bem, uma vez, em uma festa, eu acabei dançando com um cara que estava tão bêbado que caiu no chão. E, para piorar, ele se levantou e, com toda a seriedade, disse que era um mestre em artes marciais.

Lucas riu, e a atmosfera entre eles se tornava cada vez mais elétrica. Mas, ao mesmo tempo, havia um mistério pairando no ar. Ambos sentiam que havia algo mais profundo que os unia, mas as palavras não vinham facilmente. O engarrafamento começou a se dissipar, e Mariana olhou pela janela, observando a chuva que caía em um ritmo constante. A luz dos postes refletia nas poças, criando um espetáculo de cores e sombras. Ela se perguntou se Lucas também estava pensando no que poderia acontecer depois daquela corrida. Havia uma atração que ia além da conversa; era como se suas almas estivessem se reconhecendo.

— O que você está pensando? — Lucas perguntou, quebrando o silêncio, mas com um tom de voz que parecia mais curioso do que casual. Mariana hesitou novamente.

— Só... pensando em como a vida pode ser estranha,

Vai para onde?

né? Às vezes, encontramos pessoas que parecem fazer parte da nossa história, mesmo que acabemos de nos conhecer.

Ele a olhou com intensidade, como se estivesse avaliando cada palavra.

— É verdade. Às vezes, encontramos conexões que não esperávamos. Como se já tivéssemos nos encontrado antes, em outra vida.

As palavras de Lucas pairaram no ar, e Mariana sentiu um frio na barriga. Eles estavam se aproximando de algo maior, mas o medo de se abrir completamente a impedia de dar o próximo passo.

— Você tem planos para o fim de semana? — Lucas perguntou, quebrando a tensão. Mariana sorriu, um pouco aliviada pela mudança de assunto.

— Na verdade, não. Estou pensando em aproveitar para relaxar. E você?

— Eu estava pensando em fazer algo diferente, talvez explorar um novo lugar na cidade. — Ele hesitou.

Mariana sentiu a adrenalina subir. Era uma oportunidade de aprofundar a conexão, então perguntou o tipo de programa que ele curtia. Ele respondeu que gostava de coisas novas e diferentes. Ela falou que era do tipo que curtia as mesmas coisas, pois evitava correr riscos. Queria saber mais

Vai para onde?

sobre ele, mas também havia o receio de que, ao se abrir, poderia se machucar.

— Às vezes, as melhores histórias começam com um pouco de risco. A vida é cheia de incertezas, mas é isso que a torna emocionante, não é? Falou Lucas com um ar maroto. O carro finalmente começou a se mover, e eles sentiam que seu tempo juntos começava a diminuir.

Mariana olhou para Lucas, e naquele instante, decidiu que valia a pena arriscar. Então disse meio timidamente: — Seria bom se esta corrida durasse um pouco mais. — Lucas concordou com um sorriso e surgiu um clima no ar. — Sabe... sou bastante aventureira! — Ele riu, e a tensão no ar parecia ter se dissipado com a mudança de assunto.

Enquanto o carro se aproximava de Bangu, a tensão entre Mariana e Lucas parecia palpável. O destino estava próximo, mas a jornada deles estava apenas começando. Mariana olhou pela janela, observando as luzes da cidade se misturarem com a chuva que ainda caía. Cada gota parecia refletir suas incertezas e expectativas.

— Você acredita em destino? — Lucas perguntou, quebrando o silêncio.

Mariana virou-se para ele, intrigada.

— Acredito que as coisas acontecem por uma razão,

Vai para onde?

mas também acho que nós temos que fazer a nossa parte. Às vezes, é preciso dar um empurrãozinho.

Ele assentiu, pensativo.

— É verdade. Às vezes, a vida nos coloca diante de oportunidades que precisamos agarrar. Como esta corrida.

Ela sorriu, um pouco mais confiante.

— Exato. E quem diria que uma simples corrida poderia levar a uma conversa tão interessante?

O carro finalmente parou em frente a um café charmoso, iluminado por luzes quentes que pareciam convidá-los a entrar. Lucas virou-se para Mariana, o olhar cheio de expectativa.

— Então, o que você acha? Quer café?

Ela hesitou por um momento, mas sentia frio e um café poderia aquecer seu corpo.

— Vamos! Os dois saíram do carro, e a chuva, que até então parecia um incômodo, agora se transformava em um belo cenário. Eles correram para o café, rindo enquanto se protegiam sob a mesma sombrinha. Ao entrarem, foram recebidos pelo aroma acolhedor de café fresco e doces. O lugar estava quase vazio, com algumas mesas ocupadas por pessoas que conversavam suavemente. Fizeram seu pedido e voltaram para o carro.

Vai para onde?

A conversa fluiu naturalmente, como se já se conhecessem há muito tempo. Eles compartilharam histórias sobre suas famílias, suas paixões e até mesmo seus medos. Mariana falou sobre sua luta para encontrar um equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal, enquanto Lucas revelou seus sonhos de um dia ter seu próprio negócio.

— E o que você diria que te impede de seguir em frente?

— Mariana perguntou, curiosa.

Ele hesitou, um olhar distante em seus olhos.

— Às vezes, o medo do desconhecido. E o que as pessoas vão pensar. É complicado. Mariana sentiu um impulso de encorajá-lo.

— Você já deu o primeiro passo, Lucas. Está aqui, conversando comigo. Não é fácil, mas pode ser libertador. Ele a olhou com gratidão.

— Você tem razão. Às vezes, só precisamos de alguém que acredite em nós. O clima estava carregado de emoção, e Mariana percebeu que havia algo mais profundo ali. Era uma conexão que ia além da atração física. Era como se ambos estivessem se abrindo para o outro, revelando partes de si que raramente mostravam.

— Você sabe, eu sinto que temos uma conexão especial

— disse ela, um pouco hesitante, mas determinada.

Vai para onde?

Lucas sorriu, um sorriso que iluminou seu rosto.

— Eu também sinto isso. É como se nos conhecêssemos de outras vidas.

A conversa fluiu, mas sempre havia um mistério pairando entre eles. O que realmente sabiam um sobre o outro? Havia segredos que poderiam mudar tudo, mas ambos pareciam hesitar em se aprofundar. Enquanto tomavam café, Mariana sentiu que precisava perguntar mais coisas sobre a vida dele. O silêncio que se seguiu foi carregado de significado. Ambos estavam vulneráveis, compartilhando histórias profundas. Havia algo mais, uma esperança de que poderiam construir algo novo. Mas nada era dito.

— E se a gente tentasse? — Lucas perguntou, inesperadamente.

Mariana o encarou, surpresa.

— Tentar o quê?

— Tentar deixar o passado para trás e ver onde essa conexão nos leva.

O coração dela disparou. A ideia era tentadora, mas também aterrorizante. Silêncio

— Às vezes, vale a pena arriscar.

Ela sorriu, sentindo uma onda de coragem. Novamente silêncio. Foi-se criando um clima no carro.

Vai para onde?

Mariana olhou para Lucas, sentindo uma mistura de ansiedade e excitação. O que o futuro reservava para eles?

Voltaram a falar, agora sobre como o trânsito fluía e a conversa entre eles continuava leve e cheia de curiosidades. As gotas de chuva ainda escorriam pelas janelas, criando um som relaxante que acompanhava suas palavras.

— Então, o que você mais gosta de fazer nas horas livres? — Mariana perguntou — Ah, eu gosto muito de ler. Recentemente, terminei um livro sobre histórias de viagens. Me faz querer explorar novos lugares. — Ele sorriu, olhando para ela. — E você?

— Eu adoro cozinar! Às vezes, me perco em receitas e acabo fazendo pratos que nem sei se vão dar certo. — Ela riu, lembrando de algumas experiências desastrosas na cozinha.

— Tem alguma receita que ficou especialmente boa? — Lucas perguntou, curioso.

— Uma vez, fiz um risoto de limão siciliano que ficou incrível! Mas também já fiz um bolo que parecia mais uma pedra do que um doce. — Ela deu uma risada, lembrando-se do desastre.

— O importante é a tentativa, né? Às vezes, as melhores histórias vêm de coisas que não saíram como planejado. — Lucas comentou, com um tom reflexivo.

Vai para onde?

Mariana concordou.

— Exatamente! E você, já teve alguma experiência de viagem que não saiu como o esperado?

Lucas pensou por um momento.

— Sim, uma vez fui para uma cidade do interior e, ao chegar, percebi que tinha esquecido a mala no ônibus. Tive que passar o fim de semana com as roupas que estavam no carro!

Mariana riu.

— E como você fez para se virar?

— Acabei comprando algumas roupas novas, mas o melhor foi que conheci pessoas incríveis que me ajudaram. Fui a um festival local e acabei me divertindo mais do que se tivesse tudo planejado.

— Isso é ótimo! Às vezes, as melhores memórias vêm das situações inesperadas. — Mariana comentou, admirando a forma como Lucas parecia ver o lado positivo das coisas.

— Verdade! E você, tem algum lugar que sonha em visitar? — ele perguntou, mudando de assunto.

— Ah, sempre quis conhecer o Japão. A cultura, a comida, tudo me fascina! — Mariana respondeu, animada.

— Japão é incrível! Eu gostaria de ver as flores de cerejeira na primavera. Deve ser uma experiência maravilhosa.

— Lucas falou, claramente interessado.

Vai para onde?

— Com certeza! E a comida de lá é deliciosa. Já tentou fazer sushi em casa? — Mariana perguntou, rindo. — Tentei uma vez, mas foi um desastre. O arroz ficou grudado e as algas não enrolaram direito. No final, virou uma salada de sushi! — Ele riu, e Mariana o acompanhou.

— Pelo menos você tentou! — Ela disse, admirando a disposição dele para experimentar coisas novas. O carro começou a se movimentar, e a conversa continuou com histórias de infância. Mariana lembrou-se de como costumava brincar na rua com os amigos, enquanto Lucas compartilhou suas memórias de acampamentos e aventuras na natureza.

— A infância tem um jeito especial de nos moldar, não é? — ele comentou, enquanto passavam por uma rua iluminada.

— Com certeza! Às vezes, eu gostaria de voltar e viver aqueles momentos novamente. — Mariana suspirou, um misto de nostalgia e alegria.

— Sim, a simplicidade das coisas era tão boa. — Lucas concordou. — E o que você acha que mudou na sua vida desde então?

— Acho que aprendi a valorizar mais os pequenos momentos. A vida adulta pode ser corrida, mas é importante encontrar tempo para o que realmente importa. — Mariana

Vai para onde?

refletiu.

— É verdade. Às vezes, estamos tão focados em nossos objetivos que esquecemos de aproveitar o caminho. — Lucas disse, enquanto o trânsito começava a andar. A conversa fluiu naturalmente, e ambos se sentiam à vontade para compartilhar suas experiências e reflexões. O clima no carro era descontraído, sem pressa, como se o mundo lá fora não existisse.

— E se você pudesse dar um conselho para o seu "eu" mais jovem, o que diria? — Lucas perguntou, olhando para Mariana enquanto dirigia.

Ela pensou por um momento.

— Eu diria para não ter medo de errar e sempre se arriscar. Muitas vezes, são os erros que nos ensinam as lições mais valiosas.

— Ótimo conselho! Eu diria para aproveitar mais os momentos com a família e amigos. Às vezes, a gente se perde na correria e esquece do que realmente importa. — Lucas completou.

O trânsito começou a fluir, e enquanto eles conversavam, Mariana percebeu que, mesmo sem um clima romântico, havia algo especial na troca de histórias e experiências. O mistério sobre quem eram um para o outro se

Vai para onde?

dissipava lentamente, revelando uma amizade em formação, cheia de promessas e novas descobertas. E assim, a viagem continuou, com risadas, histórias e uma conexão crescente, enquanto o carro seguia seu caminho pelo Rio de Janeiro.

Enquanto o carro avançava pelas ruas iluminadas da cidade, Mariana e Lucas continuaram a conversar, mas uma leve tensão começou a pairar no ar. Algo não dito parecia flutuar entre eles, como se houvesse um mistério esperando para ser desvendado.

— Você já teve uma experiência que te fez mudar de ideia sobre alguém? — Lucas perguntou de repente, olhando para a estrada, mas com um tom que parecia mais profundo.

Mariana hesitou.

— Já sim... Às vezes, a primeira impressão não é a que fica. É curioso como as pessoas podem surpreender, não é? Ele assentiu, mas seu olhar estava fixo na estrada, como se estivesse pensando em algo mais.

— É verdade. Às vezes, temos uma ideia preconcebida e, quando conhecemos a pessoa de verdade, tudo muda. O clima no carro começou a mudar, e Mariana percebeu que a conversa estava se tornando mais introspectiva.

— E você? Alguma vez se surpreendeu com alguém que achou que não ia gostar?

Vai para onde?

Lucas respirou fundo.

— Sim, uma vez conheci alguém que parecia ser totalmente diferente do que eu imaginava. No final, se tornou um grande amigo. Mas... — Ele parou, como se estivesse escolhendo as palavras certas. — Também houve pessoas que me decepcionaram.

Mariana sentiu que havia mais na história dele, mas decidiu não pressionar. — É, a vida é cheia de surpresas. Às vezes, as pessoas podem nos ensinar muito sobre nós mesmos.

— Exatamente. E é interessante como essas experiências nos moldam. — Lucas disse, olhando para Mariana com uma expressão que misturava curiosidade e algo mais profundo.

A conversa fluiu mais uma vez, mas a leveza que antes preenchia o ambiente parecia ter dado lugar a um ar de mistério. Mariana começou a se perguntar se havia algo mais que Lucas queria compartilhar, algo que poderia mudar a dinâmica entre eles.

— Você já teve uma amizade que se tornou complicada?
— ela perguntou, tentando desvendar o que estava por trás da expressão dele.

— Sim, e foi complicado porque, no fundo, havia sentimentos que nunca foram ditos. — Lucas respondeu, a voz

Vai para onde?

mais baixa. — Às vezes, o que não falamos é mais significativo do que as palavras.

Mariana sentiu um frio na barriga. O que ele estava insinuando? Havia algo mais profundo entre eles, uma conexão que ia além da amizade? Mas o momento passou, e Lucas rapidamente mudou de assunto, como se tentasse evitar a profundidade da conversa.

— Mas, voltando ao que falávamos, você já pensou em como as experiências do passado podem moldar nossas decisões futuras? — ele perguntou, tentando trazer a leveza de volta.

Mariana concordou, mas agora havia um novo peso em suas palavras. — Com certeza. Cada experiência nos ensina algo, mas às vezes, nos deixa com perguntas sem respostas.

Enquanto o carro se aproximava do destino, Mariana não pôde deixar de sentir que havia algo não resolvido entre eles, um mistério que pairava no ar. O que realmente estavam sentindo um pelo outro? Havia algo mais que poderia ser explorado, ou estavam apenas criando uma amizade que poderia ser limitada pelo medo de se abrir?

Quando finalmente chegaram ao destino, o silêncio que

Vai para onde?

se seguiu era quase tangível. Mariana olhou para Lucas, e ele pareceu entender o que estava acontecendo. Ambos estavam cientes de que algo estava em jogo, mas o que era?

— Bom, aqui estamos. — Lucas disse, tentando romper a tensão, mas seu olhar dizia mais do que suas palavras.

— Sim, aqui estamos. — Mariana respondeu, seu coração acelerando. Havia uma sensação de que, independentemente do que acontecesse a seguir, aquele momento ficaria gravado em suas memórias.

Antes de sair do carro, ela pediu o telefone dele, caso precisasse de uma corrida.

— Você se importa se eu te chamar? Perguntou, enquanto se preparava para sair.

— Não, de jeito nenhum. — Ele sorriu, sentindo que aquele poderia ser o início de algo incrível.

E assim, enquanto se despediam, o mistério ainda pairava no ar: quem eram realmente um para o outro? O que o destino preparava para eles? Mas, naquele momento, Mariana e Lucas estavam prontos para se despedir apenas.

Poderiam ser mais do que duas almas perdidas em uma noite chuvosa?

Vai para onde?

O mistério sobre o que poderia ter sido entre eles ainda pairava no ar, como uma nuvem que não se dissipava.

O que realmente aconteceu naquela conversa? O que poderia ter se desenvolvido? Será que falaram a verdade?

Somente o tempo diria, mas, por enquanto, a incerteza tornava tudo ainda mais intrigante. Ambos sabiam que algo especial havia surgido, mas o que fariam com isso era um enigma que apenas o futuro poderia resolver. Afinal, tinham suas vidas e nelas coisas que não foram reveladas ali.

Vai para onde?



IGOR FÊNIX

Sou estudante de Letras pela UFJF e amante de literatura.

CEBOLAS DESCASCADAS

Igor Fênix

Sob uma gélida noite, ressoou de um longínquo sino uma triste e fúnebre melodia, que se assemelhava estranha e sutilmente ao tocar de um piano. As pedras da torre da igreja eram de um negrume tão denso que contrastava com o brilho do metal do sino, dourado e cintilante como um lampião. Suas batidas pesavam sobre o ar e pareciam atrair um bando de pássaros pretos e ruidosos. Não se via os olhos deles, tampouco a forma de seus corpos, apenas suas silhuetas bruxuleantes que sobrevoavam ao redor do campanário.

Ouvindo-os crocitar, Bento aproximou-se de um poste na beira da estrada e aguardou pacientemente a chegada de um carro. Vestia-se com um terno sóbrio, cuja gravata era branca e o paletó, azul de tão preto. Pôs a mão em um dos bolsos das calças e apalpou o que parecia ser uma moeda. Retirou-a e observou-a, reconhecendo uma caveira gravada num dos versos. Um arrepio percorreu lhe a espinha, porém ele apenas ergueu as sobrancelhas e ensaiou uma falsa normalidade. Ainda escutando tanto os pássaros quanto o sino, deu uma breve olhada ao redor. Seus olhos passaram pelo calçamento deserto de gente, de luz e de cores. Os ladrilhos e os azulejos, que costumavam possuir gravuras e mosaicos,

Vai para onde?

estavam lisos e cobertos por uma poeira que mais se parecia com pó de carvão. As lanternas dos postes, por estarem apagadas e rodeadas de uma turva fuligem, jogavam a extensão da rua num breu.

Bento abriu um relógio de bolso, no entanto achou que ele estava tentando o enganar, pois seus ponteiros estavam paralisados ao meio-dia, e essa mentira era delatada pelo severo céu daquela noite, que não tinha sequer uma única estrela. O único elemento que parecia ter alguma vida naquele cenário era o distante e dourado sino da igreja. Todo o resto à sua volta era como um quadro pintado somente por nanquim. Enquanto guardava o relógio, ouviu um outro barulho se sobressair perante ao do sino e das aves. Era o ronco de um motor.

Um Bentley clássico da década de trinta, cuja pintura era inteiramente preta, parou à sua frente. As rodas, além de serem tão escurecidas como a lataria, emanavam uma leve e oscilante fumaça. Enquanto Bento sentia um calor aquecer lhe o corpo, o vidro da janela do carro abaixou-se. Ele viu um homem magro, narigudo e de pernas longas. Ele vestia-se com um fraque preto, cartola branca e óculos escuros. Ele dardejou a Bento um sorriso honesto, que cortava seu rosto esquelético, e abriu a porta do veículo.

Vai para onde?

— Vai para aonde? — perguntou ele.

Bento entrou no carro e o calor aumentou um bocado.

O banco era confortável, mas não era dos mais modernos. O estranho motorista ofereceu-lhe um cigarro, que prontamente foi recusado, pois Bento tinha nojo de fumaça e do cheiro dela. O motorista franziu o cenho e puxou apenas um cigarro para si. Puxou misteriosamente um isqueiro da manga e, ao usá-lo para acender o fumo, ligou novamente o carro.

— Bento, não é? — disse ele, tragando o cigarro e guiando o Bentley pela sombria estrada. — Vai para aonde?

Bento, que ainda colocava o cinto, remexeu-se um pouco no banco.

— Bom, eu não sei.

O motorista sorriu.

— É claro que não sabe. Vocês nunca sabem. — disse ele. — Tem um charuto?

Bento olhou-o.

— Não, não tenho.

— Ah, bom. Os meus acabaram, restam-me apenas cigarros vagabundos.

Ao olhar para frente, Bento nada via. A rua estava tão obscura que parecia que uma nuvem trevosa cobria-lhe como uma cortina. O motorista, no entanto, seguia o trajeto com

Vai para onde?

bastante confiança, realizando as curvas com perfeição. O asfalto foi substituído por uma estrada de paralelepípedo, que fazia com que o carro tremesse. Bento começou a se irritar com a fumaça expelida pelo motorista e, ao observá-lo, percebeu que ele não usava cinto de segurança.

— Não vai pôr o cinto?

O homem riu.

— Para quê?

— E se batermos?

— Já foi-se o tempo que você precisava temer essas coisas, Bento.

— Como sabe meu nome?

— Eu não deveria?

— Eu não conheço você.

— Não?

— Qual seu nome?

— Pode me chamar de Barão.

— Barão?

— Barão.

— É uma espécie de título?

— Tanto faz. — Ele agarrou uma garrafa de vidro verde e, quando achou uma rua reta e pôde deixar o carro seguir, abriu-a com cuidado. — Só whisky, ou também gosta de rum?

Vai para onde?

Bento encarou-o de imediato.

— Você vai beber? Agora?

Barão sorriu.

— Oh, é verdade. Esqueci que você não bebe — disse ele. — Sou mesmo um péssimo taxista, não é? Esqueci que você tem nojo de bebida.

— Isso não importa.

— Não?

— Quem é você? Para onde está me levando?

— Ora. — Ele deu um longo gole no rum e apontou para a janela. — Diga-me você.

Bento olhou para o lado de fora. Viu um homem estirado sobre uma cama de hospital. Um amontoado de enfermeiros, um tanto preocupados e agitados, rodeavam-no como vespas. Ele tinha cabelos morenos bem ralos, uma pele bege e seca como papel velho e uma magreza moribunda. Bento, ao ver aquele pobre-diabo, sentiu uma dor no estômago.

— Deprimente, não é? — comentou o Barão.

Bento concordou. As narinas e as veias do homem estavam repletas de tubos, por onde passavam sabe-se lá quantas coisas que o mantinham parcialmente vivo. As mesas ao seu redor, cheias de remédios e seringas, tinham um odor

Vai para onde?

pungente, tão atordoante que podia desmaiar um boi. Os enfermeiros iam e vinham, levando agulhas, papéis e outros objetos de um lado para o outro, além de lixos hospitalares guardados em sacos plásticos. Enquanto a sala comovia-se numa balbúrdia angustiante, o homem definhava, inerte.

— Foi um suplício — murmurou Bento. — Uma vida de martírio.

— Uma vida de bosta; isso, sim — opinou o Barão. — Vejo que ainda dói.

Bento percebeu que estava com uma das mãos por debaixo do paletó, sobre a barriga.

— Um pouco — confessou ele. — Dor fantasma?

Barão soltou uma risada grave.

— Você tem senso de humor.

— O quê?

— Deixa para lá. — Ele baforou um pouco da fumaça.

— Eu entendo que ainda haja resquícios antigos que o machuquem. Seus intestinos são peneiras retalhadas, não é? Me dói só de imaginar.

— Não há nada de errado com meus intestinos — afirmou Bento. — Eu não sinto mais nada.

— Ah, não?

— Aonde está me levando?

Vai para onde?

— Devemos descascar as cebolas. Olhe, lembra daquilo?

Barão apontou seu dedo ossudo para a esquerda da estrada e Bento viu um homem se espatifar contra o piso num banheiro público. Era o mesmo que estava internado no hospital, mas tinha um pouco mais de cabelo e de gordura. Enquanto gritava agudamente de dor, ele caiu sobre o chão com as mãos na barriga. Debatia-se como um peixe. O escândalo chamou a atenção de uma moça jovem, que, apesar de ser mulher, não hesitou em adentrar o banheiro masculino devido à tamanha preocupação. O homem estava fedendo e com as calças todas imundas. A jovem assustou-se e saiu do banheiro, pedindo ajuda para outras pessoas da rodoviária. Bento, ao assistir aquele momento, sentiu-se envergonhado.

— Lembro...

— Não estava velho demais para isso?

Bento bufou.

— Às vezes, eu achava que iria conseguir viver sem ter que me preocupar em parar no hospital.

— Era só usar fralda...

— Isso não importa mais. É um alívio isso tudo ter acabado.

— Oh, olhe só.

Ao fazer uma curva, o Bentley passou em frente a uma

Vai para onde?

sala de cirurgia. Duas médicas abriam cuidadosamente o corpo daquele mesmo homem. Bento, agoniado, virou-se para o outro lado, negando-se a assistir.

— Essa foi depois de uma fistula, não foi? — perguntou Barão, voltando a tomar o rum. — Uma das últimas cirurgias.

Bento levou as mãos às têmporas.

— Estamos indo para que diabos de lugar?

— Você já sabe, não se faça de bobo. Estamos indo para a origem dos séculos. Torça para que eles, após os devassarmos, não se irritem e não nos esmaguem entre suas unhas, tão seculares como eles.

O Bentley passou sobre um buraco na estrada e Bento sentiu um solavanco. Enxergou um homem sentado no chão da cozinha de casa, com as costas escoradas na parede. Ele suava e gemia de dor, com as mãos apertando a barriga. Ele, num andar trôpego e sofrido, foi até a sala e agarrou o telefone. Barão olhou-o de vislumbre e, diminuindo a velocidade do carro, não segurou um sorriso fumacente.

— Já vivemos épocas em que o rum era melhor — disse ele, enquanto bebia. — Para quem estava telefonando?

— Não lembro. Talvez para...

— Seu filho? — interrompeu Barão, com uma risada. — Oh, acredito que não.

Vai para onde?

Bento encarou-o de modo incisivo.

— Não faria sentido, não é? — continuou a dizer o motorista. — Imagino que ele não o atenderia. Mas você também tinha uma filha, estou enganado?

Antes que Bento pudesse responder-lhe qualquer coisa, viu-se outra vez acorrentado numa cama de hospital. Não estava com um aspecto tão cadavérico como viria a ficar, porém seus olhos pareciam ter levado marteladas de tão fundos e seus músculos estavam um bocado flácidos. Ao lado da cama, havia um jovem varão, com fartos cabelos negros e um corpanzil firme, que conseguia manter-se de pé sem muletas. Ele não possuía suavidade no olhar, muito menos sensibilidade, somente uma rigidez férrea, como de uma falésia escarpada. O peito de Bento foi impregnado por um azedume, que lhe contagiou o semblante. Olhar aquele rosto, tão semelhante ao seu próprio, dava-lhe asco. Cerrou os punhos e virou-se para frente, vendo do vidro do carro a negritude da estrada.

— Não consigo encará-lo — disse ele, com uma voz opaca. — Acelere essa lataria.

Barão gargalhou.

— Adoro esse melodrama. — Ele acelerou com o Bentley. — Não vai perdoá-lo? O momento que vocês se

Vai para onde?

arrependem costuma ser esse.

- Sabe tudo da minha vida?
- Uma coisa ou outra.
- Então sabe que não posso perdoá-lo.
- Ah, não?
- Você o perdoaria?
- Não cobraria nada assim de meus filhos.
- Você não sabe o que é ser solitário.

Barão voltou a rir.

— Como vocês são bregas — disse ele. — Queria que ele te desse comida na boca? Pelo menos, ele o visitou vez ou outra. Diferente daquela moça ali.

O carro passou em frente a um quarto de um apartamento, onde havia uma mulher e um homem. A mulher, que vestia um grande casaco de pelugem vermelha acima de roupas marrons, segurava um bolo gordo de notas de dinheiro. De dentro do Bentley, não se podia escutar o que ela dizia, todavia estava nítido que ela discutia com o homem, cuja aparência estava um pouco menos acabada em relação aos outros cenários. Ela jogou o dinheiro sobre a mesa e, enquanto o homem tentava não chorar, saiu do apartamento, batendo a porta com tanta força que podia derrubá-la.

- Ela é uma fera! — falou Barão.

Vai para onde?

Bento deu uma bordoada na porta do carro. Ele rapidamente pediu desculpas, que foram aceitas sem rúgas, e levou as mãos ao rosto, esfregando-o até avermelhá-lo. Por um instante, ele pareceu um tanto instável.

— Eles me abandonaram — afirmou ele, com uma convicção empedernida. — Não posso perdoá-los. Quando eu mais precisava, eles me abandonaram.

Barão olhou-o de soslaio. Pensou em fazer algum comentário ácido, entretanto, ao ver uma expressão cabisbaixa em seu rosto, respeitou-o e ficou em silêncio. Levou o cigarro até a boca e, ao tragá-lo lentamente, soprou uma fumarada, que saiu pela janela e se dissipou pelo vento. Os olhos de Bento estavam secos, mas um pouco vermelhos. Sua respiração, um pouco arfante. As mãos ainda estavam sobre a barriga.

— Quando recebi o diagnóstico, achei que o maior desafio seria deixar de comer uma coisa ou outra — murmurou ele. — Eu costumava gostar de bife de fígado, sabe. As médicas, contudo, disseram que eu tinha que evitar.

— Fígado? É um paladar maduro.

— É claro. Era isso que eu dizia para meus filhos — ele sorriu —, quando eles eram meninos.

— Eles não comiam?

Vai para onde?

— Não gostavam, mas eu os obrigava a comer.

— Por quê?

— Ora, porque é bom.

— Entendo. — Barão tomou um gole do rum. — Bom, não é qualquer um que gosta.

— Eles tinham que gostar. Digo o mesmo com azeitonas.

Odiavam.

— Também fazia com que comessem?

— É claro, é claro. Gostos precisam ser construídos.

— Aceita um cigarro?

— Já disse que não.

— Ah. Bom, quando as coisas começaram a piorar?

Bento pareceu pensativo.

— Lembro de quando senti uma dor aguda na barriga pela primeira vez — disse ele. — Pensei que fosse algo de incomum ou estragado que havia comido, ou apenas uma diarréia mais agressiva.

— E o que era?

— Meus intestinos estavam completamente inflamados. A dor era diferente, sabe. Era como se, pouco a pouco, eles estivessem se rasgando e se desfazendo, como papel molhado.

Barão ergueu as sobrancelhas e ajeitou os óculos.

— Teve que lidar com isso tudo sozinho?

Vai para onde?

Bento assentiu.

— Meus filhos me ajudaram muito pouco, normalmente só com dinheiro — disse ele. — Nesses momentos, dinheiro é o que menos importa. Sou um ser humano, sabe. O que nos conforta verdadeiramente é afeto, amor. Eu não tinha ninguém para conversar, ou desabafar.

— Acha que essa solidão ajudou a te dar cabo?

— Tenho certeza. Por isso, tenho dificuldade de perdoá-los. Eles me deixaram morrer.

— Não acha que pode estar sendo injusto?

Bento ficou quieto por um tempo.

— Às vezes, sim — confessou ele. — Sabe, são meus filhos, apesar de tudo. Vez ou outra, eu me perguntava se eles tinham razão. Eu era um adulto. Podia me virar sozinho. Mas eu sentia falta de algo, sabe... De um calor, de um abraço.

Barão diminui a velocidade do carro. Num longo sorvo, matou o que restava de rum na garrafa. O líquido quente desceu pela sua garganta, aquecendo lhe até a alma. Embora ele já estivesse dirigindo há um tempo, ainda conseguia ouvir o tétrico badalar do sino da igreja. Pelo retrovisor do Bentley, ele pôde ver o brilho dourado do campanário. Os olhos de Bento estavam à deriva num mar frio. Seus olhos marejaram e sua boca ficou trêmula. Barão puxou o isqueiro de sua manga e

Vai para onde?

acendeu um cigarro. Deu-lhe para seu passageiro. Bento o encarou com estranheza e um pouco de repulsa, mas ela logo se desmontou e se transformou em uma hipocondria murcha. Bento, talvez por estar começando a entender que a batalha já havia se findado, abaixou a guarda. Aceitou o cigarro. Barão, sem mostrar os dentes, sorriu de modo amigável, condescendente.

Uma nova cena se desdobrou à esquerda do carro. Enquanto Bento fumava distraído, Barão a observou. Duas crianças, um menino e uma menina, desenhavam juntas. O menino rabiscava buquês de flores, que continham o que pareciam ser margaridas e lírios. A menina, por sua vez, desenhava um jaguar.

As flores tinham nomes, e sobre cada uma delas havia pequenos desenhos de casas e de animais, como se acima de cada buquê houvesse uma fazenda ou aldeia. As margaridas suportavam fazendas com casas redondas e animais mamíferos, enquanto os lírios, casas triangulares e animais que mais se assemelhavam a aves e répteis. O garoto construía, de flor em flor, uma grande rede que estava prestes a se tornar um feudo. A menina pintou seu jaguar de azul. Ao lado dele, ela fez várias estrelas e vários grandes círculos, dando-lhes dotes de planetas. O jaguar cósmico, em meio aos astros que o circundavam,

Vai para onde?

observava os mundos e as estrelas com seu olhar azulado e curioso, mas mantendo-se sempre afastado.

Veio um homem tonto e cambaleante. O cabelo desgrenhado e a cara amassada misturavam-se ao seu cheiro horrível e tornavam-no uma figura desagradável. Segurava uma garrafa esverdeada de *whisky*. As crianças se amuaram e o ignoraram. O homem, porém, ao ver os tão ilógicos desenhos, agarrou-os e gargalhou deles. A risada áspera, comprida como o frêmito de um trovão, parecia poder trincar as vidraças das janelas. Ele jogou a garrafa sobre o chão, molhando com bebida os demais papéis e os lápis, e rasgou tanto as cidades floridas quanto o jaguar cósmico.

— É claro — disse Barão, queimando a última bituca do cigarro. — Devemos descascar as cebolas.

Ele parou o Bentley. Estacionou diante uma torre imensa, feita de um concreto negro, que erguia-se até a mais distante profundidade do céu. As portas dela eram de uma madeira nobre ornamentada com peças metálicas. De cada um dos lados, havia candelabros apagados e de ferro escurecidos. No pico da torre, via-se um sino de ouro dentro de um campanário. Os seus fúnebres tocares, que ressoavam como numa caverna, assemelhavam-se aos toques de um piano. Acima da entrada, havia uma placa de madeira com uma frase

Vai para onde?

inscrita. Barão, ao lê-la, sorriu.

— *Deixai toda esperança, vós que entrais* — entoou ele.

— Chegamos.

Bento, tímido, saiu do Bentley e pisou sobre o calçamento. Ele enfim havia entendido a natureza daquele edifício e, quando leu a saudação de chegada cravada na entrada, pareceu um tanto temeroso.

— Pago-lhe com meus agradecimentos — disse ele.

— Recuso — disse o motorista. — Não trouxe a moeda?

Apalpando os bolsos, Bento achou a fria moeda com uma gravura de caveira. Um novo arrepió percorreu lhe a espinha, mas ele não foi capaz de fingir normalidade. Jogou-a, no entanto, para Barão, que agradeceu num gesto com a cartola.

— Boa sorte — disse ele, acendendo outro cigarro. —

Até mais.



FERNANDO COZZI

Fernando Cozzi é escritor, poeta, cronista e crítico literário. Apresentador do Programa “Papo Cultural” na Rádio Amor & Vida no Facebook. Presidente da FEMALPC (Federação Mundial de Literatura Artes Paz e Cultura) Comendador da Elo Social. Doutor Honoris Causa pela Paz (Yamamah Academy- Emirados Árabes) e Honoris Causa em Literatura (Centro Samaritano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos) Autor convidado da FLAL. Participou do Projeto Poesia na Escola Pública- Projeto Uno (Coimbra /Portugal) Semana Nacional Literária Digital. É Membro da AIAP(Academia Intercontinental de Artistas e Poetas). Acadêmico Imortal da FEBACLA (Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes). Premiado com as medalhas de Mérito Histórico Cultural, Mérito Acadêmico e Acadêmico Internacional. Publicou o seu livro Silêncio do Coração na Amazon e atualmente, prepara o seu próximo livro.

DONA CELESTE E O UBER DA AVENTURA

Fernando Cozzi

Se eu soubesse que aceitar a corrida de Dona Celeste mudaria minha vida, talvez tivesse preparado melhor meu psicológico. Porque, meu amigo, essa senhorinha de quase setenta anos carrega no corpo um espírito de vinte e a coragem de um piloto de Fórmula 1.

Tudo começou numa terça-feira de calor carioca. O aplicativo tocou: "Passageiro: Dona Celeste". Nome simpático. Quando estacionei, ela entrou com um pote de açaí na mão, segurando como se fosse uma relíquia sagrada.

— Filho, dirige como se tivesse um bebê recém-nascido no banco de trás, porque, se balançar muito, eu viro um Jackson Pollock de açaí.

A missão era clara: levar Dona Celeste e seu açaí intactos. Mas dirigir no Rio sem solavancos é como tentar dançar frevo em cima de um slackline. Buraco, quebra-mola, motoboy cortando pela direita... Cada curva era um teste de precisão.

Ela ia narrando:

— Isso! Suave, igual veludo... Ai, ai, buraco!

Depois de dez minutos de tensão, chegamos ao destino. Dona Celeste olhou a blusa intacta e comemorou como quem

Vai para onde?

vence uma final de Copa do Mundo.

— Motorista cinco estrelas! Vou até te favoritar no aplicativo.

Eu ri, achando que nunca mais a veria. Como fui ingênuo.

Duas semanas depois, quem aparece de novo? Dona Celeste! E, dessa vez, com outro pedido inusitado.

— Filho, hoje é dia de adrenalina. Vamos ao Saara.

O Saara, para quem não sabe, é o centro comercial mais caótico do Rio. É tipo o Mercado Popular do Paraguai com calor de deserto.

No caminho, ela já dava as instruções:

— Se não achar vaga, estaciona na fé e na coragem.

— Dona Celeste, eu vou ser multado!

— Ah, multa é só uma carta do governo dizendo que você dirigiu animado.

Ela desceu do carro com a energia de quem ia para uma batalha. Quinze minutos depois, voltou carregada de sacolas, mas feliz da vida.

— Conseguí o que eu queria! Camisetas a dez reais!

Quando voltamos ao carro, um fiscal já se aproximava com o bloquinho de multas.

— Boa tarde, senhor...

Vai para onde?

Antes que eu abrisse a boca, Dona Celeste já foi no jeitinho carioca:

— Meu anjo, sabe como é, né? A idade pesa, precisei sentar um pouco... Você tem avó?

O fiscal parou. Suspirou. Olhou para mim e murmurou:

— Vai... Só vai...

Nunca subestime o poder de uma senhorinha carioca.

Outro dia, Dona Celeste me chamou de novo. Dessa vez, seu destino me assustou:

— Filho, preciso ir ao Parque de Diversões no shopping.

— A senhora gosta de montanha-russa?

— Eu não. Mas apostei com minha vizinha que iria na mais radical.

No caminho, ela me contou sobre a rivalidade com a vizinha, Dona Lourdes, que dizia que ela não tinha coragem.

Chegamos lá, e eu achei que era só uma brincadeira. Mas não. Dona Celeste foi até a bilheteria e comprou um ingresso.

— Vai comigo? — perguntou.

E foi assim que acabei em uma montanha-russa ao lado de uma senhora de setenta anos, que gritava mais do que qualquer adolescente ao redor.

Quando saímos, tremendo, ela bateu no meu ombro e

Vai para onde?

disse:

— A vida, filho, é que nem essa montanha-russa. Se você não grita, perde a graça.

Eu nunca mais subestimei Dona Celeste.

Desde então, sempre que vejo o nome dela no aplicativo, já sei que o dia vai ser inesquecível. Porque ser Uber no Rio já é uma aventura, mas ser Uber da Dona Celeste é um esporte radical.

Vai para onde?



ELIZABETE DANTAS DE ARAUJO LIMA

Sou Elizabete Dantas de Araujo Lima, Administradora de Empresas, Cursando Psicologia, estagiei em Psicologia Jurídica e Psicopedagogia. Participei de uma pesquisa científica sobre adoção legalizada com minha Professora e supervisora de Jurídica. Tenho 53 anos e gostava de ler poesias na infância e amava declamá-las! Sou Escritora amadora e já escrevi um livro infantil não publicado e estou escrevendo um Romance. Amo a arte em geral!

NO DIVÃ DE UM BANCO DE TÁXI

Elizabete Dantas de Araujo Lima

Pedro era um rapaz alto, branco, 39 anos, olhos castanhos claros esverdeados e cabelos castanhos claros com alguns grisalhos e ondulados. Seu corpo era forte, porém com uma pequena barriguinha de chope. Era uma pessoa muito comunicativa, um bom ouvinte, inteligente e bem humorado. Gostava muito de conversar com seus passageiros. Costumava também dar conselhos às pessoas que se identificavam com ele e sentiam certa liberdade de se abrir e contar seus problemas. Ele dizia que o banco de trás do seu carro era um divã e que se ele não tivesse optado pelo curso de administração seria Psicólogo. Ele trabalhava como taxista de dia e cursava o sétimo período de Administração de Empresas à noite. Seu carro era um Toyota Etios Sedã preto com espaço interno e de porta-malas, além de direção estável e segurança. Pedro mantinha seu carro sempre limpo e perfumado com uma essência suave de lavanda. Ele tinha um suporte no banco de trás para guardar mimos que oferecia aos clientes tais como revistas, balas e água como cortesia.

Certo dia Pedro fez uma corrida para o Fórum no RJ que ficava próximo de sua residência, então resolveu passar em casa para almoçar e tomar um banho, pois fazia muito calor e

Vai para onde?

ele iria à Universidade às dezenove horas e tinha combinado com os amigos um happy hour após as aulas para comemorar o final das provas. Ele era um homem muito vaidoso e charmoso! Gostava de ir às aulas sempre com roupas elegantes e bem perfumado. Não era tão bonito assim, mas tinha um jeito de falar e se comportar que o deixava bem atraente. As mulheres geralmente davam em cima dele. Pedro tinha algo de especial, talvez o sorriso ou o olhar penetrante e muita simpatia.

Depois de tomar um banho, almoçar e escovar os dentes Pedro recebeu um chamado da Empresa de táxi para a qual trabalhava informando-o que teria uma corrida do Aeroporto até o Hotel Copacabana Palace. E que o nome da passageira era Andressa. Ele que já era bem mulherengo pensou em voz alta: — Hummm... Espero que seja uma gatona! Quem sabe me convida para tomar um drink em seu quarto! Hoje eu estou carente já que a Paula não vai à chopada eu preciso de um trato, ainda mais num Hotel de luxo desses! — A Paula era uma colega da Universidade, que ficava com ele de vez em quando.

Então, ele pegou as chaves e foi tirar o carro entusiasmado! Afinal não é todo dia que surge uma passageira que vai se hospedar num Hotel de luxo! Ele já pegou várias

Vai para onde?

mulheres no banco de trás de seu carro, mas eram tudo mulheres fáceis. E afinal de contas ele é um homem livre! Agora essa ele imagina que seja uma mulher mais requintada. Fina, mais difícil de conquistar. Afinal está vindo de avião do exterior para uma hospedagem cinco estrelas na zona sul do RJ.

Ao chegar ao Aeroporto estacionou o carro e foi para o portão de desembarque. De repente ele avista uma mulher saindo do elevador com o carrinho cheio de malas. Ela era alta, magra, negra, cabelos com cachos bem definidos, tipo black power, com mechas cor de mel super brilhosos e bem hidratados, que contrastava com sua pele sedosa e suave, rosto com traços delicados, lábios carnudos, linda com aparência de Modelo de Passarela e um perfume, que é claro só poderia ser Francês daqueles bem caros e sofisticados.

Pedro pensou: — Nossa que mulherão! Esquece Pedro! Essa aí não é para o seu bico! — Então ela deixou cair seu xale de seda pura, que envolvia seus ombros. Ela estava usando óculos escuros de marca cara que dava para perceber pelo estilo glamuroso. Pedro correu imediatamente em sua direção para pegar o chalé dela no chão e disse: — Não se mexa Senhorita pode deixar que eu pego! — Ele não perdeu tempo olhando discretamente para as mãos da moça confirmando se tinha aliança de casada ou não! E disse: — Por acaso o seu

Vai para onde?

nome é Andressa? — Ela respondeu estendendo as mãos apóis observá-lo bem de cima a baixo tirando seus óculos e levando uma das pernas destes à boca e em seguida pendurando-os no decote da blusa: — Sim Senhor a própria! Sou Andressa Smith, mas pode me chamar de Andressa! Estou indo à um Congresso no Hotel Copacabana Palace! Deixa-me adivinhar! Você deve ser da Companhia de Táxis Copacabana! Acertei? — Ele sorriu e com muita gentileza confirmou: — Sim Senhorita! Sou Pedro de Albuquerque e pode me chamar de Pedro, ao seu dispor! — E os dois apertaram as mãos! Pedro continua: — Desculpe perguntar, mas a Senhorita vem de onde?

— Eu venho de New York, mas antes que pergunte sou metade brasileira por parte de mãe e metade americana por parte de pai! Vivi aqui no Brasil até os 13 anos. Depois fui morar com papai, pois queria estudar por lá e conhecer melhor sobre minha paixão que era o mundo da beleza! Por isso falo bem os dois idiomas: Português e Inglês! Mas vamos andando para o carro por gentileza e no caminho conversamos! — Disse Andressa se abanando com um leque e reclamando um pouco do calor!

Pedro pega o carrinho de suas mãos e caminha junto com ela em direção ao carro. Ele abre a porta do banco traseiro para ela entrar pegando em suas mãos como gesto de

Vai para onde?

gentileza para que ela se apoie, liga o ar condicionado e oferece à ela revistas, água, balas e chocolates. Ela agradece e diz que está de dieta, mas aceita a água e as revistas. Então, ele abre a mala e guarda as bagagens de Andressa, depois entra no carro pergunta se ela deseja ouvir rádio, se prefere música ou notícias e seguem sentido Copacabana. Ela diz que gostaria de música brasileira e que está morrendo de saudades do Brasil em específico do Rio de Janeiro. E vão continuando a conversa pelo caminho! Ela olha tudo com os olhos marejados de saudades da época em que viveu aqui. Não somente pelo lugar, mas especificamente pela saudade eterna de sua mãezinha que já estava doente com leucemia quando ela foi morar em N.Y com seu pai. Ela diz com o olhar paralisado como se buscasse em algum lugar na memória algo tão dolorido que mudou sua expressão facial demonstrando uma tristeza e saudade imensa com a voz meio trêmula e as lágrimas que não se conteram caindo em seu belo rosto borrando a maquiagem de seus lindos olhos amendoados ela desabafou com Pedro dizendo: — Eles esconderam de mim a doença de mamãe! Eu não sabia que era fatal! Que ela estava com câncer e desenganada pelos Médicos! Se eu soubesse disso jamais teria ido embora! Eu ficaria aqui e cuidaria dela até o fim! Nem no funeral eu fui, pois só me contaram depois no dia seguinte

Vai para onde?

após o enterro! Disseram-me que ela estava no Hospital se tratando, então eu me organizei para voltar ao Brasil e cuidar dela. Pedi ao papai que comprasse minha passagem e ele disse que não conseguiu para aquele dia. Só teria para três dias depois. Foi quando me informaram sobre o falecimento dela!

Pedro olhou pelo retrovisor compadecido e lhe ofereceu uma caixinha de lenços de papel para secar as lágrimas que escorriam por aquele rostinho de mulher tão empoderada, forte, poderosa, inteligente, mas com um olhar intrigante, que a maquiagem escondia! Uma mulher adulta e vitoriosa profissionalmente com um sorriso de menina surgiu ali dentro de seu carro. Já não era novidade para ele ver pessoas naquele banco traseiro, que ele chama de divã, se abrirem com tanta transferência como se já o conhecesse de forma tão afetuosa e com tanta confiança em falar de coração aberto tudo o que vem da alma! Ela pegou a caixinha de lenços das mãos dele e limpou o rosto, assuou o nariz, bebeu um pouco d'água e ao olhar para o lado viu que já estavam na Orla de Copacabana na Avenida Atlântica. Então, pediu a Pedro que estacionasse um pouco ali para ela pisar na areia, molhar os pés na beira da praia recebendo as boas vindas dessa Cidade que ela ama e tomar uma água de coco geladinha com ele e conversarem melhor! Perguntou se ele poderia fazer isso por

Vai para onde?

ela e disse que gostaria de contratá-lo para levá-la a uns passeios pelo RJ, enquanto estiver hospedada ali! Ele respondeu positivamente enquanto estacionava o carro: — Mas é claro Senhorita! Depois vou te passar meu contato e sempre que precisar é só me chamar, será um grande prazer! — Ao dizer isso Pedro saiu do carro e foi abrir a porta para ela com gentileza lhe oferecendo a mão para apoiar-se como um bom cavalheiro. Andressa agradeceu a gentileza e caminharam um pouquinho mais a frente até o sinal e atravessaram a Avenida Atlântica em direção ao mar, que estava calmo e azul da cor do céu! Chegando ao calçadão tiraram os sapatos, no caso dela sandálias dourada de salto fino e alto, que a deixava ainda mais elegante. E ao pisar na areia macia ela disse: — Nossa que sensação boa depois de tantos anos eu aqui de novo nesta praia em que passei minha infância toda brincando nessa areia e nesse mar! — Ao falar isso uma onda rasteira e morna molha seus pés e ela sorri abaixando-se e pegando um pouco da água e molhando seu rosto como que contemplando aquela natureza tão linda! De repente ela olha para ele que tenta não se molhar e dá um belo sorriso com cara de menina travessa e joga água nele com as palmas das mãos em formato de concha brincando como uma moleca e ele retribui dando uma gargalhada e diz: — Ahhhh então a senhorita quer brincar né!

Vai para onde?

Ele corre atrás dela e a toma no colo com seus braços fortes e caminha para dentro do mar. Ela grita: — Não Pedro, pare! Não me molhe! — Ele sorri e percebe que ela está gostando da brincadeira, então diz: — Ah agora a Senhorita não quer se molhar né! Tarde demais! — E nisso vem uma onda e ele mergulha com ela no colo. Ela estava toda de branco e sem sutiã. Seus seios pequenos ficam arrepiados e a blusa ao molhar torna-se transparente! Eles se entreolharam ainda dentro da água nos braços dele e quase saí um beijo. Ela diz: — Homem você é louco! E agora como vou chegar ao Hotel assim toda molhada! — Batendo nele com leves tapinhas de brincadeira! Ele sorriu e disse: — Ahhh relaxa! — Colocando-a no chão já na areia! Estou feliz agora, porque a Senhorita parou de chorar! Está sorrindo e brincando com um semblante leve! É assim que eu gosto! — Ela parou de sorrir e olhou profundamente em seus olhos e perguntou: — O que você disse? Você gosta? — Aproximando-se bem de seu rosto! Ele a encarou e dessa vez não deixou passar! Pegou-a pela cintura e deu-lhe um beijo avassalador e cheio de desejo! Ela correspondeu, mas logo o largou chegando um pouquinho para trás e sorrindo com as duas mãos na boca e ainda olhando em seus olhos disse: — O que foi isso? Que doideira! — E deu uma gargalhada não sabendo se voltava e continuava a beijá-lo

Vai para onde?

ou se fugia dele! Ela no fundo gostou, mas ficou confusa. Ele caminhou em sua direção com aqueles olhos castanhos esverdeados fixados nos dela e tirou a camisa jogando-a na areia e mostrando aquele peitoral cabeludo e forte, com os lábios bem pertinho um do outro disse: — Por que, você não gostou? Então devo estar louco, pois senti a sua língua brincar com a minha e seu coração acelerar! E o bico do seus seios estão arrepiados! Dá uma olhadinha para baixo Senhorita Deusa do Ébano! Está sem sutiã! Eu odeio sutiãs! E sorriu sem perder o ar sedutor. Ela envergonhada olhou para os seios e olhou para ele com cara de safadinha e disse: — Já sei o que vou te pedir hoje para me ajudar! — Ele disse: — Hoje? — Ela respondeu: — Hoje não! Agora! — Ele ansioso e cheio de desejos envolveu seus braços musculosos em sua cinturinha fina puxando-a para si implorou! — Diga logo, sou seu súdito! — E ela ordena: — Vamos já para o Hotel! — Ele sem entender pensou que ela queria sair daquela situação em que estavam envolvidos e queria ir embora para o Hotel despedindo-se dele! Então ele pegou suas coisas na areia e disse: — Ok! Tudo bem vamos lá! Te deixo no Copacabana Palace em cinco minutos! E te peço desculpas se avancei o sinal com você, mas realmente achei que você também estava afim! — Ela puxou o braço dele e disse: — Olha para mim! Acho que você não entendeu nada!

Vai para onde?

Eu não quero ir para o Hotel e ficar sozinha! Eu quero que você venha junto comigo! Agora! Você não é meu súbito? Então vai ter que me dar um banho no meu quarto na banheira de hidromassagem! Depois me levar para a cama e fazer massagem no meu corpo, porque estou exausta da viagem! — Ele sorriu aliviado e disse: — E depois da massagem na cama o que queres de mim? — Ela respondeu: — Que beije a minha boca! — E já dentro do carro ele diz: — Nossa isso tá ficando quente! E depois do beijo? — Ela sorriu com jeito de malvada e disse: — Aí você vai descendo e... : — Ele já excitado perguntou: — E? O que mais mulher? — Ela sorriu e disse: — O resto eu te explico na hora! Vamos acelera! Você tem dois minutos para chegar lá! — Ele saiu feito louco cantando pneus!

Chegando lá os manobristas vieram recebê-los e ela disse! — Entregue a chave do carro a ele apontando para o rapaz que estava ao lado da janela do motorista uniformizado. Então Pedro fez o que ela pediu! O outro rapaz abriu a porta carona, pois agora ela já estava no banco da frente e disse: — Sejam bem-vindos Senhor e Senhora... Smith! — Completou ela! — Por gentileza vou acompanhá-los até a recepção! Sigam-me por aqui! — Então eles o seguiram de mãos dadas atrás do rapaz. Na recepção pediram que se identificassem e prenchessem o cadastro. Ela disse: — Boa tarde Senhor! Sou

Vai para onde?

Andressa Smith e vim para o Congresso de Beleza! Estou muito cansada e gostaria de descansar primeiro e depois interfono pedindo que me levem os papéis de cadastro até lá! E por favor, não gostaria de ser incomodada até que eu peça o nosso almoço! — Dizendo isso deixou umas notas altas em dólares sobre o balcão e o funcionário compreendeu que se tratava de gente de poder e cumpriu o que ela pediu! Pedro e Andressa caminharam em direção ao elevador molhados da água do mar e sujos de areia. Todos olharam, mas ela não ligou e beijavam-se ardente mente como se ninguém estivesse ali! O rapaz que trouxe as malas foi pelo elevador de serviço, mas chegaram ao mesmo tempo lá. Os dois estavam loucos para se pegar então, ela pediu para o rapaz largar as malas dela bem na entrada. Ela deu uma excelente gorjeta a ele, que saiu feliz da vida!

Ao entrarem já foram se pegando loucamente! Ela viu que tinha uma mesa cheia de morangos, chantilly e um balde de gelo com champanhe Francês. A banheira de hidromassagem já estava preparada com água morna e sais minerais. O ar condicionado no ponto! Tudo no esquema era só deitar e rolar. Pedro nunca tinha visto tanto luxo! Ela serviu o champanhe para ele e para ela também! Colocou uma música sensual e começou a despir-se lentamente levando um morango molhado no champanhe e melado no chantilly a boca

Vai para onde?

e aproximando-se dele coloca a fruta entre seus lábios e de Pedro o provocando para morder junto com ela e beijaram-se ardenteamente com sabor de morango!

— Curtiram até o dia amanhecer! Ele disse à ela:

— Nossa, eu nunca tive uma mulher tão maravilhosa como você! Estou fascinado pela sua boca, seu corpo, seu olhar, seu jeito, seu sexo e tudo enfim! Depois de você acho que não vou conseguir sentir mais nada por ninguém! Você me deixou fraco mulher acabou comigo! E agora como será? Eu nunca mais vou te ver! Você vai embora como um sonho e eu vou ficar aqui nessa minha vidinha sem graça, solitário e desiludido!

— Ela acaricia os cabelos dele e diz: — Ah para! Você deve ter seus casos por aí! Duvido que gostoso e gente boa como você é não tenha seus contatinhos! E também... — Ele olhou firme para ela e perguntou: — E também o que desembucha! O que se passa aí nessa cabecinha hein? Pode falar que eu respondo com sinceridade! — Ela sorriu meio pensativa e disse: — Ah vai me dizer que eu fui a única passageira que você levou pra cama? Já rolou sexo dentro do seu carro no banco de trás com alguma passageira sua? Quero saber a verdade olhando nos meus olhos hein? — Ele sorri e diz: — Não claro que não! — Ele sorri com cara de cínico! Agora falando sério, eu já fiquei com algumas, mas nenhuma como você! Eu não estou falando de

Vai para onde?

grana não! Estou falando de você como um todo! Te achei um mulherão assim que te vi saindo daquele elevador. Toda cheia de malas e deixando o lenço cair meio atrapalhada, mas classuda, sexy, elegante, simpática, educada, cheirosa e depois que se abriu e se emocionou lá no carro me contando suas dores, sua vida... E quando chorou então, eu fiquei louco por ver a sua forma sensível e humana em relação à sua mãe! Eu também perdi a minha e imaginei a sua dor! Te entendi perfeitamente naquele momento! Na praia também você abriu pra mim o seu lado moleca, menina, sapeca, bem humorada, divertida, enfim, ali fechou o pacote! Parecia filme de comédia romântica! Juro! Ali você me conquistou! É claro que aqui na cama, na banheira em tudo que rolou eu acabei de ficar de quatro por você! Poxa, tu tirou meu couro mulher! Sério mesmo! E pior que eu gostei e muito! Por mim não tinha parado até agora! — Eles gargalharam e se beijaram, quando o estômago dela roncou. Ele disse: — Opa, eu ouvi um sapo aí do teu lado! — Ele era muito brincalhão também como ela e começaram a rir novamente! Até que o interfone tocou e perguntaram se eles desejariam tomar o café da manhã no quarto ou no salão! Ela levantou-se rapidamente e perguntou que horas eram? Pedro olhou no seu relógio ao lado da cabeceira e disse ligeiro: — São 10 horas! — Ela apressada

Vai para onde?

pediu para trazer no quarto! E ele disse: — Você deve ter compromisso agora pela manhã né! Tudo bem eu entendo! Se você não for tomar café eu também não tomo! E se precisar de carona eu te levo para onde quiser! — Ela disse: — Não calma! Nós ainda temos um tempinho! Vamos tomar café aqui no quarto, depois tomamos um banho daqueles com direito a massagem e se você puder ir comigo a um lugar muito especial pra mim eu serei muito grata! Ei, lembra que combinamos de você me levar para passear na Cidade? Então, e eu vou te pagar por este serviço! Afinal será meu motorista particular por esses dias! — Ele não pode resistir e falou animadinho: — Oba! O banho com massagem é minha parte preferida! E para onde iremos depois? — Ela ficou com o semblante meio triste e disse: — Quero ir ao Cemitério do Humaitá, onde se encontram as cinzas de mamãe! Quero jogá-las no mar e fazer uma oração lá para ela! E também gosto de conversar com seu espírito como se ela me ouvisse! São hábitos meus! Sinto-me melhor assim! — Ele a abraçou e beijou sua testa dizendo: — Tudo bem querida eu te entendo! Estaremos juntos nessa! Conte comigo! — E abraçaram-se forte por alguns minutos! Até que a campainha tocou! Era o café! Ele tentou animá-la fazendo um comentário divertido! — Oba! Vamos mocinha tá na hora de alimentar esse sapo aí! — Ela sorriu e disse: — Você

Vai para onde?

é bobo mesmo! Não tem como ficar triste do teu lado! — Ela vestiu um roupão preto de veludo e foi em direção à porta receber o café! — Ela abriu a porta e pediu para o garçom deixar o carrinho na sala. Pedro vestiu seu roupão e foi até a sala ver o que tinha de bom e disse: — Nossa isso é um almoço! Eu só dispenso essa sobremesa aí, porque essa pretinha aqui é muito mais gostosa! — Ele disse isso agarrando ela por trás beijando e cheirando seu pescoço! — Nossa e esse cheirinho de pera madura! Ahhh... Dá vontade de morder! — Ela sorri e pega um cacho de uvas e dá na boca dele, que logo se excita e puxa ela de volta pra cama numa brincadeira deliciosa entre uma frutinha e um pão de queijo ou uma torradinha com paté e um amasso na cama. E ficaram ali até umas treze horas nessa pegação. Da cama para o chuveiro, do chuveiro para o sofá, do sofá para o tapete e finalizando na banheira de hidromassagem. Até que eles dormiram agarradinhos naquela água morninha cobertos de espumas e exaustos de tanto brincar! Até que ela se mexeu e ele despertou falando: — Querida não querendo ser estraga prazeres, mas eu tenho que te lembrar do seu compromisso! Já são treze horas da tarde! — Ela respondeu: — Tá bom já vou sair e dar uma chuveirada! Só mais um pouquinho! Essa agua tá tão morninha e relaxante! Faça um pouquinho de massagem aqui no meu pescoço! Acho

Vai para onde?

que dei um mau jeito! — Ele responde: — O minha pretinha tem certeza que você quer me pedir isso? Eu não me responsabilizo hein! Eu acho melhor a gente tomar uma ducha fria e um café quente! — E deu um cheiro no pescoço dela! Ela despertou e sorriu levantando-se e indo para o chuveiro e logo em seguida ele foi atrás. Secaram-se e vestiram-se saindo apressados! Passando pela recepção ela deixou tudo pago antecipadamente. O manobrista pegou o carro de Pedro e o entregou juntamente com a chave. Eles entraram e partiram para o cemitério. No caminho ela pediu para ele dar uma paradinha em uma floricultura. Ela comprou algumas rosas brancas para jogar no mar junto com as cinzas. Chegando ao cemitério ela pediu as cinzas e fomos até a subida de São Conrado para ela jogar as cinzas no mar com as flores e fazer suas orações. Conversou mentalmente com sua mãe e foram embora. Ela saiu de lá um pouco mais leve sentindo-se como se estivesse com sua missão cumprida! Ele era um pouco mais alto que ela e a abraçou acariciando suas costas e beijando sua cabeça que estava recostada em seu peito! Ela sentia-se amparada e consolada por ele! Mal se conheciam, mas já tinham muita intimidade e confiança! Andressa era uma grande Empresária da área da beleza! Ela era dona de uma linha de produtos revolucionários para cabelos crespos. Ela era

Vai para onde?

uma das mulheres mais ricas dos Estados Unidos! Faturava anualmente milhões de Dólares neste segmento de Mercado e veio para o Brasil para participar de um Congresso no Hotel Copacabana Palace no RJ. Sua meta Empresarial era expandir seus negócios pelo Brasil onde havia grande probabilidade de expansão comercial da sua linha de produto. Ela era uma mulher muito famosa no Mundo dos negócios e a mais rica com um acúmulo de muitos milhões de Dólares investidos em imóveis luxuosos, finanças, carros, joias, obras de arte, fazendas e etc. No carro de volta ao Hotel ela pediu para ele dar uma passadinha no Shopping novo Leblon. Então ela entrou em algumas lojas luxuosas de Marcas famosas e caras comprou um lindo vestido que custou mais de dois meses de trabalho dele. E disse ao abraça-lo que queria lhe dar uns presentinhos. Ele agradeceu e disse: — Não precisa se preocupar minha querida! — Ela pegou-o pelo braço e o conduziu a uma loja de roupas finas para homens. Ele muito sem graça disse: — Eu sei que é muito generosa, mas não posso aceitar! Essa loja deve ser muito cara e eu sou um homem simples e humilde apesar de vaidoso eu me visto com roupas dentro do meu orçamento! — Ela disse: — Querido não se preocupe com isso! Eu gostei de você desse jeitinho! O teu verdadeiro caráter e jeito de ser é o que me chamou a atenção!

Vai para onde?

Não me importo se temos diferenças sociais ou financeiras, mas a tua essência como ser humano eu pude perceber nos dez primeiros minutos, que estivemos juntos pela primeira vez lá no aeroporto! E eu gostaria de te fazer um convite para hoje à noite! — Ele olhou para ela com ar surpreso e disse: — Convite? Mas, convite de que? — Ela sorriu com carinho e disse: — Você em menos de dois dias me fez mais feliz do que meu ex noivo em mais de cinco anos sabia? Eu gostaria muito que você me acompanhasse no Evento que terei hoje no Hotel! Será um Congresso em que vou falar do meu produto para cabelos crespos, que revolucionou o mercado da beleza nos EUA e aumentou a auto-estima de milhares de pessoas negras, que sofreram muita descriminação racial, desde a infância nas Escolas Americanas, onde grande parte das crianças são brancas de cabelos lisos. Enquanto as negras sofriam bullying por serem diferentes. Eu também passei por isso na infância aqui no Brasil e gostaria de contribuir para que aqui os negros possam cuidar dos seus cabelos com respeito as suas características e sem ter como opção as escovas para os alisarem como se cabelos crespos não fossem bonitos! As Indústrias de cosméticos preocupam-se em investimentos de pesquisas em produtos para dar brilho e maciês apenas aos cabelos lisos e não aos crespos como se somente pessoas

Vai para onde?

brancas importassem! Isso é um absurdo, pois a população negra é grande tanto lá quanto aqui! E eu quero trazer meus produtos para cá com um baixo custo! Quero que negros pobres também tenham direito a ter cabelos crespos sim, porém macios, brilhantes e cheirosos, ou seja, bem cuidados por produtos produzidos especialmente para eles! E quero que você esteja lá comigo para me dar força nesta minha luta! Eu amo o Brasil e minha mãe era negra, eu sou negra, minha avó materna também era negra, enfim minha família brasileira é formada por negros com muito orgulho! E eu devo isso a eles também por todo preconceito que sofreram durante a vida! Por favor, eu te peço aceite meu convite e deixe-me comprar um traje apropriado para você ir a este evento e, por favor, eu não quero que se sinta envergonhado ou humilhado ou sei lá o que! Quero que você apenas compreenda que este é um Evento Profissional e tem essa parte burocrática de exigência desse tipo de traje, que inclusive a meu ver é desnecessário, mas infelizmente é assim que funciona! E eu estou te convidando, porque sinto um enorme respeito, carinho e confiança em você. Inclusive eu não quero que nossa história termine junto com essa viagem! É claro se você aceitar, podemos continuar essa relação para nos conhecermos melhor e quem sabe sermos um casal de verdade! — Pedro se

Vai para onde?

emocionou com as palavras de Andressa, pois sentia o mesmo em relação a ela! Ficou a ouvindo falar com os olhos marejados e uma alegria tão grande em saber que não era o único a ter esse sentimento e desejo! Que aquilo tudo parecia um sonho e que sentia que aquela era a mulher de sua vida! E que pensou que estivesse louco, mas agora vê que não enlouqueceu sozinho! Então ele beijou suas mãos, sua boca e abraçou-a bem apertado e aceitou sua proposta mesmo que meio envergonhado, mas sabia que era um desejo sincero da parte dela. E entraram na loja escolheram o traje completo para ele que ficou um gatão! Depois foram almoçar num bom restaurante e divertiram-se muito como um casal apaixonado! E na saída ela viu uma bombonier e resolveu comprar uns chocolates diets maravilhosos que viram e foram comendo no carro na maior alegria e intimidade. Ela tirou os sapatos e colocou os pés no painel do carro como se já se conhecessem há séculos! Ele ligou o DVD e colocou um samba e cantaram juntos, brincando e se esbaldando nos chocolates! Chegando no Copacabana Palace descansaram bastante! Dormiram abraçados e bem aconchegados um no outro! Só acordaram próximo à hora do Evento. Arrumaram-se e subiram para a cobertura. Estavam lindos! As pessoas olhavam para o casal com admiração! Ela estava muito feliz e segura de si com ele

Vai para onde?

ao seu lado. Ele babando de admiração por ela mal se continha de tanta paixão! Seus olhos brilhavam ao vê-la palestrar! Depois serviram uns drinks e um jantar maravilhoso! No final desceram para o quarto e continuaram bebendo e se amaram até o dia amanhecer. E fizeram planos dele ir passar as férias lá em N.Y. Fizeram alguns passeios turísticos pelo RJ e no dia seguinte ele a levou ao Aeroporto. E na hora de embarcar abraçaram-se e choraram como duas crianças, mas com a certeza que iriam se reencontrar nas férias e que iriam arrumar um jeito de ficarem juntos. Depois que ela partiu para os EUA ele ficou pensativo e emocionado! Pegou o carro e continuou sua rotina de trabalho! Até que ao passar por uma pista próximo ao Centro da Cidade uma idosa cheia de bolsas faz sinal e ele para e pergunta: — A Senhora vai para onde?

E assim a vida continua até as férias acabarem e ele voar para os braços de sua amada. Entre tantas histórias que Pedro ouvia diariamente de seus clientes no banco de trás de seu carro essa foi a mais promissora de um final muito feliz!

Vai para onde?



GILSON SALOMÃO PESSÔA

Gilson Salomão Pessôa é Funcionário Público formado em Jornalismo pela UFJF. Colunista, participou de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela Editora Panóplia. Dentre os seus livros publicados estão as antologias de contos “Terror não tem tamanho” e “Terras e tramas sertanejas”, e o livro infantil bilíngue “O Sapo Tobias”, todos pela editora Panóplia, e o livro de Poemas “Um Suspiro Resgatado”, pela editora Autografia. Ganhou, por três vezes, o prêmio literário de melhor conto em Matias Barbosa.

UM PASSAGEIRO INCOMUM

Gilson Salomão Pessoa

Plínio era autônomo, mas sempre foi bastante disciplinado em relação à sua rotina como motorista de aplicativo. Todos os dias ele se levantava cedo e deixava a cafeteira ligada enquanto tomava banho. Comia dois ovos fritos com torradas e queijo, passava perfume para conseguir boas avaliações, escovava os dentes e fazia o sinal da cruz assim que colocava o cinto. Por fim, passava os dedos pelas fitinhas do Senhor do Bonfim que ficavam amarradas no espelho retrovisor antes de dar a partida no carro.

O início do relacionamento com a cozinheira Bebel o deixava bastante bem-humorado. Tinha uma foto dela na carteira e mandava mensagens carinhosas sempre que possível. Nem acreditava que estava finalmente namorando a moça que amou platonicamente por tanto tempo. Ouvia no MP3 a música “What is Love?”, de Haddaway, e balançava a cabeça como os personagens do esquete do humorístico *Saturday Night Live* — uma piada interna que só ele entendia, mas não importava. Se divertia assim mesmo, rindo sozinho.

Gostava bastante do seu ofício. Conhecia muita gente interessante e diferente. Quando não estava com clientes, entregava os salgados e doces que a namorada vendia online.

Vai para onde?

De quebra, ainda aproveitava as corridas para fazer merchandising do mozão, distribuindo cartões de visita. Precisavam de toda a ajuda possível para pagar as contas.

Seu Corsa vinho era praticamente sua segunda casa. Rodava com ele o máximo de tempo possível. Antes porque não tinha motivos para voltar para casa; agora, porque queria garantir que nada faltasse à sua garota. Mantinham contato o tempo todo, e ela compreendia seu sacrifício, cuidando de suas necessidades sempre que ele retornava — um pequeno gesto de gratidão.

Mas sua rotina tomou um rumo inesperado.

Certo dia, após deixar um passageiro, Plínio viu pelo retrovisor uma criança sentada no banco de trás. Tinha cabelo preto com corte em cuia e uma expressão vazia no rosto. Parecia ter uns nove ou dez anos. O estranho é que ele não tinha ouvido nenhuma porta abrir ou fechar. Virou-se assustado, mas o banco estava vazio.

Um arrepio subiu-lhe a espinha e gelou sua nuca. Sem saber o que pensar, dirigiu direto para casa. Passou o dia inteiro deitado na cama, revisitando aquela cena. Olhava fixamente a parede e desejava com todas as forças que a imagem sumisse da sua cabeça.

Bebel não entendia o que havia acontecido. Perguntou,

Vai para onde?

mas Plínio tinha medo — ou vergonha — de contar o que testemunhara. Temia não ser levado a sério. Tudo o que ela pôde fazer foi abraçá-lo forte. Beijou seu pescoço e suas orelhas algumas vezes, tentando distraí-lo com carinho, talvez com sexo, mas nem isso rompeu seu estado de choque.

A mudança no comportamento de Plínio era visível, e os amigos começaram a se preocupar. Eventualmente, ele abriu o jogo, pois sentia que enlouqueceria. Assim surgiu a ideia de contatarem Mirena, uma cigana médium que era cliente de Bebel e ganhava a vida lendo cartas de tarô. Ocasionalmente, encomendava doces e salgadinhos para as festas da filha.

Mirena fez uma leitura da aura de Plínio e disse que ele estava limpo. Recorreu às cartas, mas também não encontrou nada significativo. Fez uma purificação com sálvia branca no carro e afirmou que, por ora, não havia mais o que fazer além de esperar.

O inesperado aconteceu: o garoto começou a aparecer dentro da casa. Mas só Plínio o via.

Desesperado, o motorista finalmente perguntou:

— O que você quer?

O garoto, em silêncio, apontou para o carro.

Plínio entrou no automóvel e ficou esperando alguma

Vai para onde?

orientação. Nada aconteceu. Frustrado, mas determinado, decidiu voltar a trabalhar — afinal, o espectro não parecia representar perigo.

Tudo parecia ter voltado ao normal, até que apareceu no celular uma solicitação para o mesmo endereço de onde o menino havia surgido pela primeira vez. Receoso, seguiu até lá — e o fenômeno se repetiu.

Começou a interrogar o garoto, mesmo achando tudo aquilo insólito:

— Você faleceu aqui?

O menino fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Como posso te ajudar? Você precisa de orações, ou algo do tipo?

O garoto olhou para o vazio, como se tentasse encontrar uma resposta, e então desapareceu novamente no banco de trás.

Naquela noite, deitado ao lado de Bebel, Plínio finalmente contou o que havia acontecido. A resposta dela foi tão simples que, naquele instante, trouxe um inesperado conforto:

— Pelo meu ponto de vista, parece a história de um garoto de rua que foi atropelado. Ninguém prestou socorro, e ele morreu. Provavelmente foi enterrado como indigente. Está

Vai para onde?

completamente perdido, tadinho.

— É bastante plausível o que você disse. Vou tentar buscar informações sobre ele. Talvez, se sua existência for reconhecida, ele possa partir em paz. Deve ser terrível viver, morrer... e ninguém sequer notar a sua ausência. Como se nunca tivesse estado aqui. Se você parar pra pensar, ele sempre foi invisível — mesmo em vida. Isso é muito triste.

— Sim. Mas ele foi atraído pela sua energia pura. E agora vai ser reconhecido, pelo menos uma vez na vida.

No dia seguinte, Plínio foi até a biblioteca municipal buscar informações sobre alguma criança que tivesse morrido naquela área. Foi um trabalho árduo. Levou dias pesquisando, com poucas informações para guiar sua busca. Até que encontrou um caso de atropelamento seguido de fuga. Não havia fotos, nem confirmação visual — mas era a melhor pista que tinha.

Mesmo assim, o garoto permanecia sem nome. E isso o entristecia.

— Ele não deixará de ser invisível enquanto não ganhar um nome — disse Plínio a Bebel.

— E o que você sugere?

— Que seja rebatizado por nós. Com o nome de um anjo.

Vai para onde?

Pesquisaram juntos, e decidiram por Gabriel — o anjo da anunciação, protetor das mães e das crianças.

No domingo seguinte, Plínio dirigiu até o local do acidente. Estacionou o carro e, junto com Bebel, rezou um terço pela alma daquele menino perdido. Durante a oração, ele novamente apareceu no banco de trás. Mas, dessa vez, com um leve sorriso no rosto. Seus olhos transmitiam uma serenidade jamais vista.

— Vá em paz, Gabriel. Lamentamos não ter te conhecido antes, mas seu encontro comigo me fez repensar o sentido da minha própria existência. A vida é mais curta do que sequer imaginamos. Obrigado por nos lembrar disso. Sua passagem por este mundo não foi em vão.

O menino levantou o rosto em direção ao teto do carro e fechou os olhos. Um brilho tênue começou a emanar de seu corpo. A luz se intensificou aos poucos, até tomar todo o espaço ao redor e ofuscar o casal, que instintivamente cobriu o rosto com as mãos.

Quando a claridade cessou, ele já não estava mais lá.

Tudo o que restava era um silêncio leve, quase sagrado.

Plínio ligou o carro em silêncio, segurou forte a mão de Bebel, e pela primeira vez em muitos dias, sorriu.

O ÚLTIMO PASSAGEIRO DA MADRUGADA

Gilson Salomão Pessôa

Guga dirigia há mais de sete anos. Viu o aplicativo mudar de nome, o algoritmo piorar, a tarifa cair, o trânsito piorar. Mas nunca reclamava demais. Seu consolo era a liberdade. "Sou meu próprio patrão", dizia aos passageiros — mesmo sabendo que isso era, no fundo, uma meia-verdade.

Tinha um ritual: sua última corrida sempre era às 03:00 da madrugada. Chamava de "corrida do sino". Nessa hora, o app ficava silencioso, e a cidade respirava por entre postes quebrados e gatos atravessando o asfalto molhado. Quase sempre encerrava o expediente ali.

Mas numa sexta-feira qualquer, uma notificação apareceu exatamente às 03:00. Era um endereço que ele nunca tinha visto: *Rua das Sibipirunas, 88*.

Aceitou.

Chegando ao local, uma senhora muito elegante o aguardava. Vestia um tailleur cinza, óculos redondos e luvas. Ao entrar no carro, disse apenas:

— Boa noite, motorista.

Durante o trajeto, ela mantinha os olhos fixos na janela. Parecia não se importar com a cidade ou com o tempo.

— A senhora mora naquela região? — perguntou ele,

Vai para onde?

tentando quebrar o silêncio.

— Já morei. Faz muito tempo — respondeu.

Quando chegaram ao destino — um prédio abandonado no bairro do Limão —, ela apenas disse:

— Obrigada. Não se esqueça do número.

Guga, sem entender, apenas respondeu "De nada".

Quando virou o rosto para se despedir... o banco estava vazio.

O carro ainda estava trancado. A porta nunca abriu.

Ele suou frio. Lembrou de uma conversa que vira no grupo dos motoristas:

“Se você receber uma corrida para a *Rua das Sibipirunas*, 88 às 03:00, recuse. É a corrida da morte. O passageiro aparece seis vezes. Quem o leva sete... desaparece.”

Naquela noite, foi sua **sexta corrida** com aquela passageira. Começou a vasculhar o histórico e reconheceu. O mesmo perfil. Mesma foto. Mesma voz.

Entrou em desespero. Mandou mensagem para Plínio:

“Mano... ela voltou. A da Rua 88. Era a sexta vez.”

Plínio, que já tinha enfrentado fantasmas próprios, respondeu quase de imediato:

“Vai até o café Primavera amanhã. Fala com a Mirena. Leva uma flor branca e uma foto sua. Sem brincadeira.”

Vai para onde?

No dia seguinte, ao amanhecer, Guga estacionou em frente ao prédio abandonado. No banco do passageiro, colocou a flor e sua foto, como mandado. Rezou como nunca havia rezado antes.

Na semana seguinte, a corrida das 03:00 não apareceu mais.

Mas o prédio... foi demolido dois dias depois. Dentro, segundo o noticiário, encontraram **um corpo embalsamado de mulher**, ainda com luvas e óculos — e um celular ligado no modo passageiro, exibindo o nome de Guga.

CORRIDA COMPARTILHADA

Gilson Salomão Pessôa

A chuva fina caía como um véu sobre os faróis da cidade quando Luiza pediu o carro pelo aplicativo. Ela vinha de um jantar incômodo com os pais do ex-marido, do qual ainda não conseguia se desapegar totalmente. O salto doía, o vinho pesava no estômago, e o silêncio dos prédios parecia zombar dela.

Ao mesmo tempo, Ícaro deixava o bar onde seus amigos comemoravam uma promoção que ele fingia não

Vai para onde?

invejar. Já fazia dois anos que o irmão mais velho morrera, e ele ainda não conseguia rir de verdade. Quando o aplicativo sugeriu “corrida compartilhada”, ele clicou sem pensar. Estava com pouca bateria e menos ânimo ainda.

Foi assim que se encontraram no banco de trás de um Voyage branco 2014, conduzido por Moacir, um motorista de fala mansa e olhos de quem já viu muito mais do que diz.

— Boa noite — disse Luiza, sentando do lado da janela.

— Boa — respondeu Ícaro, educado, mas neutro.

O carro seguiu por ruas molhadas e espelhos de neon. A trilha sonora era uma seleção instrumental de sambas antigos, e o motorista cantarolava baixinho.

— Essa é do Cartola — disse ele, de repente. — Pra não dizer que só se ouve tragédia nesse mundo.

Ninguém respondeu.

A chuva engrossou. O GPS perdeu o sinal por um instante e o carro parou de repente num cruzamento deserto.

— Ih... travou tudo aqui — disse Moacir. — Isso às vezes acontece quando chove nesse trecho. Já volto.

Saiu do carro com o celular, sob o aguaceiro.

Lá dentro, o silêncio ficou mais pesado.

— Isso já aconteceu com você? — perguntou Luiza, para puxar assunto.

Vai para onde?

— O quê? Ficar preso com um estranho no carro?

— É.

— Não. Mas acho que tô lidando bem — sorriu, pela primeira vez na noite.

Luiza também sorriu. Um silêncio diferente nasceu. Como se ambos tivessem entrado numa cápsula fora do tempo.

— Eu sou Luiza. Sou professora.

— Ícaro. Designer. Ou pelo menos tento.

— Nome bonito. Ícaro... aquele que voou perto demais do sol?

— É. E que agora anda de aplicativo.

Ambos riram. O vidro começou a embaçar. Ela desenhou um coração. Ele desenhou uma seta. A brincadeira durou minutos. O tempo parecia suspenso. Nenhum celular apitava, nenhuma notificação chegava.

— Acho que estamos presos — disse ela.

— Ou talvez o mundo lá fora que ficou preso — respondeu ele.

Quando Moacir voltou, estava sério. Sentou no banco com as mãos no volante, mas não deu partida.

— Sabe... nem sempre a gente escolhe as corridas. Às vezes elas escolhem a gente. Essa aqui, por exemplo, tava no sistema desde ontem. Só podia ser feita por mim. E vocês dois

Vai para onde?

estavam marcados pra se encontrar.

— Como assim? — perguntou Luiza, confusa.

Moacir olhou para ambos pelo retrovisor e sorriu como um velho oráculo cansado.

— O tempo travou por causa disso. Vocês precisavam se ouvir. Agora já podem seguir.

Ligou o carro. O GPS funcionava. A chuva cessou como mágica.

Ao fim da corrida, Luiza hesitou. Mas Ícaro falou primeiro:

— Quer... trocar contatos? Eu ainda não tô voando, mas acho que posso caminhar contigo.

Ela sorriu. Anotaram os números um do outro. Trocaram um beijo na bochecha que durou meio segundo a mais do que deveria. E desceram em direções opostas.

Na manhã seguinte, Plínio recebeu no grupo de Whatsapp “Motoras da Esperança” a seguinte mensagem:

“Corrida mais doida da vida ontem. Fiquei preso no tempo por uns 15 minutos. Parecia que o mundo tinha esquecido da gente. Só depois que os dois passageiros se tocaram, o sistema voltou. Tem coisa que só os céus explicam. Abraço do Moacir.”

AVALIAÇÃO CINCO ESTRELAS

Gilson Salomão Pessôa

Renato gostava da rotina que a maioria achava monótona: sentar no banco do motorista, ouvir as conversas dos passageiros, olhar a cidade passando como um filme em preto e branco. Para ele, os detalhes importavam — o cheiro do café no ar, o som dos pneus na rua molhada, as luzes que piscavam nos prédios.

Mas nunca conseguia uma avaliação cinco estrelas.

Numa tarde de sábado, recebeu a solicitação de corrida de uma mulher cega chamada Mara. Ela morava em um bairro antigo, repleto de praças e casas coloniais, que pareciam congeladas no tempo.

— Pode me descrever o caminho? — pediu Mara, já acomodada no banco de trás.

Renato arregalou os olhos. Nunca tinha feito isso antes.

— Claro — respondeu ele, tentando disfarçar a ansiedade.

No trajeto, começou a narrar tudo: os postes amarelos, as árvores que jogavam sombras longas, a vitrine da padaria com pães recém-assados, o som distante de crianças brincando na praça.

Mara escutava atentamente, sorria e às vezes fazia

Vai para onde?

perguntas que levavam Renato a buscar detalhes que ele nunca tinha notado. Aquilo os uniu em uma conversa doce e profunda, que transformou o simples trajeto numa viagem sensorial.

Quando chegaram ao destino, Mara apertou a mão de Renato.

— Obrigada por me mostrar o mundo hoje.

Ele sorriu, sentiu algo estranho no peito.

No fim do dia, a notificação chegou:

Avaliação: ★★★★★

Comentário: “Renato não apenas me levou para casa, ele me mostrou a cidade com os olhos do coração. Um presente raro. Obrigada.”

Renato guardou a mensagem no bolso do coração. Sabia que nunca mais seria o mesmo. No grupo “Motoras da Esperança”, compartilhou a história. Plínio respondeu:

“Às vezes, a gente carrega a cidade inteira dentro do carro e nem sabe.”

E Guga completou:

“Cinco estrelas pra quem sabe enxergar o invisível.”

Vai para onde?

PLACA FINAL: EVD-417

Gilson Salomão Pessôa

Rafael estava no seu segundo mês como motorista de aplicativo. A novidade ainda o deixava excitado, mesmo após longos dias no trânsito. Amava a liberdade, as conversas inesperadas e a sensação de pertencer à cidade de um jeito diferente.

Numa madrugada qualquer, após aceitar uma corrida para um endereço remoto, ouviu nos grupos de motoristas um aviso incomum:

“Se cruzar com o carro de placa EVD-417 depois das 3h da manhã, não ultrapasse.”

Ele riu da superstição. Achou engracado.

Mas naquela noite, enquanto dirigia pela Avenida Paulista quase deserta, a placa apareceu no retrovisor. Um carro antigo, preto, com lanternas vermelhas que pareciam chamas. O relógio marcava 3h05.

Rafael sentiu o coração acelerar.

Decidiu manter distância, mas, por um descuido, ultrapassou o veículo.

De repente, o carro à frente desapareceu numa névoa densa que parecia sugar toda a luz da rua.

Vai para onde?

O GPS começou a falhar. Os painéis do carro piscavam. A música parou.

Rafael se viu dentro de uma cidade fantasma, onde os prédios pareciam ruínas e os relógios marcavam horas diferentes.

Tentou ligar para o grupo “Motoras da Esperança”, mas o celular só dava sinal de chamada perdida.

Passaram-se horas, ou talvez segundos. Ele não sabia.

Até que uma voz calma soou do banco do passageiro:

— Você não deveria ter ultrapassado.

Rafael virou a cabeça. Lá estava uma figura encapuzada, uma sombra com olhos brilhantes, sem rosto, apenas presença.

— Quem é você? — perguntou, com a voz trêmula.

— Sou a guarda dos que perderam o caminho.

— Como volto?

— Só quando aprender o valor do limite. Do respeito.

Da paciência.

Uma luz branca cresceu no horizonte, e Rafael sentiu um puxão no peito.

Quando acordou, estava na Avenida Paulista, com o carro intacto e o relógio marcando 4h37.

No celular, uma mensagem do grupo:

“Sumiu às 3h07. Apareceu às 4h37. Bem-vindo de volta,

Vai para onde?

Rafael."

Desde aquela noite, Rafael jamais cruzou com a placa EVD-417. E aprendeu a respeitar os limites que vão além das leis de trânsito.

TÁXI FANTASMA NO BAIRRO TRÊS FIGUEIRAS

Gilson Salomão Pessôa

João tinha acabado de se mudar para Porto Alegre, procurando um recomeço longe da agitação da capital. Começou a trabalhar como motorista de aplicativo, tentando entender a geografia e os costumes locais.

Logo ouviu uma história que deixou seu sangue frio: No Bairro Três Figueiras, existia um táxi amarelo dos anos 80 que desapareceu junto com um pai e seu filho, numa noite chuvosa. Dizem que o carro ainda circula por lá, fantasma preso numa corrida que nunca terminou.

Os motoristas evitavam aceitar corridas para aquela região, principalmente à noite. Quem aceitava, às vezes não voltava para contar a história.

Certo dia, João recebeu uma corrida com destino a Três Figueiras. Hesitou, mas decidiu aceitar — precisava do dinheiro

Vai para onde?

e não acreditava em fantasmas.

Durante o trajeto, a cidade pareceu mudar. As ruas ficavam mais estreitas, as luzes mais fracas. O táxi amarelo apareceu do nada na sua frente, parado, com faróis apagados.

No retrovisor, João viu uma criança com olhos grandes e tristes, acenando para ele.

— Pai, está na hora — sussurrou uma voz tênue no banco de trás.

O carro parou sozinho. A porta traseira abriu lentamente, convidando-o a entrar. João, paralisado, sentiu uma força invisível puxá-lo para dentro.

Dentro do táxi amarelo, o tempo não existia. João viu fragmentos do passado: o pai e o filho presos em um looping, tentando completar a corrida que a morte interrompeu.

Compreendeu que só encontrariam paz se alguém concluísse a viagem por eles.

Sem medo, João pegou o volante. Ligou o carro. A corrida começou.

Ao amanhecer, João acordou no seu carro, estacionado no centro da cidade. No banco de trás, uma pequena fita do Senhor do Bonfim pendurada no espelho.

No grupo “Motoras da Esperança”, ele postou:

“Sobrevivi à corrida mais estranha da minha vida. Às

Vai para onde?

vezes, precisamos ser o passageiro e o motorista para encontrar a luz.”

E naquela manhã, pela primeira vez, João sentiu que tinha chegado em casa.

CORRIDA SILENCIOSA

Gilson Salomão Pessoa

O carro deslizou rente ao meio-fio com uma precisão que denunciava prática. Era um sedã preto, limpo até os ossos, e o motorista parecia parte da estrutura, tão imóvel estava no banco, com as mãos repousando no volante como se fossem as garras de uma estátua. Ela hesitou antes de entrar — não por medo, mas por aquele cansaço específico que a vida adulta proporciona depois de dias demais tentando agradar a todo mundo. Entrou. Jogou a bolsa no colo, deu boa noite com a voz abafada e prendeu o cinto, tudo num só gesto automático. A corrida tinha dezenove quilômetros e, segundo o aplicativo, quarenta minutos de duração. Quarenta minutos. Com um estranho. No escuro.

O motorista respondeu o cumprimento com um aceno de cabeça tão sutil que talvez tivesse sido uma ilusão ótica. Era

Vai para onde?

um homem de uns cinquenta e poucos, pele morena, barba por fazer, e uma calma que beirava o inquietante. Ela não quis puxar papo. Ele também não. A cidade era um mosaico de sombras e vitrines acesas, e o carro parecia flutuar por dentro delas como um barco de vidro navegando entre as luzes. Durante os primeiros minutos, ela fingiu mexer no celular. Abriu e fechou o Instagram três vezes, respondeu um “kkk” num grupo de amigas e depois ficou só olhando a tela, iluminada por reflexos de semáforos.

No décimo minuto, notou que o carro não tocava nenhuma música. Nenhum rádio ligado. Nenhuma playlist genérica de jazz instrumental, nenhuma bossa nova ensaiada pra fingir sofisticação. Apenas o som da cidade do lado de fora e o leve assobio do ar-condicionado. Pensou em comentar algo. Mas comentar o quê? “Nossa, como está silencioso aqui dentro”? O tipo de frase que pareceria acusatória, como se quisesse arrancar o homem do conforto espartano em que dirigia. Então calou-se. E pela primeira vez, escutou seu próprio silêncio. Um silêncio interno, um vazio suspenso que fazia tempo que não sentia. Como se o carro não estivesse apenas a transportando — mas a isolando do mundo lá fora.

Lá pelo décimo quinto quilômetro, o carro parou num sinal em frente a uma praça. E foi então que ela percebeu. Ele

Vai para onde?

estava chorando. Sem barulho. Sem fungar. Sem teatralidade. Os olhos vermelhos, brilhando sob a luz do poste, as lágrimas escorrendo devagar, deslizando pelas bochechas como se tivessem licença para cair sem aviso. Ela ficou paralisada. O instinto foi olhar pro outro lado, respeitar a dor alheia com o constrangimento típico de quem não sabe se deve ou não interferir. Mas algo naquela cena — um homem em silêncio, um motorista de aplicativo, no meio de um turno anônimo, chorando sem que ninguém pedisse — a puxou com uma força que não soube resistir.

— Está tudo bem? — perguntou, baixinho, como quem fala com um bicho assustado.

Ele se recompôs. Limpou os olhos com o dorso da mão, como um menino pego no flagra. E sorriu. Um sorriso triste, sim, mas honesto.

— Tá. Só... só bateu. Sabe?

Ela assentiu, mesmo sem saber o que tinha batido. Mas sabia. Sabia sim. Conhecia o peso. Aquilo que de repente cai sobre os ombros no meio da rotina, sem aviso, como um trovão em céu limpo.

— Quer parar um pouco? A gente pode estacionar — ofereceu, surpresa com a própria iniciativa.

Ele balançou a cabeça. — Obrigado. Não precisa. Só...

Vai para onde?

desculpa aí. Às vezes acontece.

O sinal abriu. O carro voltou a se mover. E então ele falou, pela primeira vez, com frases completas.

— Minha filha. Faria dezenove hoje. É o aniversário dela. E eu nunca sei o que fazer no dia de hoje. Trabalhar parece o único jeito de não ficar maluco. Mas sempre chega uma hora... que dói. Mesmo assim.

Ela olhou para o homem com uma compaixão que não exigia pena, nem consolo. Um sentimento puro, transparente, feito da matéria dos encontros breves que nos marcam. Não tentou consolar com frases feitas. Não disse “vai passar”. Não perguntou “o que aconteceu”. Apenas esticou o braço e colocou a mão sobre o encosto do banco do passageiro, bem onde a mão dele poderia alcançar se quisesse.

E ele quis.

Segurou a mão dela. Só por alguns segundos. Apertou com firmeza e depois soltou, como quem agradece sem saber dizer em palavras.

O resto do caminho foi mudo, mas o silêncio tinha mudado de cor. Era outro agora. Um silêncio bom. Um silêncio cúmplice. Um silêncio que carregava em si o peso da dor e a leveza do alívio de poder compartilhá-la por instantes.

Quando ela desceu do carro, não disse nada. Ele

Vai para onde?

também não. Apenas se olharam. E naquele olhar, estava tudo. O pedido de desculpas, o agradecimento, o respeito, a saudade.

O carro foi embora.

E ela ficou ali, na calçada, olhando para a rua como se acabasse de viver um pequeno milagre íntimo. Um momento que ninguém veria, que ninguém saberia — mas que ficaria nela, talvez para sempre.

A SENHORA DOS GATOS

Gilson Salomão Pessôa

Era uma terça-feira como qualquer outra quando Clodoaldo, motorista de aplicativo há seis anos e meio, recebeu a chamada no bairro de Santa Cecília. A passageira tinha nome composto — algo como Maria Ivonete das Dores — e nota alta no aplicativo. Isso costumava ser bom sinal. Gente educada, corrida tranquila. Clodoaldo ativou a rota e partiu, cantarolando um pagodinho antigo que só ele lembrava. O que ele não sabia, enquanto descia a ladeira da Rua Jaguaribe, era que aquela corrida entraria para o panteão das experiências mais absurdas de sua já extensa carreira no volante.

Vai para onde?

A senhora o esperava em frente a uma padaria, com uma postura ereta e um vestido estampado de flores azuis. Elegante, pensou ele. Devia ter uns sessenta e poucos anos, óculos de aro grosso e uma bolsa que parecia conter muito mais do que uma simples carteira. Ao abrir o porta-malas pra ela, notou: ela carregava não uma, mas quatro caixas de transporte para animais, daquelas de plástico cinza, com grade de ferro na frente. E dentro de cada uma... um gato. Gatos de pelos longos, olhos de aristocratas russos, e expressões de profundo desprezo por estarem sendo transportados como simples bagagens.

— São quietinhos. Quase não miam — disse ela, com uma voz doce e de um tom que sugeria quem mandava na situação.

— Ah, sem problema nenhum, dona. Eu gosto de bicho — mentiu Clodoaldo, enquanto tentava enfiar as caixas no porta-malas como um jogador de Tetris prestes a perder.

Quando ela finalmente se acomodou no banco de trás, junto a uma quinta caixa com um gato albino obeso no colo, o carro já exalava um cheiro que Clodoaldo não soube descrever de imediato. Era algo entre perfume de lavanda, ração úmida e um toque de mofo antigo. Mas ele era um profissional. Engoliu seco e partiu.

Vai para onde?

— Vamos até o veterinário da Vila Mariana. Depois, a senhora me espera lá e eu levo vocês de volta, tá bom?

— Claro, querido. Vai ser rapidinho. É só consulta de rotina. Meus filhos são muito sensíveis a mudanças de clima.

“Filhos”. Clodoaldo sorriu amarelo pelo retrovisor. O gato albino bufou, como se soubesse.

Durante o trajeto, os gatos, que segundo ela “quase não miavam”, começaram um coral progressivo. Primeiro foi o da caixa da esquerda: um miado longo, ofendido, como se acusasse o universo. Depois, o da direita respondeu, mais agudo, mais ansioso. Em minutos, parecia que ele estava dirigindo um carro dentro de um manicômio felino. A senhora, imperturbável, tecia comentários como:

— Esse é o Ludwig, compositor. — apontava para o que miava em dó sustenido. — E essa é a Margot. É muito ciumenta. Odeia o trânsito.

Clodoaldo assentia, fingindo interesse. Mas o que o impressionava mesmo era a naturalidade com que ela tratava os gatos como membros de uma família diplomática.

— E esse no seu colo?

— Ah, esse é o Napoleão Bonaparte. O mais calmo. Mas se ele sentir cheiro de **laticínio**, pode ficar agressivo.

O motorista achou graça. Laticínio? Que tipo de animal

Vai para onde?

tem gatilho emocional com queijo? Mas sua risada se dissipou quando, na altura da Avenida Paulista, um caminhão de leite ultrapassou pela direita, e o Napoleão Bonaparte, até então sonolento, entrou em estado de possessão demoníaca. O bicho rosnou — rosnou — e se debateu dentro da caixa até conseguir abrir a portinhola com a pata, saindo feito um javali esbranquiçado pelos bancos.

O caos instaurou-se. Clodoaldo gritou. A senhora, no banco de trás, tentava segurar o bicho enquanto dizia, com a mesma voz doce:

— Não se assuste! Ele só está tendo um ataque de ciúmes do passado!

Do passado?! O gato subiu no painel dianteiro. Encostou na buzina. Apertou o pisca-alerta com o focinho. Clodoaldo freou num susto que fez os carros atrás buzinar como num motim.

— Senhora, pelo amor de Deus, prende esse bicho!

— Ele se acalma se ouvir música clássica. Bota aí um Mozart!

— Eu tenho Raça Negra!

— Pode ser! Ele gosta de samba-canção!

E então, pela primeira vez em anos de profissão, Clodoaldo colocou Raça Negra no último volume para acalmar

Vai para onde?

um gato chamado Napoleão Bonaparte enquanto dirigia um carro onde quatro outros felinos miavam como se estivessem num ensaio de ópera.

Chegaram ao veterinário com o carro parecendo uma mistura de ambulância do circo e casa assombrada. A senhora agradeceu, pagou no app e ainda deu cinco estrelas com gorjeta, dizendo que “nunca tinha sido conduzida com tanto profissionalismo felino”.

Na volta pra casa, Clodoaldo precisou parar num posto, lavar a alma e o carpete. E naquela noite, deitado em sua cama, quando escutou um miado vindo da rua, teve uma leve crise de pânico. E um riso. Porque no fundo, sabia: aquilo daria uma história incrível.

QUASE CHUVA

Gilson Salomão Pessôa

Ele a viu antes mesmo dela entrar no carro. Estava parada sob a marquise de um prédio antigo, com uma sombrinha fechada debaixo do braço e os cabelos molhados grudando na testa. Vestia uma camisa social azul claro, saia até os joelhos e segurava uma pasta contra o peito como se fosse

Vai para onde?

escudo. Chovia, mas era uma chuva indecisa, daquelas que começam só pra lembrar que podem cair a qualquer hora. A moça parecia cansada. E linda. De um jeito sem vaidade, quase distraído.

Elá entrou no carro com a pressa resignada de quem já está atrasada demais pra correr. Disse “Boa noite” e, ao contrário da maioria, não colocou fones de ouvido nem fingiu estar ocupada no celular. Apenas ficou ali, com os olhos parados na janela, como quem procura um consolo no borrão das luzes molhadas da cidade.

O motorista era Vinícius, trinta e nove anos, ex-repositor de estoque, ex-sanfoneiro de banda de forró de bar, agora motorista por necessidade e filósofo por teimosia. Já vira de tudo naquela bolha de vidro sobre rodas. Gente chorando, brigando, transando, dormindo, discutindo religião, pedindo conselhos ou ignorando completamente sua existência. Mas aquela mulher tinha algo diferente. Um silêncio bonito. Um silêncio que parecia cheio de palavras que ninguém nunca escutava.

— Tá chovendo a mesma chuva de sempre, né? — arriscou ele, sorrindo pelo retrovisor, com a voz macia de quem sabe que não deve forçar conversa.

Ela riu. Baixo. Um riso de canto de boca.

Vai para onde?

— É. Aquela que molha só o que a gente queria esconder.

E foi só isso. A conversa morreu ali, mas o ar no carro mudou. Não era mais apenas uma corrida entre dois pontos. Era uma travessia. Uma travessia com pausa. Com tempo. Com algo no ar que ambos fingiam não estar percebendo.

Ela tinha um cheiro leve, de papel molhado e perfume esquecido. E toda vez que ele parava num semáforo, aproveitava para espiar seu reflexo no vidro. Ela não chorava. Mas também não sorria. Era um rosto de quem carregava saudades no bolso.

— Teve um dia difícil? — ele perguntou, sem encará-la.

— Teve um dia longo. E só. — respondeu. E, após um instante: — Você gosta de dirigir?

— Gosto de observar. Dirigir é só o pretexto.

Ela assentiu, como quem finalmente entende alguma coisa.

— Eu também uso o trabalho pra me esconder às vezes.

Ficaram alguns minutos em silêncio. E então ela perguntou algo que ele não esperava:

— Já se apaixonou por alguém que não sabia da sua existência?

Ele sorriu.

Vai para onde?

— Já. E você?

Ela respirou fundo. Olhou pela janela. A chuva engrossava de leve, num ritmo preguiçoso.

— Também.

E ficou nisso. Sem detalhes. Sem nomes. Só aquele fato compartilhado entre duas almas exaustas e transparentes.

Faltando três quarteirões para o destino, ela se mexeu no banco e encarou o retrovisor pela primeira vez. Os olhos dela estavam molhados, mas não era só da chuva. E então disse, com uma voz baixa, quase um sussurro:

— Você é uma das pessoas mais gentis que já me levaram pra casa.

Ele quis responder algo bonito. Poético. Quis dizer que sentia o mesmo, que existiam pessoas que pareciam feitas pra se encontrar só uma vez, mas que isso já era suficiente pra mudar alguma coisa dentro da gente. Mas tudo que conseguiu dizer foi:

— Você também é especial.

Quando ela desceu, ele quis perguntar seu nome. Mas não perguntou. Ela também não pediu o dele. E talvez tenha sido melhor assim. A corrida terminou com um “Boa noite” e um sorriso tímido. Ela atravessou a rua sob a chuva fina, sem abrir o guarda-chuva. Ele ficou ali, parado por alguns segundos,

Vai para onde?

assistindo a silhueta dela sumir na entrada de um prédio.

Ligou o carro. O aplicativo tocou, chamando para outra corrida. Mas ele recusou. Precisava de um tempo. Só mais alguns minutos naquela rua molhada, naquele silêncio bom, pra guardar o que havia acontecido.

Porque às vezes, o amor não precisa durar. Basta acontecer.

O PASSAGEIRO QUE NÃO FALOU

Gilson Salomão Pessôa

Naquela noite abafada de quarta-feira, o motorista Breno já estava na décima terceira corrida do dia. Era o tipo de noite em que a cidade parecia mais suada do que quente, e a mistura de escapamento, ar condicionado velho e ansiedade acumulada tornava tudo um pouco mais viscoso. Quando a chamada apareceu, ele quase recusou — a origem era uma rua mal iluminada nos fundos do Brás, sem muitas casas, quase nenhuma câmera. Mas a nota do passageiro era alta, e a corrida era longa: até o Jardim Bonfiglioli. “Boa grana”, pensou. E aceitou.

Chegando no local, não viu ninguém. A rua estava vazia,

Vai para onde?

com uma lixeira tombada e uma única lâmpada pública que piscava como um olho nervoso. Parou o carro, ligou o alerta e ficou esperando. Quando o cronômetro chegou a quarenta segundos, a porta traseira abriu sem aviso. Um homem entrou.

Breno olhou pelo retrovisor. O sujeito usava um capuz escuro, máscara cirúrgica, óculos grandes. Só os olhos apareciam. Não disse “oi”. Não confirmou o destino. Apenas se sentou, encostou-se no canto e ficou quieto, com as mãos no colo e o corpo ligeiramente curvado para frente.

— Boa noite — arriscou Breno.

Nada.

— Destino: Rua Cândido Espinheira, né?

Nenhuma resposta.

Breno hesitou, olhou de novo pelo retrovisor. O homem estava imóvel. “Deve estar com fone de ouvido”, pensou, mas não viu fone nenhum. Ligou o carro, colocou a primeira marcha e partiu. Na cabine, o silêncio se transformava em presença. O tipo de silêncio que pesa.

A cada semáforo, Breno olhava o homem de relance. Algo nele parecia errado. Não violento, mas estranho. Os pés juntos, a coluna curvada, as mãos unidas como num ritual contido. Não se mexia. Não olhava o celular. Não fazia nada. Só estava ali, como uma estátua viva no banco de trás.

Vai para onde?

Quinze minutos depois, Breno começou a suar mesmo com o ar ligado. Começou a notar coisas. O sujeito não piscava. Ou piscava pouco demais. Não tossia. Não se remexia. Breno testou uma música no rádio. Um samba leve. Nada. Mudou pra sertanejo. Nada. Silêncio total.

Na altura da Avenida Pacaembu, o homem finalmente falou. Uma frase só.

— Você já levou alguém e sentiu que talvez não voltasse pra casa?

A voz era baixa. Sem sotaque. Sem entonação.

Breno gelou.

— Como assim?

— Nada. Esquece.

E voltou ao silêncio.

O coração de Breno acelerou. Começou a pensar em tudo: a falta de câmeras naquela rua, a ausência de nome na conversa, o jeito como o cara entrou. Pensou em perguntar se ele queria mudar o destino. Pensou em fingir que o carro estava com problema. Mas a corrida já estava paga. E a curiosidade era maior que o medo.

— Já sim — respondeu, depois de um tempo. — Uma vez, peguei um cara na rodoviária. Me fez dar voltas por uma hora, sem dizer pra onde ia. No fim, me deu uma sacola,

Vai para onde?

mandou entregar num endereço. Nunca soube o que tinha lá dentro.

O homem assentiu. Sem expressão.

— E você entregou?

— Entreguei.

Mais silêncio. E então o passageiro perguntou:

— Por quê?

— Porque eu queria ir embora. Só isso.

O homem olhou pela janela.

— É. Às vezes, isso é tudo que a gente quer mesmo.

Na reta final, já perto do destino, Breno não aguentou:

— Você é da polícia? Matador? Ladrão? Alguma dessas paradas?

O homem deu um leve sorriso sob a máscara.

— Eu sou só alguém que precisa chegar. Você me levou.

É o bastante.

O carro parou na calçada de um sobrado sem número visível. O homem desceu sem pressa, fechou a porta com cuidado e desapareceu pela lateral da casa. Nenhuma despedida. Nenhum “obrigado”.

Breno ficou ali, por dois minutos inteiros. Sozinho. O motor ainda ligado. O coração no pescoço. Depois desligou tudo, respirou fundo, e seguiu pra próxima corrida como quem

Vai para onde?

volta de um sonho tenso.

Na manhã seguinte, viu no jornal online: “Sobrado abandonado no Bonfiglioli é encontrado com sinais de arrombamento. Nada foi levado. Nenhuma pista deixada. Vizinha afirma ter ouvido passos durante a madrugada.”

Breno nunca contou aquela história pra ninguém. Mas, às vezes, quando dirige à noite e vê alguém esperando na calçada escura... ainda sente o mesmo arrepião.

A CORRIDA DO MOTEL ERRADO

Gilson Salomão Pessôa

Marcos já estava acostumado a tudo no mundo do transporte por aplicativo. Gente calada, gente bêbada, casal brigando, criança vomitando. Mas naquela sexta-feira, às 23h47, ele sentiu que algo no ar prometia confusão. O aplicativo apitou, corrida rápida, origem num barzinho estiloso de Moema. O destino? “Motel Capricho das Águas”, na Marginal. “Ah, beleza”, pensou. “Mais um casal querendo transar no banco de trás até chegar lá.”

Parou na porta do bar e viu os dois: um homem de uns quarenta e poucos, calvo, camisa social meio aberta demais,

Vai para onde?

cheiro de perfume forte demais. Ao lado dele, uma moça com vestido vermelho curto, salto alto e um sorrisinho travesso. Ela segurava firme a mão dele como quem já tinha decidido tudo. Entraram no carro aos risos.

— Boa noite, meu querido! — disse o homem, animado.
— Pode seguir pro Capricho das Águas, já botei no app. E se a gente fizer umas paradas no caminho, você não se assusta, hein?

Marcos riu sem graça.

— Relaxa. Já vi de tudo.
— Ainda não viu isso aqui, papai! — disse a moça, já desabotoando o primeiro botão da própria roupa.

— Ôpa! — Marcos se ajeitou no banco. — Só não pode passar pro banco da frente, hein?

— Pode deixar, chefe. A gente é discreto — falou o homem, já encostando o rosto no colo da moça como se fosse procurar um brinco perdido.

A corrida começou. E logo os gemidos começaram também. Não discretos. Nada abafados. A moça falava coisas que não pareciam sequer humanas — um misto de grito tribal, vogais desorganizadas e interjeições em línguas desconhecidas. O homem só gemia “Ai, ai, ai meu Deus, ai meu Deus” como se estivesse rezando. Marcos ligou o rádio no volume máximo.

Não adiantou.

A coisa foi escalando: a moça tirou a calcinha, jogou pela janela. O homem deu um tapa no teto do carro. Marcos já dirigia com uma tensão nos ombros de quem transportava dinamite. Na altura da ponte da Cidade Jardim, ele cogitou parar e fingir que o carro tinha fundido o motor.

Chegaram ao motel. O portão abriu. O atendente do drive-thru sequer olhou — já estava acostumado com o carro tremendo, roupas no assoalho, e gente pelada tentando pagar com nota de cinquenta entre os dentes.

Mas foi aí que a situação se transformou num épico da vergonha. Quando pararam na frente da garagem privativa, a moça perguntou:

— Mas... esse aqui é o Capricho das Águas?

— É sim, meu bem — respondeu o homem, já subindo as calças. — A suíte com espelhos no teto.

— Capricho das Águas... na Marginal?

— Isso.

— Não. Não. NÃO. Eu falei CAPRICO DAS ONDAS! O da Avenida Sumaré! Aquele que tem banheira em formato de concha! EU NUNCA FALEI DAS ÁGUAS, EU FALEI DAS ONDAS!

Marcos, no volante, se virou devagar. O homem, que já sorria vitorioso, ficou pálido.

Vai para onde?

— Você tá me dizendo que... isso tudo... foi no motel ERRADO?

— Claro que foi! Eu só transo no Capricho das Ondas! É o MEU motel! Esse aqui é onde meu marido vai com as vagabundas dele! VOCÊ ME TROUXE PRO MOTEL DO MEU MARIDO!

Silêncio.

O homem arregalou os olhos. Marcos engoliu em seco. E a moça, como uma bomba de Napalm emocional, começou a berrar:

— VIRA O CARRO, MOTORISTA! VIRA ESSA PORRA AGORA! EU NÃO GOZO EM LENÇOL DE TRAIÇÃO!

Marcos deu ré com a precisão de um piloto da Stock Car, atravessou a portaria sob o olhar chocado do atendente e, sem dizer uma palavra, refez toda a Marginal, agora com o casal brigando como se fosse a final do UFC. A moça atirou a bolsa no passageiro. O homem ameaçou descer no meio da ponte. Marcos apenas dirigia, com olhos fixos na linha branca do asfalto, desejando estar em qualquer outro lugar do planeta.

Chegaram ao Capricho das Ondas, quinze minutos depois. Ela desceu primeiro, com dignidade ferida e o vestido torto. O homem saiu atrás, chorando. Marcos nem pediu avaliação. Apenas deixou a corrida encerrar e ficou parado no

Vai para onde?

carro, olhando pro céu nublado da cidade.

E naquele momento, teve certeza: São Paulo nunca dorme... mas também nunca deixa ninguém gozar em paz.

O EX NO BANCO DE TRÁS

Gilson Salomão Pessôa

Naquela manhã fria de julho, Carla estava atrasada para o trabalho, com a maquiagem ainda molhada nos olhos e a cabeça latejando da ressaca emocional da noite anterior. Pediu o carro no aplicativo ainda com um pão na boca e o coração pesado — não por um motivo só, mas por um acúmulo de coisinhas pequenas que vinham desmoronando dentro dela fazia meses. Quando o carro chegou, era um sedã preto, limpo, discreto. Ela só queria que ninguém falasse nada. Só isso.

O motorista estava parado na esquina, encostado, com o braço na janela. Quando ela se aproximou e viu o rosto dele pelo retrovisor, parou.

Congelou.

Era ele.

— Gustavo?

— Carla?

Vai para onde?

O mundo ficou mudo por meio segundo. Aqueles silêncios que duram o tempo suficiente pra fazer as pernas tremerem.

— Você é o... motorista?

— E você é a... passageira?

Ela quase riu. Quase chorou. Olhou o celular, como se o aplicativo fosse se desculpar por aquele golpe baixo. Mas estava lá: “Gustavo, 4.89, 3.428 corridas.” Era ele. Com outro sobrenome, mas o mesmo rosto. A mesma barba malfeita. Os olhos que ela tentou esquecer por um ano e oito meses.

— Você vai cancelar? — ele perguntou, com a voz baixa.

Ela pensou. Queria dizer sim. Queria dizer não. Queria desaparecer.

— Vai dar tempo. Pode ir.

Entrou no banco de trás, como quem entra num confessionário. Sentou do lado oposto, encostada na porta, como se a distância entre eles pudesse proteger do que estava por vir. O carro começou a andar.

Durante os primeiros minutos, silêncio absoluto. O rádio tocava uma música instrumental qualquer, e o som dos pneus na rua molhada parecia gritar mais alto do que qualquer diálogo possível.

Ele foi o primeiro a quebrar.

Vai para onde?

— Você ainda trabalha na agência?

Ela hesitou.

— Não. Saí faz seis meses. Tava adoecendo lá.

— Imagino.

Outro silêncio.

— E você? Virou motorista?

— É. Frilas minguaram. Isso aqui paga as contas. Dá menos ansiedade do que publicidade.

Ela assentiu, sem responder. Era surreal. O homem que já tinha feito café da manhã pra ela de cueca, agora perguntava por sua carreira com a formalidade de um recepcionista. E ela, que um dia chorou por ele a noite inteira ouvindo Gal Costa, agora estava ali, calada, com as unhas apertando a alça da bolsa.

— Você tá bem? — ele perguntou, como quem pisa devagar numa ferida.

Ela demorou a responder.

— Tô tentando.

— Eu também.

A corrida avançava. Faltavam dez minutos. Mas o tempo ali dentro estava fora do relógio. Era outra coisa. Era íntimo e incômodo, como um reencontro com a própria versão de dois anos atrás.

Vai para onde?

— Nunca mais te vi — ele disse, sem olhar pelo retrovisor.

— Eu evitava os lugares que a gente ia.

— Eu também.

— Você sumiu das redes.

— Apaguei tudo. Tava cansado de ver gente feliz por obrigação.

Ela soltou um riso curto. Tinha esquecido como ele falava coisas tristes com humor de quem já desistiu de fingir.

— E você? — ele perguntou. — Alguém novo?

Ela demorou.

— Tive. Não deu. Tô dando um tempo.

— Também tive. Também não deu.

Mais um silêncio.

O carro virou na Rua Palestra Itália. Quase no destino.

Ela olhou pra frente. Depois pro retrovisor. Ele ainda evitava o contato direto, como se olhar nos olhos fosse perigo.

— Eu fiquei com raiva de você — ela disse, de repente.

Ele engoliu seco.

— Eu também fiquei com raiva de mim.

— Você me deixou sozinha quando eu mais precisava.

— Eu sei.

— Você podia ter voltado. Podia ter dito que errou.

Vai para onde?

Ele respirou fundo.

— E você podia ter dito que me queria de volta.

Silêncio. Denso. Sincero. Nada mais foi dito. Chegaram.

Ele encostou o carro na calçada com uma gentileza contida. Ela abriu a porta. Parou. Olhou pra ele, que agora a encarava pelo espelho.

— Obrigada pela corrida.

— Obrigado pela coragem de entrar.

Ela sorriu. Do tipo que não sabe se dói ou alivia. Saiu do carro e fechou a porta com cuidado. Caminhou até o prédio sem olhar pra trás.

Gustavo ficou ali, alguns segundos, olhando o banco vazio pelo espelho. Tocou o volante com a ponta dos dedos, como se ainda estivesse tentando entender o que acabara de carregar.

E partiu. Pra próxima corrida.

A SENHORA DO BANCO DE TRÁS

Gilson Salomão Pessôa

Era uma terça-feira abafada e úmida, daquelas em que o suor escorre antes mesmo de você sair de casa. Henrique já

Vai para onde?

tinha feito quatro corridas, todas curtas e burocráticas, cheias de passageiros que mal diziam bom dia e ainda reclamavam do ar-condicionado. Estacionado à sombra de um flamboyant retorcido, ele olhava o celular distraído quando tocou a próxima chamada. Era uma viagem de trinta e cinco minutos, origem em um dos bairros mais antigos da cidade, destino um hospital particular na zona sul. Henrique aceitou, girou o volante e foi.

Quando chegou ao local, estranhou não ver ninguém na calçada. Parou o carro, ligou o pisca-alerta e olhou em volta. Foi então que a porta traseira abriu devagar e uma mulher entrou, com uma calma quase solene. Devia ter uns setenta anos, mas o rosto bem cuidado e a postura firme faziam-na parecer mais jovem. Usava um vestido azul-marinho bem passado, um colar de pérolas modesto e trazia uma bolsa de couro envelhecida no colo. Sentou-se sem pressa, ajeitando o vestido para não amassar.

— Boa tarde, meu filho. Podemos ir? — disse com uma voz baixa, educada, carregada de uma certa melancolia.

Henrique respondeu com um “claro” e puxou o carro para o asfalto quente, enquanto ligava discretamente o ar.

Durante os primeiros minutos, a senhora não disse nada. Apenas olhava pela janela, as mãos entrelaçadas sobre a

Vai para onde?

bolsa. Henrique não era de puxar assunto — principalmente com gente mais velha, que às vezes não queria conversa — mas havia algo naquela mulher que instigava. Um perfume discreto, antigo. Um silêncio que não era incômodo, mas carregado de intenções.

Foi ela quem falou primeiro.

— Você acredita que a gente pode amar mais de uma vez na vida?

Henrique arregalou os olhos brevemente, mas manteve a atenção na via.

— Acho que sim... quer dizer, depende, né? Tem gente que ama uma vez só, tem gente que ama todo mês — disse tentando soar leve, mas ela sorriu com pena.

— Eu amei três vezes — continuou. — Um foi meu marido. Os outros dois, segredos.

O carro seguiu em frente, atravessando cruzamentos, e Henrique percebeu que estava agora num outro tipo de corrida. Uma viagem dentro da cabeça daquela mulher.

— O segundo foi um homem que conheci numa fila de banco. Ele era casado. Eu também. Ficamos dez anos trocando olhares, palavras curtas e apertos de mão. Nunca nos tocamos além disso. Mas era amor.

Henrique engoliu em seco. Pensou na mulher que tinha

Vai para onde?

largado há três anos e no vazio que ficara desde então.

— O terceiro foi um motorista de táxi. Isso foi em 1979 — ela prosseguiu, com os olhos distantes. — Eu estava voltando do enterro da minha mãe. Peguei o táxi na frente do cemitério. Entrei, sentei atrás, como agora. E chorei. O motorista não perguntou nada. Só me ofereceu um lenço limpo e tocou a corrida. No fim, me deixou na porta de casa, desligou o taxímetro e disse: “Se quiser conversar mais, eu volto às sete.”

— E ele voltou?

— Voltou. E voltou por muitos meses. Às sete. Sem falta. Eu sentava no banco de trás, como uma dama sendo cortejada. Conversávamos, dávamos voltas pela cidade, sem destino. Só voltava quando ele dissesse “hora de dormir, madame”. Nunca nos beijamos. Mas sonhei com ele por vinte anos. Às vezes ainda sonho.

Henrique sentia que o carro estava mais silencioso que o normal. Como se os ruídos da rua fossem abafados pela lembrança daquela senhora.

— Hoje faz quarenta e seis anos que ele me deixou na porta de casa pela última vez. Nunca mais apareceu. Nunca mais atendeu o número que me deu. Fiquei doente. Meu marido achou que era luto da minha mãe. Nunca soube que eu

Vai para onde?

chorava era por outro.

— A senhora acha que ele morreu?

— Não. Acho que se apaixonou por outra passageira. E teve vergonha de me dizer. Ou coragem demais pra continuar me vendo.

Ela olhou para frente pela primeira vez, os olhos marejados, mas firmes.

— E hoje? A senhora vai ao hospital...

— Hoje é só uma consulta de rotina. Mas hoje também é o dia em que sempre pego um carro para lembrar. Entro, sento no banco de trás, e espero que o motorista me reconheça. Nunca acontece. Mas continuo tentando. Vai que.

Henrique sentiu um nó na garganta. Estavam quase chegando. Reduziu a velocidade sem perceber.

— Senhora... se um dia ele voltasse, o que a senhora diria?

Ela olhou o retrovisor com uma ternura de cortar pedra.

— Eu diria: “Obrigada por ter voltado. Agora pode me deixar na esquina mais próxima do paraíso.”

Pararam em frente ao hospital. Ela desceu, ajeitou a bolsa, agradeceu e caminhou com a mesma dignidade com que entrou. Henrique ficou parado ali, olhando pelo espelho, com a certeza de que aquela corrida não apareceria no extrato, mas

ficaria registrada para sempre no que ele chamaria, mais tarde, de “os passageiros que mudaram minha vida”.

O PASSAGEIRO QUE FALAVA COM FANTASMAS

Gilson Salomão Pessôa

Chovia fino quando ela entrou no carro. Vestia preto da cabeça aos pés, segurava uma sombrinha dobrada com a mão esquerda e, com a direita, puxava a barra da saia para não encostar na porta molhada. Era miúda, com olhos escuros que pareciam dois poços sem fundo, e exalava um perfume de lavanda que encheu o carro inteiro assim que sentou no banco de trás. O motorista ajeitou o retrovisor, confirmou o destino e iniciou o trajeto em silêncio, como fazia sempre com passageiros que pareciam precisar de silêncio mais do que conversa. Mas bastou meia quadra para ele perceber que havia algo errado — não com ela, mas com o que estava ao redor dela.

No banco traseiro, ela olhava para o vidro embaçado e falava sozinha. Não murmurava, nem cantava baixinho. Falava. Com frases inteiras, como se alguém estivesse ali respondendo. E de vez em quando, virava o rosto como se olhasse um

Vai para onde?

interlocutor ao lado, apesar de só haver espaço vazio. O motorista era um homem experiente, vinte anos de praça, já tinha levado de tudo: bêbado, parturiente, casal brigando, gente desmaiando e até uma noiva que fugia da igreja. Mas nunca, em toda a sua vida ao volante, tinha levado alguém que conversava com fantasmas — pelo menos não de forma tão articulada. Ele tentou não escutar, mas não conseguiu. A moça dizia coisas como “Ele ainda está lá?”, “Por que você voltou hoje?”, e uma que gelou o couro do banco: “Ele sabe que estamos sendo seguidos?”. O motorista engoliu em seco.

A moça parecia alheia ao efeito que causava. De vez em quando soltava um risinho, outras vezes ficava séria, como se escutasse más notícias. Em determinado ponto, inclinou-se para frente e perguntou: “O senhor sente coisas, seu...?” — e ele respondeu “Otacílio”. Ela repetiu o nome como quem provava um doce diferente: “Otacílio... bonito nome”. Em seguida, sem cerimônia, disse: “Tem alguém atrás de nós. Você sente?” O retrovisor não mostrava ninguém, a rua estava deserta, e mesmo assim Otacílio acelerou um pouco. O coração dele batia rápido, mas fingia calma.

Ela então contou, num tom calmo como quem comenta o tempo, que via pessoas mortas. Desde criança. Algumas a seguiam, outras apareciam do nada e depois sumiam. Não era

Vai para onde?

assombrada — era, segundo ela, “interessada”. Os mortos se interessavam por ela, como mariposas por uma lâmpada. “Uns pedem ajuda”, disse, “outros só querem companhia. Os piores são os que não sabem que morreram”. Otacílio mantinha os olhos na pista, mas ouvia tudo com atenção. Em uma curva apertada, ela se encolheu no banco e sussurrou: “Ele está aqui agora. Encostado no seu banco. Sente o frio?” E, de fato, uma corrente gelada soprou pela nuca de Otacílio, que conferiu o ar-condicionado e viu que estava desligado.

O trajeto parecia não acabar nunca. A cidade, antes conhecida de olhos fechados, agora parecia estrangeira. Cada semáforo demorava mais que o normal, os carros nas ruas pareciam mais distantes, como se o mundo tivesse mergulhado em uma névoa grossa. A moça, no banco de trás, suspirava como quem conversava com três ou quatro pessoas ao mesmo tempo. “Não, não posso dizer isso”, ela dizia. “Ele não está pronto.” Otacílio sentia o suor brotar das costas, mesmo com o frio. Em dado momento, ela tocou seu ombro — uma mão leve, mas firme — e disse: “Não se preocupe, ele não vai machucar você. Só queria um último passeio pela cidade.”

Quando enfim chegaram ao destino — uma casa antiga no bairro do Belvedere, com varanda de madeira e jardim em silêncio absoluto —, ela se inclinou outra vez. Olhou nos olhos

Vai para onde?

de Otacílio e disse: “Obrigado. Ele disse que gostou do trajeto. E que você é um bom ouvinte.” Otacílio não respondeu. Estava pálido, mãos coladas ao volante. Ela sorriu, saiu do carro sem pressa e entrou na casa. Antes de fechar o portão, virou-se uma última vez e acenou. Não para ele. Mas para o banco do passageiro da frente, como se alguém ali também acenasse de volta.

Otacílio não aceitou mais corridas naquela noite. Estacionou na beira da represa, desligou o carro, acendeu um cigarro mesmo sem fumar, e ficou ali, olhando para o nada. Sentia-se leve, mas também como se algo o tivesse tocado por dentro e deixado uma marca invisível. A partir daquele dia, começou a sonhar com ruas que não conhecia, com vozes chamando seu nome, com vultos sentados nos bancos de trás. E embora jamais tenha falado disso a ninguém, passou a deixar sempre um crucifixo pendurado no retrovisor e nunca mais rodou sozinho depois da meia-noite.

O CARRO QUE DAVA AZAR PARA TODOS OS PASSAGEIROS

Gilson Salomão Pessôa

Ninguém mais na cidade queria aquele Logan prata, ano 2013, banco de couro falso e cheiro persistente de desinfetante de pinho. Rodava no aplicativo desde antes do próprio aplicativo chegar oficialmente por lá, e todos os motoristas sabiam que quem acabasse ficando com ele no aluguel rotativo da garagem do Seu Elias tinha que fazer sinal da cruz, bater três vezes na madeira e pedir desculpa pra todo santo antes de girar a chave. Era o tipo de carro que podia estar limpo por fora, com os pneus calibrados e o tanque cheio, mas parecia carregar uma nuvem cinza invisível em cima do teto — não daquelas que desabam, mas daquelas que só pesam, pesam, pesam e puxam pra baixo.

O próprio Elias, dono da frota, já não dirigia aquele carro fazia tempo. Só o mantinha por teimosia, dizia que era o mais econômico da garagem e que azar era coisa de quem não sabia dar seta. Mas os motoristas mais antigos contavam, de cadeira, que a maldição começou num dezembro abafado, quando uma mulher grávida entrou no carro de madrugada, chorando e segurando uma mala de hospital. O motorista, nervoso, meteu o pé no acelerador sem olhar no retrovisor, e

Vai para onde?

no segundo quarteirão atropelou um cachorro. Ela perdeu o bebê ainda a caminho da maternidade. O cachorro sobreviveu com três patas, e o motorista nunca mais trabalhou com transporte. Dizem que o nome dele era Rogério, mas ninguém tem certeza. Desde então, o carro passou por seis acidentes leves, três motoristas que se divorciaram enquanto o usavam, um que perdeu um testículo num assalto e outro que sofreu uma diarreia fulminante bem no meio da linha vermelha — e com passageiro a bordo.

Mas ninguém colecionava azar como o Adriano. Quarenta e quatro anos, recém-separado, com uma filha que mal falava com ele e uma dívida de R\$ 8.300 no rotativo do cartão. Aceitou dirigir o Logan porque não tinha escolha. No primeiro dia, perdeu o celular novo, que caiu no vão entre os bancos e só foi encontrado dois dias depois, encharcado de refrigerante. No segundo dia, levou uma multa por atravessar sinal com passageiro pressionando ele: “Se não correr, vou perder minha entrevista!” No terceiro dia, uma passageira vomitou no tapete de borracha, o que não seria tão trágico se o vômito não tivesse escorrido até os encaixes da base do banco. No quarto dia, ele bateu com o retrovisor num orelhão, coisa que ninguém mais faz desde 2006. No quinto, o Logan parou de pegar. No sexto, pegou — mas fumaceou.

Vai para onde?

Mesmo assim, Adriano continuava. Por teimosia. Por orgulho. Por não ter plano B. No décimo primeiro dia, levou um senhor de idade até o cemitério municipal. O velhote não disse uma palavra, mas deixou cair uma moeda de cinquenta centavos no banco de trás, que Adriano achou mais tarde e decidiu guardar como "amuleto do azar" — porque já não acreditava em sorte.

No décimo terceiro dia, pegou uma mulher de cabelo vermelho no fim da tarde. Tinha olhos grandes e uma cicatriz no canto da boca. Quando ele perguntou o destino, ela respondeu: "Você escolhe. Só quero andar." Ele ficou desconcertado. Mas ligou o carro e foi dirigindo pela cidade, meia hora, depois quarenta minutos, depois uma hora. Nenhum dos dois falava. No final, ela pediu pra descer perto de um parque. Pagou em dinheiro, deixou uma nota de vinte real dobrada com um bilhete dentro. Ele só foi ler depois. Dizia: "Você não tem azar. Só anda com ele."

Aquela frase o perseguiu por dias. Começou a notar que os outros motoristas da frota sorriam menos quando estavam com o Logan. Que os passageiros dentro do carro mexiam mais ansiosos no celular, se despediam de forma mais seca, ou chegavam em silêncio, com cara de quem já estava com a alma murcho antes mesmo de entrar. O ar-condicionado do carro,

Vai para onde?

embora funcionando, parecia espalhar cansaço no lugar de frescor. Os espelhos vibravam sozinhos às vezes. O rádio, quando ligado, sintonizava estações que ninguém reconhecia. Uma vez, ouviu uma gravação antiga de alguém cantando "Asa Branca", mas com voz de criança — e com o rádio desligado.

Decidiu que era hora de devolver o carro. Chegou na garagem, jogou a chave no balcão do Seu Elias e disse: "Me dá qualquer um, menos esse. Pode ser o Celta que ronca." Mas Elias, impassível, respondeu: "Celta tá com o Marquinhos. Logan é o que tem. Vai negar corrida agora?"

Adriano foi embora a pé. Nunca mais dirigiu pelo aplicativo. O Logan ficou parado por semanas. Até que outro desesperado pegou. Durou sete dias, depois pediu pra sair. O carro voltou. Novo motorista. Três dias. Depois sumiu. E assim o carro ficou, eternamente em rotação, sempre com alguém diferente ao volante, sempre com um novo azar a caminho.

Até hoje, se alguém subir num Logan prata, ano 2013, com cheirinho de pinho e um leve rangido no banco do carona, é bom prestar atenção no que sente. Se vier um cansaço repentino, um mau pressentimento ou a vontade inexplicável de descer antes do destino... talvez seja melhor obedecer.

Porque não é todo dia que se pega um carro onde a má sorte vem de brinde com o ar-condicionado.



ELIANE CRISTINA

Eliane Cristina Barbosa transformou sua vida quando deixou que a escritora pudesse, finalmente, nascer. Todos os dias são dias de transformação de inspirações em livros, contos e poesias. A vida é mais feliz nessa viagem entre livros e personagens.

UMA CURVA, DOIS DESTINOS

Eliane Cristina

Ainda chovia muito. Minha cabeça doía, a nuca e as costas também, a coluna... já não estava boa e agora parece ter piorado. Tudo por causa do acidente de ontem. Toda a minha família queria que eu parasse de dirigir. Porém, o taxi não é apenas um meio de transporte dos passageiros que todos os dias me acenam nas ruas para parar, é um lugar de fala e de escuta para eles e para mim.

Desde que fui demitido do banco por conta dos aplicativos e do autoatendimento, meu carro passou a ser a condição de trabalho mais rápida para manter a saúde financeira, e lá se vão quinze anos. Conseguí me aposentar, mas continuei no taxi trabalhando. Hoje já não preciso virar noite nem trabalhar 13 horas por dia e fins de semana. Meus filhos estão criados e já não moram mais em minha casa. Minha esposa é aposentada. Professora, Sonia que sempre gostou de ler e escrever, descobriu o ofício de escritora depois que os meninos saíram de casa. Ela diz que os “personagens” pediam que ela escrevesse. Na verdade, acho que o taxi e a literatura nos livrou daquela sensação paradoxal de alívio e saudade que podia facilmente resvalar para uma depressão. Nossos filhos eram visitas ocasionais agora. Estavam ocupados,

Vai para onde?

fazendo as suas vidas, e é para isso que os criamos, por mais irônico que isso seja. As toalhas molhadas na cama, a pasta de dentes aberta, o chulé no quarto todo desarrumado, copos pela casa, tudo isso ficou para trás e o silêncio passou a ser um momento especial e aguardado ao final do dia quando eu podia chegar em casa, sem pressa, conversar longamente com Sonia ou apenas nos juntarmos para vermos as séries de suspense que ela tanto gostava. A vida se compõe. De alguma forma e sempre.

No taxi, grande parte de meus passageiros era conhecida. Em alguns momentos as conversas eram desabafo sobre problemas que enfrentavam. Mas, às vezes, entre as viagens dos conhecidos, vinham os desconhecidos e suas histórias. A moça jovem que entrou chorando de emoção porque passou no concurso a que tinha se submetido, ia para casa contar aos pais. A grávida que não conseguiu esperar o marido porque ele estava em Niterói em um engarrafamento e o bebê ia nascer. Conseguí chegar com ela até a maternidade, parei o taxi, chamei a enfermeira e ele nasceu! Dentro do carro. O marido chegou meia hora depois, quando a esposa e filho já estavam no quarto. Eu o esperava na antessala da maternidade. Nunca vou esquecer a emoção que vi no rosto dele. Me abraçou e me disse que o filho ia se chamar Fernando como ele.

Vai para onde?

Não acreditei! Eu também me chamava Fernando assim como meu filho mais velho. Somos amigos até hoje. Menos em dia de futebol. Eu sou vascaíno e ele flamenguista. Ninguém é perfeito!

Não vejo Sonia. Com toda certeza foi ver nossa nora que está grávida do nosso primeiro netinho. Coitada, deve ter saído apressada, nem fez o café. Vejo meu terno preto, elegante, do casamento do meu filho em cima do sofá com meias e os sapatos. Com toda certeza Sonia separou para que eu vestisse para algum compromisso. Minha cabeça dói. Não lembro como cheguei aqui ontem.

Eu estava vindo para casa, chovia torrencialmente. A Grajaú-Jacarepaguá é muito cheia de curvas. Lembro de descer devagar e uma moto ter derrapado em minha frente. Olho o relógio, preciso me vestir. Vou chamar um taxi para a casa do meu filho. De lá vamos para o compromisso que esse zunido no ouvido e a dor de cabeça me atrapalham de saber o que é.

Me visto devagar, esse terno foi do casamento dos meus filhos, da festa de 15 anos de minha sobrinha e, agora, será usado em algum evento importante. Homem não precisa ter cuidado para “não repetir roupa”, costumam dizer, até porque um terno preto com camisa branca, gravata cinza, sapatos e meias pretas não é um traje que chame a atenção.

Vai para onde?

Estou pronto, olho para o espelho e ele está tão embaçado que mal me vejo. Devem ser meus óculos. Agora preciso sair. Fecho a porta e quando atravesso o portão, vejo que um taxi me aguarda no portão. Deve ter sido Sonia quem pediu a um de meus amigos para virem me pegar. Ela sempre pensa em tudo. Devo ter chegado muito mal ontem.

Entro na condição de passageiro. É a única que poderia realmente estar hoje com essa dor de cabeça que não me larga. Nem pensar em dirigir. Cumprimento o colega, pergunto se ele sabe o endereço. Ele faz um gesto de positivo com o dedo. Não disse? Sonia pensa em tudo.

— Tempo ainda muito chuvoso e escuro não é amigo?

Ele balança a cabeça, mas não fala.

— Você acredita companheiro que ontem, indo para casa pela Grajaú-Jacarepaguá, com aquelas curvas todas e o temporal, um motoqueiro me cortou e derrapou na minha frente? Mesmo tendo freado meu carro, rodopiei na pista e acabei batendo forte em uma encosta na curva, naquele trecho das torres. A moto foi parar do outro lado. O rapaz estava de capacete, ainda bem, mas vi muito sangue nos braços e nas pernas. Rapidamente chegou o socorro, carros de bombeiro, ambulâncias, guinchos. Muita gente. Até reportagem de TV. O rapaz seguiu na ambulância. Vou procurar saber dele hoje.

Vai para onde?

Você conhece aquela curva?

Novamente com o sinal de positivo ele disse que sim.

— Isso mesmo amigo, no trânsito tem que ser assim. Falar pouco e ouvir muito. Estou te contando por que você é um colega de profissão. Deve ter ouvido falar do acidente de ontem. É inacreditável como estou inteiro apesar da gravidade da batida. Devem ter sido os bombeiros que me levaram para casa. E hoje, pelo que estou vendo, o tempo está ainda pior. Essa névoa e frio. Parece tudo meio embaçado por conta dessa chuva que mal deixa ver à frente. Ainda bem que você anda bem devagar, não há trânsito e os sinais estão todos abertos. Sabe, estava todo mundo querendo que eu parasse com o taxi. Mas ano que vem, nasce o meu netinho e eu vou parar. Meu único passageiro vai ser ele. Esperei muito por esse momento. Hoje em dia não se tem filhos muito jovens como no meu tempo. Mas estão certos. Filhos são responsabilidades para sempre.

Entramos em uma estrada estreita de paralelepípedos. Uma pequena volta e paramos. Abro a porta, saio do carro devagar e percebo por entre a névoa, cruzes, estátuas de anjos. Olho em volta. Reconheço o Cemitério do Caju. Embora seja um lugar de tristeza e despedida possui uma beleza arquitetônica nos mausoléus de famílias do século passado,

Vai para onde?

nas esculturas de anjos que, embora melancólicos, pareciam querer oferecer um consolo aos que sofriam.

Vi pessoas andando de um lado para o outro como se estivessem à procura de alguém. Será que o motoqueiro havia falecido? Provável. Por isso Sonia deixou o terno pronto. Deve ter vindo primeiro para oferecer às condolências em nosso nome pois me viu muito cansado ontem quando cheguei. Deve ter duvidado que eu viesse hoje.

Finalmente conheço o meu motorista. Está com uma aparência cansada e veste uma blusa de gola alta, porém, ainda assim, é possível perceber gazes e esparadrapos envolvendo parte do pescoço e da cabeça. Pergunto o seu nome e ele com a voz baixa responde que é Isidoro. Pergunto o que estamos fazendo ali, de quem era o sepultamento. Ele me aponta para seguir o caminho e dobrar a esquerda. Faço o percurso e já começo a procurar por Sonia ou algum colega conhecido.

Isidoro para em frente a uma lápide. Preta com mármore branco, tinha um ramos de flores em cima com uma faixa onde se lia 1 ano de saudades eternas de sua família. Isidoro, me pede com as mãos que eu me aproxime, afasta as flores e leio: Fernando de Magalhães Antunes Filho, 05 Fevereiro de 1947 – 06 de março de 2014, com uma foto

minha.

De repente parece que sou jogado em um tufão. Como se tivesse levado um choque sou jogado na grama. Como um filme, lembro de tudo agora. Com a batida, eu havia sido imprensado nas ferragens, tendo politraumatismo e fui a óbito ali mesmo, no local do acidente. O rapaz da moto foi reanimado, havia tido uma parada cardiorrespiratória. Eu o acompanhei na remoção para o hospital, embora meu corpo tivesse seguido no rabecão para o necrotério. Fiquei com ele à noite, durante a cirurgia, mas ele não aguentou e morreu na mesa de operações.

Eu estava morto e já havia 1 ano... Como eu não percebi? Por isso a casa estava vazia e sem a mesa posta para o café. Ninguém morava mais lá. Isidoro era o rapaz da moto. Não o reconheci de primeira. Nem poderia. A perturbação que me iludia não me deixava ver nada. Choro muito. O que vai ser, como vai ser não sei. Chamo o meu companheiro de desventura para o caminho que está mais claro agora. A chuva parou e a névoa se dissipou. Caminhamos em silêncio.



WALDO TEMPORAL

Nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo, mas sempre morou no Rio de Janeiro. Formou-se em Direito pela Universidade Federal Fluminense e em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou seu livro Pássaros Sem Asas pela Rubi Editorial, em 2022, e tem participado de várias antologias com contos, crônicas, poesias, artigos policiais e outros temas.

O OLIVEIRA

Waldo Temporal

O ônibus estava lotado, com pessoas se espremendo por todos os lados.

Eu ia sentado em um dos bancos do lado esquerdo, cansado e desanimado, como sempre, pensando nas diversas coisas que, ao tentar realiza-las, todas ao mesmo tempo, não conseguia seguir em direção nenhuma.

Olhei para a direita, sem intenção de ver alguma coisa específica, e observei um senhor de uns cinquenta e cinco anos de idade, sentado no banco do corredor, completamente entregue aos braços de Morfeu, ou seja, do sono. Em seu colo havia um disco, um compacto de músicas sertanejas, que ia, cada vez mais, escorregando por entre suas pernas.

Aquilo me ocupou por um longo tempo, em que fiquei torcendo para que o disco não caísse ao chão, pois, caso contrário, poderia ser pisado por alguém.

Cada curva que o coletivo fazia era, para mim, um tormento em que as expectativas alcançavam o seu ponto culminante.

— Vai cair agora! — pensava eu, nervoso, mas o disco não caía.

Irritado com aquilo, desviei meus olhos, uma vez que

Vai para onde?

aquele fato não era da minha alcada.

Porém não consegui ficar muito tempo sem olhar para aquele disco encantado, que chamava a minha atenção como a cantiga das sereias que atraíam os marujos de Ulisses, prendendo-os à ilha mágica de Circe...

Mas, ao olhar para o local, não vi mais o disco.

— Sumiu! — pensei — Deve ter caído no chão!

Instintivamente olhei por entre milhões de pernas e pés e o avistei exatamente em baixo dos pés do próprio dono.

Preocupado, decidi avisar a um rapaz que estava em pé diante do tal senhor adormecido.

— Cuidado! — alertei — O disco desse senhor está caído no chão.

O rapaz abaixou-se, pegou o disco com certa dificuldade e tentou acordar o homem, para entregar-lhe, sem o conseguir.

Nisso, outro senhor que estava sentado no banco exatamente em frente ao do dono do compacto, olhou para trás.

— Deixe o Oliveira em paz!... — ordenou.

— Eu só estava tentando devolver-lhe o disco que havia caído ao chão! — justificou-se o rapaz.

— Deixe o disco comigo! — determinou.

Vai para onde?

Notava-se, de imediato, que o homem estava alcoolizado, assim como o dono do disco que, agora, dormia tranquilamente com a cabeça apoiada no ombro do rapaz que estava sentado ao seu lado.

O rapaz que estava em pé entregou o compacto ao amigo do Oliveira, sem pestanejar.

Ouviram-se risinhos debochados no interior do coletivo, quando notaram que o Oliveira havia arranjado um “travesseiro” tão macio quanto o ombro do rapaz.

Com o súbito peso no ombro, o rapaz acordou assustado e, vendo do que se tratava, olhou ao redor para ver se alguém havia percebido o incidente.

Todos o olhavam ironicamente.

O rosto do rapaz ficou vermelho de imediato, mas ele não soube como livrar-se da situação e, assim, continuou servindo de “travesseiro” para a cabeça do Oliveira.

Indignado com as risadas que os passageiros davam ao olhar a cena, o amigo do Oliveira levantou-se bruscamente.

— Vocês querem parar de rir do Oliveira? Ele é um homem bom, honesto!

Os risos aumentaram.

Virando-se para o adormecido, chamou:

— Oliveira! Acorde, Oliveira! — sacudiu-o.

Vai para onde?

Nada aconteceu e as risadas continuaram.

— Calma! — respondeu o Oliveira, com uma voz arrastada e rouca, sem abrir os olhos.

— Ah, esse Oliveira se mete em cada uma! — exclamou o amigo — Oliveira, acorde!

Nada.

— Deixe o Oliveira dormir! — disse um dos rapazes.

— Vocês estão rindo dele! Ele é um homem bom e honesto! — e, sacudindo o homem, gritou: - Oliveira, acorde!

— Calma! — respondeu Oliveira.

Pouco a pouco o coletivo foi esvaziando. No entanto ainda restavam algumas pessoas em pé.

— Vamos embora, Oliveira!

— O ponto de vocês já chegou? — indagou outro rapaz.

— Não! Mas não permitirei que fiquem rindo de um homem bom e honesto! — sacudindo o amigo - Oliveira, acorde!

— Calma! — respondeu ele, ainda com os olhos fechados. Seus cílios pareciam colados.

— O senhor não vai descer no ponto errado, não é? — indagou um jovem, ironicamente.

— Não permitirei que fiquem rindo de um homem bom e honesto!

Vai para onde?

Sacudindo o amigo:

— Oliveira, acorde!

— Calma!

— Deixe o Oliveira dormir!

O homem olhava para os rapazes com cara de raiva.

— Oliveira! Oliveira!

— Calma!

— Ah, coitadinho! — ironizou mais um rapaz — Oliveira está dormindo feito um anjinho! Olhem! Ele até já arrumou um “travesseiro” fofinho!

— Chega! — explodiu o homem — Oliveira, acorde já!

Um dos rapazes aconselhou:

— É melhor acordar, Oliveira, senão seu amigo irá esganá-lo!

— Calma! — respondeu Oliveira.

E, nesta briga de acorda e não acorda, o ônibus continuou andando até chegar ao pondo em que os dois bêbados deveriam descer.

— Já chegamos Oliveira!

— Calma!

— Mas, que ódio! — bradou o homem — Oliveira, acorde! Você me arranja cada uma!

— Ah, tem dó do Oliveira!

Vai para onde?

— Cale a boca, seu moleque!

— Ah, moço! Não sou moleque, não! Só estou com peninha do Oliveirinha! Ele está com tanto soninho!

— Oliveira, acorde! Já chegamos!

— Calma!

Nesta altura dos acontecimentos todos que estavam dentro do coletivo já participavam do evento.

O motorista olhava, deliciado:

— Como é? O Oliveira vai acordar ou não? Eu tenho que seguir com o ônibus!

— Oliveira, o ônibus está esperando! — exasperou-se o homem.

— Calma!

— Meu Deus! Acorde, Oliveira!

— Tadinho do Oliveira!

— Cale a boca, moleque! Oliveira, acorde!

Todos os passageiros gritaram, em uma só voz, batendo palmas:

— Acorde Oliveira! Acorde, Oliveira!

Um dos passageiros, metido a poeta, logo inventou uma musiquinha:

— Acordem este homem!

Acordem o Oliveira!

Vai para onde?

Senão este negócio
Só parte sexta-feira!
E todos entraram na festa, cantando e batendo palmas.
Alguns se levantaram dos bancos e começaram a dançar como
em um Carnaval.

— Acordem este homem!
Acordem o Oliveira
Senão este negócio
Só parte Sexta-feira!
— Oliveira, pelo amor de Deus, acorde! — gritou o
amigo.

— Calma!
Perdendo a paciência, o homem puxou o Oliveira pelo
braço, obrigando-o a levantar-se.
— Você vai descer deste ônibus nem que seja arrastado!
— Isso! — gritou alguém — Carregue o bebê no colinho!
— Cale a boca, seu moleque!
— Eu não sou moleque não, senhor!
Cambaleando, o Oliveira caminhou para a porta
dianteira, sendo arrastado pelo amigo que, como um dragão,
deixava fogo e fumaça saírem pelas narinas.
— Até logo, Oliveira!
— Tchau!

Vai para onde?

— Durma bem!

— Cuidado com o Oliveira!

Parado, na porta do coletivo, o Oliveira dirigiu-se a todos:

— Muito obrigado!... Muito obrigado!...

— Cale a boca, Oliveira! Vamos embora!

Sorrindo de felicidade, Oliveira comentou:

— Eles não são simpáticos?

Os dois desceram do coletivo. E, quando este partiu, várias cabeças apareceram nas janelas:

— Deixe o Oliveira dormir!

— Tchau, Oliveira!

— Durma bem!

— Tenha bons sonhos!

— Boa noite, Oliveira!

— Sonhe com os anjos!

O rapaz poeta encerrou as despedidas:

— Sonhe com uma flor,

Com uma margarida,

Mas nunca, nunca sonhe

Com um copo de bebida!

E o ônibus partiu...

COISINHA, NÃO!

Waldo Temporal

O ônibus seguia seu trajeto monótono, vagarosamente. Ia cheio, com pessoas em pé cobrindo todo o corredor, da roleta até a porta da frente.

Eu me encontrava sentado no último banco, perdido em meus pensamentos, até que ouvi a voz vinda do primeiro banco junto à do trocador, do outro lado da roleta:

— Ei, coisinha, este ônibus passa na Rua Cajuruba?

— O que? — exclamou a trocadora, uma afro descendente que deveria pesar uns 150 quilos.

— Este ônibus passa na Rua Cajuruba?

— Não! Quero que você repita o que você disse antes!

— Eu perguntei se este ônibus passa na Rua Cajuruba.

— Passa, sim! Mas eu perguntei o que você disse ANTES!

Você disse coisinha?

— Disse...

— Coi-si-nha?

— É.

— Pois fique sabendo que eu não sou coisinha coisa nenhuma! Se ainda você tivesse dito “coisona”, seria outra coisa... mas, coisinha?... Ah, esta não! Coisinha não é nada!

Hum!...

Vai para onde?

Calou-se, com a cara emburrada.

Tentei ver quem dissera tal sacrilégio, porém não consegui descobrir, pois o coletivo estava muito cheio.

A trocadora, vendo-me interessado, continuou:

— Coi-si-nha!... Ora, veja só! Coi-si-nha!...

Sorri encabulado, sem saber o que fazer.

— Você já viu isso?... Coi-si-nha!... Se ainda fosse “coisona”!... Mas, coisinha? Coisinha não é nada!...

Finalmente a trocadora dignou-se a calar.

A viagem continuou sem mais problemas até que, no meio das conversas, duas senhoras falaram:

— Estou com a pressão alta!

— Você está fazendo tratamento? — indagou à amiga.

— Não.

— Mas deve! O médico me receitou este remédio aqui — disse, procurando o remédio na bolsa — Ué, cadê? Ah, está aqui! — mostrou.

— Este remédio é bom?

— Sei lá! Eu ando sempre com ele na bolsa, mas nunca o tomei. Ele faz o efeito aqui mesmo, dentro da bolsa...

— Menina, que coisa!...

Ao ouvir isso, a trocadora disparou:

— O que? Coisa? Ora, vejam só: coi-si-nha! Se ainda

Vai para onde?

fosse “coisona”! Coisinha não é nada! Coi-si-nha! Hum!... Eu não sou coisinha coisa nenhuma!...

Calou-se, dando-nos tempo para descansar os ouvidos.

Eu já ia me desligando em meus pensamentos, quando ouvi uma criança perguntar para sua mãe:

— Mãe, o que é aquela coisa? — apontou para uma máquina que ajudava alguns homens a consertarem o asfalto.

— Coisa?... — tornou a trocadora - Vejam só!... Coi-si-nha! Coisinha coisa nenhuma, viu? Se ainda fosse “coisona”! Coisinha não é nada!

Os passageiros estavam curiosos para descobrir quem era o autor de tão enorme difamação.

A trocadora, percebendo a curiosidade de todos, continuou:

— Já imaginaram ser chamada de coisinha? Coi-si-nha! Se ainda fosse “coisona”! Mas coisinha! Coisinha não é nada!

E falou, falou, falou, resmungando.

Meu ponto já estava próximo. Levantei-me do banco, passei pela roleta, pagando a passagem. Ia cheio de medo da trocadora. Segui, pé ante pé, até a porta do coletivo. Quando ele já havia parado no ponto em que eu iria descer, ouvi alguém cantar, no fundo do ônibus:

— Eu não sou coisinha, não! — parafraseando a música

Vai para onde?

Eu Não Sou Cachorro, Não, de Waldick Soriano.

— O que?— explodiu a trocadora.

Fechei os olhos e descia correndo. Coitada da criatura que tivera a infeliz ideia de cantar tal sacrilégio.

O ônibus partiu, levando mais resmungos da enorme trocadora:

— Coisinha não é nada!... Hum!...

A COLA

Waldo Temporal

O rapaz subiu no ônibus e passou, apressadamente, pela roleta. Quando tirou a carteira do bolso, para pagar a passagem, um minúsculo pedaço de papel, que se encontrava no bolso da calça juntamente com a carteira, saiu voando, indo cair dentro da gaveta de dinheiro do trocador, sem que nenhum dos dois o percebesse. Ao receber o troco, o rapaz sentou-se em um banco, ao lado de uma senhora. Estava muito nervoso, pois teria uma prova difícil, e não sabia nada de nada.

Agitado, resolveu rever a matéria e conferi-la com a "cola" que havia feito no minúsculo pedaço de papel. Porém,

Vai para onde?

não a encontrou.

Sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo inteiro.

— Ih, e agora? — indagou-se, procurando a "cola" por todos os lados do banco.

— Perdeu alguma coisa? — indagou a senhora, também procurando.

— Sim, a minha "cola"!

— Quebrou algo?

— Sim, a minha matéria! — respondeu o rapaz, sem entender direito o que ela perguntava.

— É plástica?

— Não, não faço Plástica! — disse ele, pensando em Artes Plásticas.

— Eu sei que você não faz plástica! Mas, vai dar para colar?

— Claro! Por isso quero a minha "cola"! — o rapaz estava extremamente nervoso.

— Mas, o que você quer colar?

— Literatura!

— Ah, isto tem jeito, sim! — exclamou a senhora, aliviada, pensando em livros de romances rasgados.

— Só terá jeito se eu encontrar a minha "cola"...

— Claro, meu filho! Você deve colar isto, sim! Sempre

Vai para onde?

que acontecer, cole! É muito importante!

— Não encontro! — exasperou-se o rapaz, olhando por baixo do banco.

— Mas é preciso encontrar! — disse a senhora, concordando - Isso é muito importante!

O rapaz levantou-se para procurar por baixo do banco de trás. E a senhora, virando-se para uma estudante de cabelos ruiva, muito bem vestida, que trazia em seu colo uma pilha de livros novinhos em folha, indagou:

— Você viu a cola do rapaz?

— Não vi e nem quero ver! — respondeu ela, com desdém, olhando para o rapaz - Não uso essas coisas!

— Não? — assustou-se a senhora. — Mas que absurdo! Isto é muito importante!

— Não para mim - disse a ruiva esnobe, com cara de nojo.

Observando as roupas caras da jovem e imaginando que ela, por ser tão esnobe, jamais usaria alguma coisa consertada, comentou:

— Claro que você não cola!... Você não tem cara mesmo de quem cole... Você deve é comprar sempre novos objetos de suas culturas...

— O que a senhora está insinuando? — indignou-se a

Vai para onde?

moça — Estão pensando que eu compro os meus diplomas?...
Ora, que desaforo!

— Desculpe-me, querida! Eu não pensei que isso seria
uma ofensa!

— Como não pensou? — indagou a moça, com o nariz
torcido.

— Eu pensei que você fosse menos popular! Que você
não fosse tanto como o povo...

— E não sou mesmo! Vê se eu me misturo!...

Assim dizendo, a estudante pegou sua carteira de
cigarros e, ao abri-la, apareceu na tampa um espelhinho, onde
ela ficou se mirando, enquanto acendia o cigarro.

— Eu, hein! Já não estou entendendo mais nada! -
resmungou a senhora, com seus botões.

Neste momento, o trocador, que havia achado a "cola",
perguntou bem alto:

— De quem é esta "cola"?

— É minha! — respondeu o rapaz, saltando do banco e
correndo para buscar o tão precioso papel — Bem na hora! Já
estava mesmo chegando ao meu ponto!

— Ah, que bom! — festejou a senhora — Mas que sorte!

O rapaz, já calmo, desceu no ponto seguinte, todo
sorridente. E a senhora, abrindo a janela, gritou para ele:

Vai para onde?

— Cole sempre, meu filho! Só assim a cultura será preservada!

Ele, ao ouvir isso, não entendeu nada.

Como isso seria possível?!...



JURANDYR RASQUINHO FILHO

Formado em Teologia pela Faculdade Betel de Ensino Superior, autor de 2 livros, apaixonado pela vida e pelos seres humanos, independente de credo religioso, raça, ou posição social. Um guerreiro que lutou anos contra o câncer, e que num período de 4 anos, passou por 6 cirurgias, todas na área da oncologia. Aprendeu através dessas experiências, a compreender o verdadeiro sentido da vida, reconhecendo assim, o valor da fé em Deus, e a importância da medicina, como um instrumento divino, para o bem estar da raça humana.

ENTRE CORRIDAS E RECOMEÇOS

Jurandyr Filho

Joseph sempre foi um homem precavido, sempre focado no bem-estar de sua família. Pai de dois filhos lindos e casado com uma esposa amável, era considerado um homem bem-sucedido no contexto familiar.

Porém, uma forte crise financeira atingiu a empresa em que ele trabalhava há anos, e não restou alternativa aos empregadores senão demitir grande parte dos funcionários — especialmente os que recebiam salários mais altos. Joseph estava entre eles.

Ele era um próspero analista de sistemas e praticamente gerenciava todo o departamento de marketing da Alpha Company. Por ser uma pessoa altamente versátil e discreta, conquistou, dia após dia, a confiança de toda a diretoria. Era alguém de extrema confiança, e isso fez com que seu salário se tornasse um dos mais altos da equipe.

Graças a isso, o padrão de vida da sua família se tornou cada vez mais estável: uma bela casa, um automóvel confortável... Enfim, estavam desfrutando do melhor. Até que as coisas começaram a mudar drasticamente.

Já haviam se passado três meses, e Joseph ainda não conseguia encontrar um emprego compatível com seu status

Vai para onde?

profissional. Foi forçado a tirar os filhos de uma conceituada escola particular e a cortar drasticamente gastos que, anteriormente, pareciam ser de primeira necessidade — mas que, diante do novo contexto financeiro, se mostraram dispensáveis. Tudo isso foi gerando um profundo desconforto em seu coração.

Foi então que, em comum acordo com Ester, sua esposa, decidiram vender alguns bens dos quais perceberam que podiam abrir mão. Também trocaram o carro de luxo por um modelo bem mais simples. Pelo menos, teriam um certo fôlego — ainda que temporário — para arcar com todas as despesas da casa.

Ester chegou a considerar a possibilidade de voltar ao mercado de trabalho. Antes de se casar, atuava como assistente jurídica em um renomado grupo de advogados associados. No entanto, Joseph era expressamente contra. Sentia-se com o orgulho ferido só de pensar que sua esposa viesse ajuda-lo no sustento do lar.

Joseph passou, então, a buscar um emprego compatível com sua formação acadêmica. Participou de várias entrevistas, enviou inúmeros currículos e, muitas vezes, saiu pelas ruas em busca de oportunidades. No entanto, voltava para casa sempre frustrado por não conseguir nada.

Vai para onde?

Com o passar dos dias, a situação tornou-se ainda mais difícil. Chegou-se ao ponto de faltar até mesmo os gêneros de primeira necessidade. Isso levou Joseph ao desespero. A tensão começou a afetar profundamente sua vida conjugal e o relacionamento com os filhos. Ele se tornou uma pessoa extremamente irritada, impaciente e emocionalmente instável.

MUDANÇA NA ROTA PROFISSIONAL

Os dias estavam se tornando cada vez mais insuportáveis. A crise financeira começava a afetar seriamente o relacionamento entre Joseph e Ester, a ponto de ambos cogitarem a separação. As brigas se tornaram constantes. Joseph, tomado pelo estresse, passou também a tratar os filhos com rispidez.

Felipe e Bruno, adolescentes, percebiam a forma como a mãe vinha sendo tratada e, preocupados com o sofrimento dela, chegaram a aconselhá-la a se separar do pai. Tomaram o partido de Ester, tentando protegê-la da tensão crescente dentro de casa.

Foi então que Ester pediu a separação. Esse pedido foi um verdadeiro choque de realidade para Joseph. Ele caiu em si e percebeu que suas atitudes estavam ampliando ainda mais a

Vai para onde?

destruição no seio de sua família.

Decidiu, então, mudar. Passou a tratar a esposa e os filhos com brandura e respeito, reconhecendo suas falhas. A mudança foi tão visível que Ester desistiu do divórcio — afinal, ainda o amava profundamente.

Com a reconciliação veio também uma ideia nova: usar o veículo da família como fonte de renda. Joseph resolveu, então, trabalhar como motorista de aplicativo. Ester e os filhos se alegraram com a iniciativa e prontamente o apoiaram. Passados sete dias, Joseph deu início à sua nova função.

A vida de um motorista de aplicativo é marcada pela flexibilidade de horários, mas também por longas jornadas de trabalho e custos operacionais elevados. A rotina envolve conectar-se ao aplicativo, aceitar corridas, dirigir até o destino e receber o pagamento, sempre interagindo com diferentes tipos de passageiros.

Apesar da liberdade de horários — algo atraente para quem busca autonomia —, os motoristas enfrentam diversos desafios: alta taxa de cancelamentos, pressão dos algoritmos, custos com combustível e manutenção do veículo, além do risco constante de endividamento e o impacto direto na saúde mental.

O contato diário com pessoas pode ser enriquecedor,

Vai para onde?

mas também exige equilíbrio emocional, pois é preciso lidar com diferentes perfis e situações inesperadas. A ausência de benefícios trabalhistas, a insegurança financeira e a necessidade de se manter produtivo o tempo todo acabam gerando altos níveis de estresse e ansiedade. E foi exatamente entre essas idas e vindas que Joseph conheceu Marco Antônio.

Enquanto cruzava a Rua Augusta com a Avenida Paulista, Joseph recebeu uma chamada pelo aplicativo. Marco estava visivelmente apressado — tinha uma reunião no bairro do Paraíso.

— Vai pra onde? — perguntou Joseph.

— Próximo à estação Paraíso. Estou atrasado. Pra variar, o pessoal do metrô entrou em greve, e tenho uma reunião muito importante daqui a 45 minutos — respondeu Marco, entrando rapidamente no carro.

— Então entre, farei o possível para que não chegue atrasado — disse Joseph, com firmeza e simpatia.

Durante o trajeto, Joseph acelerava com cautela, respeitando os sinais, mas tentando compensar o tempo perdido de Marco. O trânsito, como de costume naquela região, estava congestionado, mas ele conhecia alguns atalhos.

— A greve pegou muita gente de surpresa hoje — comentou Joseph, tentando quebrar o gelo.

Vai para onde?

— Sim, infelizmente. E justo hoje, quando eu tinha uma apresentação crucial com um novo cliente — respondeu Marco, checando o relógio a todo momento.

— Você trabalha com o quê, se me permite perguntar?
— indagou Joseph, de forma cordial.

— Sou gestor em uma empresa de consultoria empresarial. Lido com recuperação de negócios em crise, reestruturação e reposicionamento de mercado.

Joseph soltou um leve sorriso, quase irônico.

— Interessante... estou tentando me recuperar de uma crise também — disse ele, com um tom mais leve, mas carregado de sinceridade.

Marco olhou rapidamente para ele, surpreso com a franqueza.

— Perdeu o emprego?
— Sim. Trabalhava como analista de sistemas em uma empresa há anos. A crise bateu forte, fui um dos primeiros a ser cortado. Tive que me reinventar. Aqui estou eu, dirigindo pelas ruas de São Paulo.

Marco ficou em silêncio por alguns segundos, refletindo sobre o que ouvira.

— Às vezes, os recomeços nos colocam no caminho certo... mesmo que, à primeira vista, pareçam retrocessos —

Vai para onde?

disse, com voz firme, como quem falava por experiência própria.

Joseph assentiu, respirando fundo.

— Tenho tentado acreditar nisso. A vida deu uma virada difícil, quase perdi minha família... Mas estou tentando reconstruir.

— Acredite, já vi muitos casos assim. E sabe de uma coisa? Os que não desistem, vencem — afirmou Marco, com convicção.

O clima dentro do carro havia mudado. Aquela não era mais apenas uma corrida qualquer — era o encontro de duas histórias, cruzadas por um momento oportuno.

Chegando ao destino, Marco olhou para Joseph com seriedade.

— Anote meu nome e número. Estou sempre em busca de pessoas resilientes para projetos. E, sinceramente, admiro a sua postura.

Joseph ficou atônito por um instante, sem palavras.

— Obrigado... não sei nem o que dizer.

— Diga apenas que não vai desistir. — Marco sorriu. — E me liga.

Desceu apressado do carro, desaparecendo entre os prédios do bairro do Paraíso.

Joseph ficou ali, por alguns segundos, olhando pela janela. Um misto de surpresa, esperança e renovação tomava conta do seu peito. Pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu que algo novo e bom estava para acontecer.

OS QUE ACREDITAM CHEGAM MAIS LONGE

Nos dias seguintes, Joseph não conseguia tirar aquela corrida da cabeça. As palavras de Marco Antônio ecoavam em sua mente: *“Os que não desistem, vencem”*. Havia algo naquela conversa que reacendeu uma fagulha que ele pensava ter se apagado.

Depois de muita hesitação, Joseph tomou coragem e decidiu ligar para o número que Marco lhe deixara.

— Alô? Marco Antônio falando.

— Oi, aqui é o Joseph... o motorista de aplicativo. Nos conhecemos há alguns dias, você me pediu para ligar...

— Joseph! Claro que me lembro. Estava esperando seu contato. Pode passar aqui amanhã às 9h da manhã? Quero te apresentar ao nosso time.

— Claro! Estarei lá, pontualmente — respondeu Joseph, tentando esconder a mistura de nervosismo e entusiasmo em sua voz.

Vai para onde?

Na manhã seguinte, Joseph vestiu sua melhor camisa — a mesma que usava em suas antigas reuniões corporativas — e seguiu até o endereço que Marco havia enviado. Era um edifício moderno, em uma das avenidas mais valorizadas da cidade. Ao entrar, foi recepcionado por uma secretária simpática e logo conduzido até uma sala de reuniões.

Marco já o aguardava.

— Joseph, que bom que veio. Vou ser direto: gostei da sua postura, da forma como lidou com a situação. Não é todo dia que se encontra alguém que mantém a dignidade mesmo em meio à dor. Isso, para mim, é sinal de liderança.

Joseph ficou sem palavras. Marco prosseguiu:

— Estamos expandindo nossa equipe de consultoria em TI e marketing estratégico. Preciso de alguém que conheça sistemas, que entenda de processos e que tenha sensibilidade com pessoas. E acredito que você seja esse alguém.

— Você está me oferecendo... um emprego? — perguntou Joseph, quase incrédulo.

— Estou oferecendo uma oportunidade. Você decide se transforma isso em um recomeço ou não.

Os olhos de Joseph marejaram. Após meses de portas fechadas, aquele gesto reacendia a esperança.

— Eu aceito. De coração. Muito obrigado, Marco.

Vai para onde?

— Então seja bem-vindo à equipe. Começamos segunda-feira. E Joseph... leve isso como mais do que um novo trabalho. Leve como uma missão.

Joseph saiu daquele prédio com o coração acelerado. Pegou o celular e, antes mesmo de ligar o carro, fez uma ligação.

— Ester, amor... você não vai acreditar no que aconteceu.

Do outro lado da linha, Ester silenciou por um instante. Seu coração apertado, acostumado às más notícias, levou alguns segundos para compreender o que Joseph acabara de dizer.

— Você está falando sério? — ela perguntou, com a voz embargada.

— Sim. Fui chamado para integrar a equipe de uma consultoria. Marco Antônio, lembra? Aquele passageiro apressado da reunião... Ele me deu uma oportunidade real. Começo segunda-feira.

Do outro lado, Ester chorava. Mas desta vez, de alívio. De alegria.

— Eu sabia... sabia que Deus não havia nos abandonado — respondeu ela, emocionada.

Joseph desligou o telefone e olhou para o céu entre os

Vai para onde?

prédios. Respirou fundo. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se inteiro. Não por causa de um salário, mas porque havia reencontrado algo muito mais valioso: seu propósito, sua força interior, sua fé.

Naquela noite, sentado à mesa com Ester, Felipe e Bruno, Joseph contou a novidade com um sorriso nos lábios e olhos brilhando. A família, antes marcada por brigas e tensões, agora estava reunida em torno da esperança. Riram, choraram, agradeceram.

Felipe, o mais velho, não resistiu e comentou:

— Pai, acho que a maior virada da sua vida não foi esse emprego... foi ter voltado a ser o pai que a gente amava. Joseph olhou para os filhos, depois para Ester, e disse em voz baixa:

— A dor me quebrou, mas o amor me reconstruiu.

E ali, naquela imensa sala, e agora cheia de vida, Joseph entendeu: o verdadeiro sucesso não está em quanto se ganha, mas em quanto se ama, se luta, e se recomeça.

“Esqueçam o que se foi; não vivam no passado. Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo! Vocês não a reconhecem? Até no deserto vou abrir um caminho e riachos no ermo.” (Isaías 43:18-19).



J. F. RIBEIRO

J. F. Ribeiro, pseudônimo de Jefferson Fabiano Prazeres Ribeiro, é formado em História e Pedagogia, cursa graduação em Artes Cênicas, sendo Ator e dramaturgo com formação cênica audiovisual, e Administração de empresas. Com pós nas áreas de Educação Tecnológica e Ensino de História & Cultura-afro, é, além de historiador mestre em História, educador especial e neuropsicopedagogo, enfatizando educação antirracista para professores. Lecionou História de 2008 até 2024 na rede Educafro RJ, onde atualmente só gera. Leciona Sociologia e Cidadania no Instituto de Pesquisa e Culturas Negras - RJ e de forma EAD no curso "Formação Para Docência e Gestão para a Educação das Relações Étnico-Raciais, educação escolar e Quilombola" para a UNESP, e já lecionou para as séries iniciais na prefeitura do RJ. Na literatura, foi um dos autores do espetáculo, "Contos do Agreste" e um dos autores das antologias "Na teia da Viúva Negra" e "Mistérios da Meia-noite"

SANGUE & ASFALTO: ENTRE TIROS E MARCHAS

J. F. Ribeiro

PRÓLOGO — A ENTREGA

O céu de São Paulo estava embaçado, como se tivesse tragado a fumaça de tudo que a cidade queimava por dentro. A chuva fina descia suja, misturada à fuligem e passado. Carros, motos, ônibus e pessoas passando com aquela pressa de megalópole, como não houvesse pausa no dia de serviço. Motociclistas discutindo com motoristas de carros, cuja conversa sempre terminava com um chute no retrovisor e em seguida o motociclista arrancando em velocidade.

Cláudia tremia, sentada num canto escondido do Café Estação. Ela observava a entrada a cada três segundos. Os olhos carregavam noites sem dormir, e o crachá da ONG “Mãos de Esperança” balançava no peito com o vento da porta automática. Era uma mulher comum. Exceto pelos dedos trêmulos e o pânico que dançava por trás dos óculos de lente redonda de armação grossa. Vestia calça jeans clara, camisa preta de manga e um blusão verde musgo sem manga, transformado em colete, e tênis da mesma cor do colete. Morena de cabelos castanhos claros, lisos até os ombros, com 50 anos aparentando 30, mas neste momento a aparência está

Vai para onde?

tão acabada que está perto de parecer ter um pouco mais da real idade.

O pen drive estava no bolso do blusão. Era prateado, simples, como tantos outros. Mas guardava contratos, nomes, áudios e transferências que fariam a cidade sangrar — se saíssem da sombra.

Valentina chegou sete minutos depois. Entrou como uma onda de cor naquele ambiente apagado. Com 30 anos, viu o que muitas cinquentonas jamais pensariam em ver na vida. Vestia um semi-minivestido vermelho, justo e ligeiramente acima do joelho, botas de cano curto e uma jaqueta de couro preta, que parecia moldada ao corpo. A maquiagem discreta destacava o olhar duro e calculado. Como quem já viu demais pra acreditar em suavidade. Branca, quase morena, de cabelos escuros ondulados longos, chegando à metade das costas, estavam presos num coque prático. Ela carregava uma bolsa de tiracolo e, ao contrário de Cláudia, não tremia. Só observava. Como uma loba num campo minado. Sentou-se à frente da contadora. Não pediu café. Só estendeu a mão discretamente por baixo da mesa e pegou o pen drive como quem recebe um testamento.

— Se me acontecer alguma coisa... Você jura que expõe?

Valentina não respondeu de imediato. Olhou nos olhos

Vai para onde?

dela. Viu ali o desespero de quem já não espera ser salva.

— Eu não sou justiceira — disse. — Mas eu não aceito morrer calada. A frase pairou no ar como uma sentença. Cláudia sorriu, trincada.

— Eles vão atrás de mim. E depois... De você.

— Já vão — respondeu Valentina, sem mudar o tom. — E que bom que você não pensou em chamar a polícia.

— Esqueceu que a tua madrinha conhece a nossa polícia nazista? — Responde Cláudia, com outra pergunta, piscando um olho. — Meu amor, a polícia Militar de São Paulo jamais vai deixar de ser assassina. Desde a ROTA, que matou até filho de instrutor da própria, desde fascistas feitos Afanásio Jazadji, Comte Lopes e falecido Alborghetti, que o satã o tenha, a PM paulistana vai sempre ser psicopata. Matam pretos, pobres, moradores de rua e putas com a mesma alegria que chifram suas esposas com as próprias putas que costumam matar por aí. E de puta a gente entende, né.

Ambas entram na gargalhada. Depois que acabam de rir, se olham com olhar como quem diz “agora é nós por nós”, e Cláudia pega na mão de Valentina e aperta forte.

— Eu sabia que você não pensaria diferente de mim, quando o assunto é a PM paulistana. Diz Valentina, orgulhosa de ver que uma de suas mentoras da vida, e sua madrinha de

batismo, não mudou a cabeça.

— Ninguém em sã consciência bota a mão no fogo por essa quadrilha fardada. Dê orgulho a tua mãe. Ela está te dando todas as forças do mundo.

— E darei a você também. — Diz Valentina, considerando Cláudia como uma amiga de suma importância, além de sua madrinha. — Terminando a reportagem do rombo na saúde, essa história que você me deu vai a público.

Elas se levantaram quase ao mesmo tempo. Não se abraçaram. Não disseram adeus. Uma saiu pela frente. A outra pelos fundos.

I — A CORRIDA — QUATRO HORAS DEPOIS DO ENCONTRO

Carlos acelerava entre as faixas como quem deslizava por fendas de um mundo à beira do colapso. Moreno claro, com cabelos curtos, bem batidos penteado do lado com partes pra frente. 40 anos, com a aparência mediana entre 25 e 35, mas com marcas que a vida e experiência nas ruas deram. Jaqueta surrada aberta, camisa preta, calça jeans cinza claro e a bota preta. Portava uma mochila com o logo de uma empresa de entregas quase ilegível, o capacete riscado — tudo nele carregava pressa e desgaste. Mas naquele fim de tarde, já

Vai para onde?

iniciando a noite, o que lhe pesava mais não era o cansaço. Era o silêncio estranho do aplicativo.

Nenhuma entrega. Nenhuma corrida. Até que apareceu: Corrida Premium. Destino: Zona Leste. Valor acima do normal. Pagamento em dinheiro. Ponto de encontro: Rua Rego Freitas, República. Esquina da rua em frente a um boteco que já viu dias melhores.

Quando chegou, ela estava lá. A mulher de vermelho. A mesma que carregava nos olhos algo entre urgência e desespero perfeitamente domado. Estava com o vestido justo, molhado pelas gotas da garoa que não cessava. A jaqueta de couro colava-se ao corpo, e uma pistola pequena se desenhava sutilmente por dentro da bolsa tiracolo.

Carlos tirou o capacete, desconfiado.

— Valentina?

Ela assentiu com o queixo.

— É você, o piloto?

— Se for pra voar baixo, sou.

Valentina subiu na garupa sem perguntar nada. Só passou os braços ao redor dele, firmes.

— Se alguém tentar nos seguir... não desacelera. Eu atiro. Disse Valentina.

Ele não entendeu. Ou fingiu não entender. Só engatou

a primeira. Pois o tanto de loucuras que ele ouvia de passageiro, aquilo, a princípio, parecia mais uma palhaçada.

II — O RONCO DO INFERNO

A moto ronronava pelas avenidas largas do centro, já entrando na Zona Leste, costurando entre os carros como uma navalha quente atravessando carne crua.

No retrovisor, ele viu faróis altos. Apesar de distantes, ele observou de forma certeira por conta dos anos de experiência de estradas paulistanas. Um carro preto, completamente filmado, avançando rápido demais pra ser apenas coincidência.

— Temos sombra — disse ele, sem virar a cabeça. — Estão distantes, mas certos.

Valentina girou discretamente o corpo na garupa, sacou de dentro da bolsa uma pistola Taurus compacta. Olhou por cima do ombro com a frieza de quem sabe o quevê.

— São eles — murmurou. — O carrão do Comissário. Os bastardos vieram rápido.

Carlos cortou à esquerda sem sinalizar, entrou numa rua estreita, desviando de dois cones de obra, subindo com a moto numa calçada rachada. Pneus chiaram, buzinas

Vai para onde?

explodiram. O carro preto virou atrás deles como um tubarão sentindo sangue.

— Precisamos encontrar um lugar onde eu possa meter bala sem dificuldade — disse Valentina, já destravando a arma.

— Não sei se entendi bem... Você vai mesmo atirar?

Valentina se segurou na barriga de Carlos com a arma na mão, se pendurando nele e inclinando-se para trás e atirando contra o carro preto.

— Quê que eu fiz da minha vida? — Se pergunta Carlos, apavoradamente.

O som do motor deles chega a ser abafado pelo rugido grave do carro perseguidor. Um sedã blindado e pesado. A moto virou numa viela e Carlos manteve o controle, mas o carro se aproximava. Estavam a segundos de serem alcançados.

Do banco de trás do sedã, um braço surgiu pela janela. Algo metálico brilhou. Carlos viu no espelho o clarão do primeiro tiro. O projétil passou rente ao capacete dele.

Valentina se apoiou no ombro esquerdo de Carlos e disparou duas vezes. O eco dos tiros reverberou pelos muros da viela como trovões confinados.

— Acertou? — Ele perguntou.

— Só assustei.

— Tá funcionando.

Vai para onde?

Carlos girou bruscamente à direita, entrando numa área de galpões abandonados, herança podre do antigo Distrito Industrial. Parou a moto bruscamente entre dois contêineres, desligando o motor. Valentina desceu com a arma em punho.

— Vai fugir ou vai lutar? — ela perguntou.

Carlos ficou em silêncio por dois segundos.

— Não acredito! — Exclama Carlos — Não tem como te deixar na mão, por mais que dê para ver que sabe se virar até melhor que eu. Vem. Tem um lugar.

Montaram na moto e, para todos os efeitos, ao menos teoricamente, a viagem e a relação condutor / passageira continuaram normalmente. Porque na prática, Carlos jamais pensaria que teria uma viagem extremamente incomum, a ponto de ser alucinante e surreal, se contasse em uma roda de amigos de profissão.

Chegaram a um outro local industrial e Carlos puxa uma chave reserva da meia. Abriu um portão lateral de metal e ela deu um sorriso mordendo os lábios inferiores e o seguiu por um corredor escuro, enquanto os passos do inferno se aproximavam.

III — ENTRE FERRO E FOGO

O galpão cheirava a ferrugem e abandono. Feixes de luz entravam por frestas altas, cortando a penumbra como facas pálidas. Havia caixas empilhadas, andaimes velhos, ferragens jogadas num canto, e um portão de carga emperrado com correntes grossas.

Carlos e Valentina entraram rápido. Ela com a arma à frente e ele fechou o portão com cuidado.

— Você já matou alguém? — ela perguntou, sem virar.

— Aprendi a atirar no quartel, mas nunca precisei matar. — respondeu.

Valentina deu um meio sorriso. Tinha algo de trágico e terno naquele gesto. Como se ali, na iminência da morte, houvesse um fio de respeito sendo costurado.

O som do carro parando lá fora. Portas batendo. Passos pesados no asfalto molhado. Carlos se escondeu atrás de um andaime. Valentina subiu discretamente num patamar de ferro, ficando em posição elevada, com visão parcial da entrada.

Dois homens entraram armados. Um de pistola e um com uma espingarda curta. Camisas pretas, coturnos, coletes sob o moletom. Nenhum uniforme oficial. Um de pistola entrou devagar e o de espingarda curta entrou em seguida, na

prontidão de atirar.

— A garota tá aqui, tenho certeza. A moto tá lá fora. —
Afirma o capanga da pistola.

— É verdade. Tem gente aqui e... Está ali! — Gritou o
da espingarda, já apontando para Valentina.

Valentina disparou antes. Um tiro fatal na cabeça do
capanga da espingarda, que caiu pra trás largando a arma. O da
pistola atirou, mas Valentina saiu antes dos disparos e Carlos
pulou no chão para pegar a espingarda, rolando para o lado.
Com a arma em mãos, disparou. Os olhos dele encontraram os
da Valentina, acima, em meio à fumaça dos disparos. Ela
assentiu com a cabeça. Não havia mais tempo pra fuga.

— Temos que sumir agora. A essa altura, mandaram
mais gente — ela disse, descendo rapidamente pela lateral. —
Conheço um lugar onde eu tenho uma leve dedução que
vamos conseguir boas respostas.

IV — A BOATE BECO DO RATO - FOGO NOS OLHOS

A boate se chamava Beco do Rato, e aquela noite era a
famosa Noite do Inferno Leste. E tanto o nome da boate
quanto o nome do evento faziam jus ao ambiente.

Entraram. Valentina com uma arma escondida na coxa,

Vai para onde?

presa com fita elástica e no centro do salão, uma mulher dançava num pole dance. Tatuagens florais subindo pela coxa, salto prateado, movimentos precisos e cabelos pretos longos. Os olhares em volta eram de consumo, não de admiração.

— Achei quem eu queria. — Disse Valentina, ao olhar para o canto da boate.

Passam por pessoas que estão dançando, se beijando e usando substâncias ilícitas. Chegam até a mesa de um velho amigo, que também é sua fonte de reportagens.

— Grande Silva! Sabia que iria te encontrar. — Diz Valentina, já se sentando à mesa.

— Que os bons ventos lhe tenham trazidos.

— Infelizmente os bons ventos estão de folga e mandaram os piores para nos trazerem.

— Aconteceu algo?

— Minha madrinha foi assassinada logo depois que estive com ela, hoje de tarde. E eu tenho uma leve impressão de que acharei respostas aqui.

Silva observa atentamente, está de camisa preta de manga comprida. Calça jeans azul escura, em estado de novo e sapato preto. Possui uma boina conhecida como boina oitavada. 40 anos e cavanhaque bem aparado. Possui um charme britânico, sentado com as pernas cruzadas e tomando

Vai para onde?

um canecão de chope de vinho.

— Djalma! — Exclama Silva — Talvez ele saiba muito bem a resposta que você quer. Ele é um dos braços direito do Rivera, o ex-secretário de segurança e hoje comissário.

— Mas que filho da...

— Aproveita que ele está na boate, antes de ir pra Santos.

— Oi? Santos?! — Pergunta Valentina, surpresa.

— Ele coordena os contêineres de 27 a 30 e parece que vai ter uma farrinha lá.

— Ah, mas não me diga! — Expressa Valentina, ironicamente.

Valentina olha discretamente ao redor da boate, se levantando e observando cada pessoa a sua volta.

— Você sabe em que parte... — Mal Valentina virou para ele, que vê a mesa vazia. — Ué... O miserável sumiu que nem Batman!

— E nem se preocupou em te perguntar quem sou eu, te acompanhando.

— Se ele vê alguém que não conhece comigo por aqui, sabe que é de minha confiança.

Valentina e Carlos seguiam pela boate discretamente. Num camarote elevado, três homens riam com copos cheios.

Vai para onde?

Entre eles o Djalma Tavares, contador ligado à milícia de Itaquera, lavava dinheiro para Rivera e vendia armas para qualquer facção disposta a pagar em criptomoeda.

Ela pediu para Carlos aguardá-la embaixo e foi até ele. Dois seguranças bem sorridentes, daqueles que quebram dentes por esporte, tentaram impedi-la.

— Deixe-a! — Exclama Djalma. E Valentina sentou-se diante dele.

— Você tem ousadia, menina.

— Você tem medo — ela respondeu.

— Medo do quê?

Ela colocou o celular sobre a mesa. Apertou play. Um áudio começou: Rivera, em voz limpa, coordenando uma execução. Djalma ficou pálido.

— Onde você conseguiu isso?

— Não interessa. Preciso de uma entrada no porto de Santos amanhã à noite. Sei que você vai lá e sei que ainda cuida dos contêineres 27 a 30.

— Isso não vai dar certo — Disse ele.

— Vai, se você quiser continuar respirando fora de um saco plástico. Disse ela, se inclinando pra frente.

Um dos seguranças a puxou pelo braço. Ela quebrou o nariz dele com uma cotovelada seca. O segundo sacou uma

Vai para onde?

arma, mas antes que pudesse atirar, ela deu um chute lateral, girando o corpo e sem pensar duas vezes, pegou uma garrafa e finalizou a ação dando em sua cabeça e ainda chutando em seu joelho para cair.

A partir daí o caos começa. Gente correndo, os primeiros tiros estouravam os alto-falantes. Djalma ia puxar a arma, mas três seguranças estavam chegando perto quando Valentina puxou a sua arma e aproveitou o momento para ameaçar Djalma.

— Abaixem as armas, rapazes. — Diz Djalma. — Já vi que ela não blefa.

— Aprende rapidinho a ler o povo, né? Agora vamos!

Arrastou Djalma até um corredor lateral e estão entrando mais seguranças.

— O crachá, agora!

Ele entregou.

— Senha de acesso!

— 2-7-9-B-Porto.

Antes de Valentina descer, ela sai com o Djalma como refém e, ao descer, o joga em cima dos três seguranças. Viu o note, o pegou de imediato e desceu.

— Vem! *Vambora!* — Exclama Carlos, já a puxando para a saída. Mal viram a moto que eles pularam nela e sumiram na

Vai para onde?

noite, como sombras com gosto de pólvora na boca.

— Ele vai estar lá — disse ela— Temos até amanhã, no começo da madrugada, pra isso. Agora vamos ver com calma esse pen drive — diz Valentina. — Mas... *cê* ainda pode desistir de me acompanhar. Pois para um motorista de aplicativo, essa viagem está sendo longe demais. Tem mais chance de fugir da morte do que eu.

— Bom... Descobri, durante essas poucas horas, que entrar nessa por você era algo nobre que eu precisava fazer na minha vida. Por quê? Não faço a mínima ideia. Mas agora... Vi que não é mais por você. Nem por mim. Eu trabalhava em turnos longos e via muita coisa como motociclista de aplicativo e motoboy tradicional. Até como taxista tradicional. E depois de tudo, vi que ele matou gente igual a mim. Até porque ninguém vai sentir falta de um motoboy caído num armazém se eu não fizer barulho suficiente.

Ela não respondeu. Só expressou um sorriso leve e carinhoso, encostando a cabeça nas costas dele, a acariciando e se aconchegando. Um sorriso acolhedor de orgulho e satisfação.

— Então... Vamos entrar em um lugar seguro, pra gente ver esses dados — Diz Valentina. — Mas onde vamos, uma hora dessas? Ah! Primeiro ali!

Vai para onde?

Aponta para um motel que está um pouquinho distante e que eles passarão em frente, se não pararem.

— E você acha uma boa id...

— Lógico! — Interrompe Valentina. — Sem dúvidas! Estamos cansados e, ao menos eu, tô fodida de sono. Talvez você fique também e esse pen drive ainda tem que ser mais bem averiguado. Anda. Vira aí.

V — MOTEL LUAR AZUL: AMOR E FÚRIA

Eles entram no motel e fazem o *check-in*. Valentina pede 12 horas. Quarto 19.

Letreiro vermelho piscando “SUÍTE LUXO”, mas o luxo havia morrido por volta de 1998. O cheiro era de jasmim vencido, cigarro queimado e sexo mal resolvido. A colcha de cetim sintético trazia marcas de histórias que ninguém mais ousava contar. Valentina entrou primeiro, largou a Glock na pia, tirou a jaqueta ensanguentada com um gesto rápido e cansada. Passou a mão pelo cabelo, como quem tenta apagar a guerra da memória. O espelho, trincado no canto, devolvia a imagem de uma mulher à beira. Carlos entrou em seguida, trancando a porta com força.

— Você não precisa provar que é forte o tempo todo —

Vai para onde?

ele disse, com a voz rouca, com o peso de tudo o que tinham vivido nas últimas horas.

Ela virou o rosto devagar. Só de sutiã preto, os ganchos tortos revelando o desgaste do tempo, e o vestido aberto já caído na direção da parte que corresponde a saia, que está rasgada expondo a coxa suja de sangue seco e poeira. Os olhos dela queimavam. Uma fúria contida. Uma ferida que ainda latejava.

— E se eu só sou forte porque nunca tive permissão pra ser fraca?

Ele não respondeu. Apenas se aproximou. Como quem se aproxima de uma fera. Ou de um altar. Encostou-a na parede com cuidado. Como quem segura dinamite. A respiração dele batia no rosto dela, quente, entrecortada.

O primeiro beijo foi feroz, mas trêmulo. Os lábios se buscavam como sobreviventes num naufrágio. Ela puxou a camiseta dele, rasgando no ombro. Ele a pegou no colo, e a ranhura de sua unha riscou as costas dele como um aviso: “a dor é só mais uma linguagem”.

Ela o montou ali mesmo, contra a parede gelada, com o neon barato piscando sobre a pele. Depois o puxou pela cintura da calça e entrou no banheiro já a tirando e ao voltar aos beijos, Valentina tirou o sutiã, jogou no Box tirou todo o

Vai para onde?

vestido e voltou a beijá-lo o levando ao Box e já abrindo o chuveiro. Mal desceu abaixando sua sunga que levou sua boca até as suas intimidades, acariciando sua barriga e arranhando ao mesmo tempo. Depois já se levanta tirando sua calcinha e ele, por sua vez, faz a mesma coisa. Terminando esta preliminar no chuveiro, ela o jogou na cama para dar continuidade ao momento de amor e prazer. O ranger da cama metálica se juntou ao som abafado de suspiros e estalos de pele contra pele. Tudo era calor, tensão, tesão, urgência. Uma guerra sem armas, uma dança entre o amor e o abismo.

Ela mordeu o ombro dele. Ele cravou os dedos na cintura dela. Gemidos abafados entre beijos, entre penetração, entre palavras que não diziam nada, entre olhos fechados para não se lembrar do sangue.

Se amaram como quem escapa de uma bomba. Como dois condenados que encontraram um segundo de paz antes do fim do mundo.

Depois, ela chorou silenciosamente, encostada no peito dele. O braço dele ainda estava firme ao redor do corpo dela, como se pudesse impedir que o mundo voltasse a desabar. E dormiu. Pela primeira vez... Sem medo. Luz vermelha pulsa pela persiana, misturando-se ao suor nas costas nuas de Valentina, deitada sobre o peito de Carlos, que também

Vai para onde?

dormiu, depois de dar um beijo em sua testa.

Algumas horinhas depois, ele acorda e a acaricia na cabeça, passando os dedos pelos fios do cabelo. Ela acorda.

— Tá tudo bem? — Pergunta Carlos, com a voz baixa continuando com os dedos no cabelo dela.

Ela não responde de imediato. Apenas respira. Os olhos semicerrados, no limite entre o presente e uma lembrança antiga.

— Você chorou. Foi por causa de mim? — Ele insiste.

Ela fecha os olhos. Silêncio tenso. Até que, num fio de voz seca...

— Não. Foi por causa de mim.

Ela se afasta um pouco, senta na beira da cama, pega um cigarro do criado-mudo. Acende, traga, e solta a fumaça com o peso de uma década.

— Você me disse uma coisa lá atrás... — Comenta Valentina — Que eu não precisava ser forte o tempo todo. Bom, vamos lá: Eu sou filha da Rua Augusta. Literalmente. Minha mãe me teve num quarto de programa por uma parteira que era chamada de caso de acidente sexual. Tive meu primeiro banho num bidê. Primeira chupeta foi o dedo de uma travesti chamada Dolores. Acha que isso explica alguma coisa?

— Pergunta ela, olhando pra ele pela primeira vez

Vai para onde?

depois desse momento de choro pós-sexo e cochilo.

— Explica tudo — Responde Carlos com a voz baixa.

VI — FLASHBACK: VIDA E MORTE DE MARIA LÚCIA

“Minha mãe se chamava Maria Lúcia. — Narra Valentina, enquanto as lembranças criam formas — De dia estudava Serviço Social. À noite, fazia programa. Formou-se na raça. Diploma na mão, salto 15 no pé. Ainda trabalhava depois de formada. Mas como estava em outro patamar em nível de instrução, escolhia os clientes, os dias. Tinha regras. Tinha elegância.”

Valentina visualiza Maria Lúcia num vestido simples, óculos de grau, recebendo um cliente em casa. É um homem de fala mansa, cabelo penteado para trás, camisa social com blazer claro. Traz livros, conversa. Trocam ideias. Fumam juntos.

“Ele dizia que ela era inteligente demais pra aquela vida. Que devia escrever um livro, dar aula. Parecia outro tipo de homem. E foi por isso que ela se deixou enganar.”

Os dois permanecem bebendo e fumando rindo. Depois, o mesmo homem a entrega um relógio caro. E em seguida, depois de um momento íntimo deles no quarto dela, fechado,

Vai para onde?

que Valentina só foi entender que era sexo depois de adolescente, estava ele pedindo um “favor”, um “recado”, uma “ajuda”.

“Quando ela percebeu, já estava afundada até o pescoço. Chantagens. Fotos. Contatos. Ameaças. Acabou sendo obrigada a protegê-lo, pois tratava-se de um bandido travestido de bom moço, que hoje em dia são pessoas que atendem como “gente de bem”.

Maria Lúcia está com um revólver na mão, olhando pela janela. Valentina, criança, escondida atrás da porta. O homem sorrindo, de longe, como quem sabe que ganhou o jogo.

“Um dia... ele encostou em mim. Tinha seis anos. Ela viu. Puta que pariu! Caralho! Roube, bata, agrida e aleje uma puta ou ex-puta, mas jamais tente nada sexualmente contra a filha dela”

Valentina com 6 anos, deitada na cama, e ele acariciando seu corpo. Passava sua mão por dento do vestido, e quando ia abrir o zíper da calça, Maria Lúcia apareceu. Ficou apavorada, com o sangue subindo em seus olhos, não pensou duas vezes e o arrancou de cima da menina, o jogando para trás. Puxou a arma da cintura logo em seguida e já disparou praticamente o pente todo, com tiros distribuídos no rosto e no peito. Só deu para dar 4 tiros no rosto porque já caiu no

Vai para onde?

quarto tiro, e os demais foram nos peitos e em outras partes do corpo, inclusive em seu órgão genital. Não quis nem saber se poderia sofrer alguma consequência, pois ele não era um simples cliente pedófilo. Era perigoso. Mas ela quis saber disso? Ela priorizou seu maior tesouro, empunhando o revólver e disparando contra ele. Grito abafado. Cortina voando com o vento. Tiros secos. Sangue na parede.

“Elas — as tias da Augusta — sumiram com o corpo. Com a arma. Com tudo. A Rua Augusta é um lugar que, se acontece algum tiro, é apenas o escape da moto com aqueles pivetes fazendo graça, fogos ou algum móvel enorme que caiu no chão e fez um estrondo. Eu só me lembro do silêncio. E do medo. Mas minha mãe... Não era qualquer uma. Pegou o que restava da dignidade e no mesmo ano conseguiu se formar na segunda graduação, com aproveitamento de estudos, em Ciências Sociais e virou professora, além de já ser assistente social trabalhando com vítimas numa ONG e três anos depois, também trabalhou como contratada temporariamente no CRAS de Paraisópolis”.

Maria Lúcia numa ONG, abraçando uma menina trans agredida. Ao fundo, uma mulher negra segura panfletos contra exploração sexual. Depois apareceu como contratada temporariamente no CRAS.

Vai para onde?

“Lá, ela trabalhava junto com o advogado da instituição. O gentil. O que parecia decente. Silvério Lacerda. Professor de cursinho da OAB. Boa pinta, corpo chamativo, cabelo bem cortado tipo militar e boa lábia. Um dos que dizem ‘vou te tirar dessa vida’ mesmo quando você já saiu faz tempo. Ele era tão gentil comigo que quase chamava de pai e até sentia um pouquinho de falta, quando não o via.”

Ela se lembra de imagens dele brincando com ela criança, dando um presente. Jantando em casa como família e até jantar fora. Até cinema com direito a lanches super reforçados nas *fasts foods* e pizzarias ele as levava.

“Pela primeira vez eu vi a minha mãe sorrindo, com esperança. Foi feliz por um tempinho. Se sentiu realizada. Mas tempos depois, eu já uma pré-adolescente com 10 anos, o vi discutindo com ela. Um tapa. Uma discussão. Um estrangulamento. Eu apavorada sem reação. Minha mãe reagiu, pegou uma faca e cortou a cara dele. Só que ele deu um tapão violento nela a ponto de ela cair. Ele pegou a faca no chão e a esperou levantar, que se levantou cambaleando. Ele a pegou pela nuca, mandou ela se acalmar, falando: ‘calma, calma! Shhh. Passou. Passou!’ Mas aí a soltou, deu um passo meio longo para trás e a degolou com um único golpe.”

Valentina, pré-adolescente de 10 anos, vê tudo aquilo

Vai para onde?

estática. O pavor a imobilizou e a deixou sem reação. Viu o corpo da mãe caindo no chão, com ela pressionando o próprio pescoço. Sangue escorrendo da boca e do pescoço. Um vaso quebrado. Um bilhete queimado por ele, depois de degolá-la, na beira da pia, cuja pressa de fugir não o deixou perceber que tal bilhete não queimara por completo, mostrando parte das palavras visíveis: “... sabia demais sobre Rivera...”.

VII — RETORNO AO PRESENTE – MOTEL LUAR AZUL

Valentina chora sem barulho. Carlos a observa, a abraça por de trás como quem tenta costurar uma alma partida com o olhar enquanto ela está chorando com uma mão nos olhos e a cabeça pressionada nos ombros de Carlos.

— Eu vi muitas coisas ruins e, mesmo assim, as tias da Augusta não me deixaram virar monstro. Só virei encrenca. Eu sou estudada. Trabalhadora. Fui até correspondente em Buenos Aires. Maluca. Encrenqueira. E dizem por aí que sou inteligente. E se você disser que quer me salvar... Eu enfio essa escova de dente no teu olho.

— Bom... Eu só ia perguntar se você queria café, ou uma vodka que tá ali no frigobar.

Os dois riem. Por um instante, o tempo para. Entre a

Vai para onde?

sombra e o neon, algo quase bonito se instala.

VIII — MADRUGADA PARA O AMANHECER

Valentina ainda sorria, com os lábios vermelhos marcados de vida recente. Os dois gargalhavam baixo, íntimos como dois sobreviventes que compartilham o abrigo depois do apocalipse.

— *Só ia perguntar se queria café...* — ela repetira a frase dele rindo, ainda ofegante com o peito subindo devagar, enquanto a testa dela encostava-se à dele. — Ai, ai... Agora chega.

Afastou-se, ainda com o sorriso sujo de guerra, se levantou nua, e pegou o netbook que roubara do Djalma na mesinha próxima a porta. Voltou par a cama e o ligou. A tela acendeu com o som de boot abafado. Carlos a observava em silêncio, ainda deitado, os olhos mergulhados nela. Em sua dor. Em sua fúria.

Na tela, uma pasta oculta surgiu. Nome: "Altar.exe"
Valentina clicou. Um banco de dados se abriu. Rostos. Datas. Valores. Horários. Ali estavam nomes de políticos — tanto de esquerda, direita, e suas extremidades —, juízes, senadores, pastores de megaigrejas, padres de dioceses

Vai para onde?

tradicionais, donos de emissoras de televisão, capitães da polícia, delegados e uns ou outros artistas famosos, sempre sorrindo.

Era uma romaria de monstros.

Transações ilegais. Roteiros de tráfico humano. Rota de menores. Financiamentos de campanhas por corporações fantasmas. Fotos em motéis. Áudios gravados em cultos e assembleias. Dinheiro passando de mão em mão. E depois, para contas nas Ilhas Cayman.

Valentina ficou imóvel. Os olhos varreram a tela como uma lâmina silenciosa.

Carlos se aproximou por trás. Nu, a envolveu num abraço como um lençol por instinto. Ela nem se mexeu.

— Isso... É real?! — Pergunta ele, sem acreditar no que estava vendo.

Ela balançou a cabeça, sem responder. Apertou uma tecla. Um código apareceu. Apenas uma linha: “7, QD-50. M 30. Consolação – foto anexa”

Ela clicou. A imagem carregou devagar. Era o velho cemitério municipal. A entrada de ferro escurecido. Um ponto marcado em vermelho, quase apagado pelo tempo.

Ela não via aquela entrada havia anos. Mas reconheceu na hora. O lugar para onde fugia, quando criança, nas

Vai para onde?

madrugadas em que a Rua Augusta ardia em brigas, em gritos, em sirenes e em mãe ausente. Lá, entre os túmulos, sentia-se protegida. Porque os mortos, ao menos, não batiam. Não gritavam. Não traíam.

— Eu conheço esse lugar... — Sussurrou como quem vê um fantasma antigo.

Ela fechou o netbook devagar. Respirou fundo. Carlos a olhou. Não disse nada. Mas os olhos perguntavam tudo. Ela apenas se levantou. O sol começava a nascer, tênue, através da cortina velha com cheiro de desespero.

Valentina vestiu a saia rasgada, ainda com manchas secas de sangue. Pegou a Glock, agora com novo peso. Um peso ancestral.

Abriu a porta do quarto, deixando entrar o vento gelado da manhã.

— Vai aonde? — ele perguntou.

Ela o olhou sobre o ombro, sem sorrir.

— Visitar meus mortos.

IX — CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO – AMANHECER

SANGRENTO

Eram 7:26h da manhã. A névoa roçava os túmulos

Vai para onde?

como dedos antigos. O portão rangia com o vento. Um corvo grasnou ao longe, quebrando o silêncio do mundo que acordava para os pecados de ontem.

Valentina entrou devagar, os passos ecoando na terra úmida. Ela segurava o netbook como se fosse um mapa do inferno. Os mortos não falavam, mas os segredos começariam a gritar. E ela sabia: ao encontrar o que quer que estivesse ali, não haveria volta.

O céu começava a clarear com aquele tom cinza-esverdeado que parece antecipar o fim do mundo. Eles cruzaram o portão lateral do cemitério, o mesmo por onde ela entrava quando era criança, carregando um pacote de biscoito Maria e um coração estilhaçado por brigas na Rua Augusta. Agora, vinha com uma Glock carregada, um isqueiro no bolso e um segredo envenenado gravado no netbook.

Quadra 50. Número 7. M 30

Eles passaram pelo portão de ferro enferrujado. Pombos levantaram voo. Um gato preto a seguiu até a primeira curva. Urubus pousados nas pontas das cruzes dos túmulos, com alguns também levantando voo. Ninguém nas alamedas. Mas o ar... estava errado. Denso. Elétrico.

De repente, ela enxerga de imediato o túmulo de número sete, ao passarem na quadra 50. Desce da moto e

Vai para onde?

túmulo tinha a lápide partida, musgo verde-limão, e flores secas de um velório antigo.

Valentina ajoelhou e puxou uma pedra solta. Dentro, envolto num saco plástico preto, estava o pacote: uma caixa de metal com símbolo de cobra alada, lacrada com fita adesiva e cheirando a óleo antigo.

— Achei! — gritou ela, enfiando na bolsa.

O fim daquele corredor chagava no fundo do cemitério, havia um mausoléu antigo, cujas escadarias levavam à antiga ala dos militares mortos em combate e ela viu em cima o número trinta. Lembrou-se do código que tinha, também, M 30. Ela arregalou os olhos e viu que a segunda parte estava logo em frente. Valentina montou na moto e seguiram, atravessando o corredor, desceram da moto e entraram no Mausoléu 30 com muito cuidado para não serem vistos. Ela já sentiu algo vibrar na caixa. Eles se entreolharam assustados e ela botou a caixa numa mureta que tinha no mausoléu, saiu com cuidado, pegou um pedaço de pau para abrir a caixa com o máximo de distância.

Dentro, haviam um pequeno caderno com anotações cifradas, um chip vermelho, daqueles antigos de espionagem industrial e uma espécie de bússola vibrando.

Valentina pegou a bússola, cujo ponteiro apontava para

Vai para onde?

uma direção na parede.

— É um localizador — disse Valentina. — Mas por que está apontando para a parede?

— Deve ter alguma coisa lá.

— *Vambora* lá, então. — Diz Valentina, se levantando e indo até a parede, onde o ponteiro da bússola está indicando.

A bússola aponta para um dos mármoreos. Carlos pressionou a parede, com as palmas das mãos neste mármore, mas se quer moveu um milímetro. Valentina pegou a arma e começou a dar coronhada nela até quebrar. Ao quebrar, viu que era uma gaveta de ossários e mais uma caixa lá dentro, junto com as baratas e lacraias.

— Meninas... Dá pra titia, dá? — Diz Valentina para as baratas e lacraias, pegando a caixa sem ter medo dos insetos.

— E agora? — Pergunta Carlos.

— Bom... Precisamos ir e acho que sei um lugar. Parece perigoso, mas seria a única opção nesse momento.

Os dois saem do cemitério. O silêncio da cidade contrasta brutalmente com o caos recente dessa madrugada na boate. Valentina, na garupa de Carlos, relembra um ocorrido que houve, quando ela tinha 5 anos de idade.

X — FLASHBACK: ANO 2000 — NA CASA DE MARIA LÚCIA
FORA DA RUA AUGUSTA

O ano é 2000. Valentina, com 5 anos, já numa casa mais confortável, sem ser na Rua Augusta, está lanchando com Maria Lúcia, sua mãe, e sua madrinha Cláudia, a melhor amiga da mãe. Nessa época, Maria Lúcia ainda fazia programas, mesmo depois de formada, trabalhando como assistente social, e concluindo uma segunda graduação em Ciências Sociais. Elas conversam com Valentina porque ela achou um material de extrema importância e perigo. Ou seja: a caixa que está agora em seu poder.

— Valzinha, minha princesa... — Diz Maria Lúcia, dirigindo a palavra para Valentina, ainda criança — Essa caixa que você achou não é brinquedo. Mas eu acredito que esteja na hora de você saber algumas coisas.

— Que isso, Mari! O que está fazendo? — Pergunta com firmeza Cláudia.

— Passou da hora, Claudinha. Ela vai saber. — Olha para Valentina e a chama. — Anda! Vem, senta aqui! Exclamou Maria Lúcia com firmeza para Valentina.

— Estou encrencada? — Pergunta Valentina, com aquela voz fofa de criança.

Vai para onde?

— Ô, meu Amor! Claro que não! Mas com a minha vivência, aprendi que certas coisas, quanto mais cedo aprendermos, melhor.

Cláudia bota a mão na testa como quem diz: “*Puta que pariu! O que essa maluca vai fazer?*” Então Maria Lúcia começa a contar uma história para Valentina, de algo que ocorreu enquanto ela ainda estava na barriga da mãe.

XI — RETORNO AO TEMPO PRESENTE

Valentina olha para a bolsa aberta com a caixa e bolsas de materiais que pegara no cemitério e relembra da conversa que sua mãe teve com ela, na presença da tia Cláudia, na mesa da cozinha.

— Parece que foi ontem, Carlos, que minha mãe conversou comigo. — Diz Valentina quase aos prantos — Vendo essa caixa, estou me lembrando de tudo. Essa caixa estava com ela, quando eu era bem criança.

— Ela te mostrou?

— Não! Eu achei e ela viu que eu mexi. A princípio achei que ia levar uma bronca, ou que iria estar bem encrencada. — Diz rindo da situação que lembra. Mas o semblante começa a ficar sério, ela olha para frente, do espaço em que está

Vai para onde?

pensativa e depois olha de novo para a bolsa.

— Por acaso é uma desistência? — Pergunta Carlos.

— Depois de ter chegado até aqui?! Jamais! Mas estou me lembrando da história que minha mãe me contou nessa conversa que eu me lembrei. Mesmo eu crescendo sabendo da vida dela, e aprendendo a respeitar desde criança as putas, ela estava receosa a me contar o ocorrido da caixa, mas criou coragem e contou. Dessa vez, mais profunda. Minha mãe era do tipo que achava que eu, quanto mais cedo soubesse das coisas, mais cedo eu iria conseguir vencer os piores desafios. Olha... Dito e feito. O que me tornei hoje, não sei se eu seria sem a vivência que ela me mostrou.

— Realmente, te conhecendo a um dia eu vejo que tua mãe formou uma mulher foda, mesmo. — Valentina dá um sorriso meigo e dá um beijo nele. — Bom, e agora, vai pra onde? Ou melhor, vamos pra onde?

— Olha... — Pensa Valentina e logo responde — Copan. Preciso averiguar algo, lá. Mas vamos pela rua de trás.

XII — FLASHBACK: HISTÓRIAS DE MARIA LÚCIA.

O INTERIOR DE UM ESCRITÓRIO ANTIGO EM 1995

Valentina começa a contar o que prometeu contar para

Vai para onde?

Carlos, sobre a lembrança que teve da mãe quando viu a caixa. Ela relembra quando acabou de perguntar para a mãe se estava encravada e a mãe começa a revelar para ela a história dessa caixa. Começa a narrar a história e a lembrança da cena na mente dela

“Minha mãe, tia Cláudia e eu estávamos na mesa da cozinha e ela me contou o que mudou a vida dela. Ainda jovem, elegante, grávida de 8 meses de mim, estava com a tia Cláudia e com uma pasta de couro. Ela cumprimentou um homem de meia idade, dr. Dário, o dono dessa caixa blindada. Eles estavam em uma sala cheia de arquivos, quadros e um rádio antigo tocando baixo. Ela dizia que naquele momento, sorria muito tensa.

Ela está num escritório de contabilidade onde conseguiu estágio em Serviço Social, que divide com o trabalho de prostituta. Aceitou virar “agente secreto” da empresa, uma vez que sabe que Rivera e os membros de sua cúpula são seus clientes nas casas de prostituição na Rua Augusta.

— Se um dia tudo der errado, guarde isso. E ensine sua filha a não confiar em ninguém com poder demais — disse Dário, entregando a ela uma caixa metálica e um disquete rotulado à mão: “PROJETO PROTEU — Versão 0.9”.

— Essas mortes precisam parar e você precisa tomar

Vai para onde?

todo o cuidado. — Diz Cláudia — Pelo amor de Deus! Não me vai dar com a língua nos dentes.

— Aceitei isso, não aceitei? — Responde perguntando Maria Lúcia, mascando um chiclete e em seguida fazendo uma bola e a mesma estourando. — Porque como eu não gosto de viver a mesmice do cotidiano, esse trabalho é meu! Vou ter uma filha daqui a um mês, meu salário é de estagiária, gasto dinheiro com cópias de textos e apostilas, pago passagem e sou puta da Augusta. Ou seja: só com o estágio daqui e o dinheiro dos programas não vai dar pra arcar com a minha princesa. Diz Maria Lúcia, acariciando a barriga enorme e em seguida, Cláudia também acaricia.

— Bom, se vocês estão cientes e convictas, vamos trabalhar. — Diz Dário, já pegando os documentos.

XIII - FIM DO FLASHBACK E CHEGADA AO COPAN,

APARTAMENTO DE CLÁUDIA — 10:00h

— Eu nem era nascida e me incumbiram de uma missão suicida dessa. Como não enlouqueci tendo essa vida? Ok, ok! A pergunta é retórica porque a resposta é mãe foda pra caralho que eu tive a benção de ter. — Diz Valentina.

O apartamento é de tamanho razoável, atulhado de

Vai para onde?

livros numa estante transformada em uma pequena biblioteca de finanças em geral, com livros de contabilidade, administração e cadernos de atas contábeis, um computador, um notebook e cartazes de revoltas antigas. Valentina largou a Glock sobre a pia e um tabuleiro é aberto sobre a mesa de jantar, junto de fios, chips e uma lente de aumento. Ela para, deixa a caixa na mesa, as mãos ainda tremem. Ela respira fundo. Olha para cima, depois olha para fora, por meio da janela aberta, olha par Carlos com um sorriso de alívio e depois segue até o barzinho montado na sala, pega uma vodka e vai até a varanda. Vê a cidade em seu caos entre o diurno e o vespertino, acende um cigarro, dá uma bela golada na vodka no gargalo, e reflete por tudo o que passou.

Medo! Fúria! Determinação fria! Coragem! Relembra momentos dela nesses quatro sentimentos. Relembra a antiga casa, quando viu a mãe sendo degolada, ainda criança. A partir deste ocorrido, gera a fúria na transição da infância para a adolescência. Cresce sendo a responsável de si mesma, ainda que com a ajuda das “tias da Augusta” e a madrinha Cláudia. Dá um trago no cigarro e se lembra do quanto era determinada e fria na universidade, escrevendo e fumando na varanda da biblioteca, que era uma parte externa do salão de leituras. Depois se lembra da coragem na redação do jornal, escrevendo

Vai para onde?

com fúria da adolescência e a determinação da graduanda. A coragem era nas matérias perigosas, tanto em São Paulo quanto em Buenos Aires, quando era correspondente internacional pela América Latina.

Carlos vai até ela, a abraça por de trás e ela pressiona a nuca no ombro dele. Depois vira de frente e acaricia sua nuca, com a testa colada uma na outra.

— Por quê? — Pergunta Valentina — Por que você decidiu seguir nessa comigo?

— Sabe aquelas coisas que não tem resposta? Então. Nunca vou saber do porquê de ter escolhido isso.

Joga o cigarro fora, se beijam intensamente, com Carlos acariciando suas pernas até chegarem a suas nádegas e ela pressionando pela sua nuca mais ainda o seu rosto no dela com uma mão e a outra segurando a garrafa de vodka.

— Bom, tenho certeza que você também precisa tentar dar aquela relaxada e nada melhor do que matar duas baratas com uma chinelada. Ou melhor, dar aquela paulada na barata.

— Entendi perfeitamente e sugestão aceita. — Diz Carlos, a puxando pela barra da saia do vestido e indo até o banheiro, enquanto ela bota na boca dele o gargalo da vodka.

Quase Meia hora depois, Valentina e Carlos voltam para dentro da sala, se deitam abraçados. Não aguentam e dormem.

Vai para onde?

16:25h, Valentina acorda e senta na cama, a cara é de satisfação e ao mesmo tempo de tensão por estar nessa trilha. Mas surge um sentimento de trégua. Ao menos momentânea. Ela vai até a varanda, nua, mas de corpo e alma limpa. Acende um cigarro e reflete sobre tudo o que passou e o que está passando. Terminando o trago, ela abre a tampa da caixa com cuidado. Dentro: o chip vermelho, o disquete antigo e uma foto plastificada da contadora Cláudia, mais jovem, ao lado de Rivera — ambos de terno, num evento empresarial.

XIV — FLASHBACK — INT. ESCRITÓRIO CONTÁBIL

— TARDE CHUVOSA

Valentina já adolescente nos seus 14 anos, quatro anos após a morte da mãe, com uma camisa da banda “Paramore”, cabelos castanhos escuros longos, com reflexo em vermelho amaranto, uma saia jeans, blusão xadrez dobrado nas mangas, batom preto e tênis All star também xadrez, com uma lata de refrigerante sentada numa cadeira onde sua mochila jeans com broches das bandas Nirvana, Cold Play, Deep Purple e da ativista Angela Davis estava pendurada. Está diante de Cláudia, que segura uma xícara de chá olhando a tela do notebook.

— Eu jurei a sua mãe que nunca contaria... Mas você

Vai para onde?

não é como ela. Você... vai até o fim. Eu deixei tudo codificado. O notebook. O pen drive. Até aquele velho disquete. Se um dia ele cair em mãos erradas, estamos todos mortos.

— Nossa, tia Cláudia! — Exclama Valentina — Isso é história pra 007.

— Antes fosse, minha trevosinha. Antes fosse. Antes fossem essas histórias de terror que você adora ouvir nessas bandas de clipes aterrorizantes.

— Mas tia, eu sou uma vira lata do rock, ouço desde “Legião” a “Cradle of Filth”. Até Roberto e Erasmo de 60 e 70 tô começando a gostar.

— Mas rock ‘n’ roll é isso — diz Cláudia rindo e tirando os óculos e o limpando no pano de seda que vem na caixa dele.

Valentina e Cláudia têm um momento de risadas em que nem parece que a conversa começou de forma séria. Depois da descontração, Cláudia volta a ficar seria e fita Valentina com olhos assombrados.

— De tudo o que eu te falei... — Diz Cláudia, respirando fundo — Nunca! Mas nunca se aproxime de Rivera. Ele é o buraco negro.

XV - VOLTA AO PRESENTE — APARTAMENTO DE CLÁUDIA

Vai para onde?

Valentina se mantém pensativa depois dessas lembranças. Abriu um sorrisinho de felicidade aos momentos repentinos de nostalgia que teve, de se ver ainda adolescente, que se preocupava só com as notas da escola, com os próximos lançamentos das bandas e shows e com conflitos pessoais de orientações sexuais de meninas adolescentes... E se o boyzinho da escola estava na dela, apesar de que nunca mudou de personalidade e estilo por ninguém.

Volta ao mundo real e no tabuleiro, o chip vermelho começa a revelar seus segredos: ao ser conectado num adaptador, projeta uma interface holográfica rudimentar no teto, à la *Minority Report*.

Nomes de políticos, líderes religiosos, presidentes de empresas, até celebridades, ligados em linhas vermelhas, verdes e azuis.

Datas — 2001, 1994, 1986... 1973. A teia não é de agora. Ela vem de décadas.

Valentina arregala os olhos ao ver uma conexão destacada: "1973 — Fundação do PROJETO PROTEU — Operação de ocultação e regeneração financeira via corporações-fantasma". Ela se vira para Carlos, pasma.

— Isso não começou com minha mãe. Nem com a tia Cláudia. Isso vem de antes de eu nascer. Eles criaram um

Vai para onde?

sistema. Um... Ciclo de corrupção perpétuo.

— Isso aqui... Isso é tecnologia de Guerra Fria. — Diz Carlos, examinando o disquete.

— E ainda tá lacrado. Precisamos de um drive de 3,5 polegadas.

— Ah, ah, ah, ah... — Ri Valentina — Não, amor. Relaxa. A tia Cláudia tem aqui um PC cujo gabinete tem entrada para disquete. Não é tão guerra fria assim.

Ambos riem do momento em questão e Valentina conectou o chip no notebook. Um estalo. Um vídeo começou a carregar. A imagem tremida mostrava Rivera, jovem, ainda com o cabelo todo preto, abraçando uma mulher ruiva com um sorriso quebrado. Maria Lúcia. A mãe de Valentina.

O coração dela despencou. As mãos tremeram.

— Não é possível...

A tela queimou em branco.

Maria Lúcia, na Rua Augusta dos anos 90. O som era de guitarras e buzinas, um rock sujo vindo de algum bar. Ela estava lá, linda e cansada, com um cigarro barato pendendo no canto dos lábios. Um homem a observava do carro. Rivera. Muito antes do título de Comissário.

— Foi ele. — Ela disse — Foi Rivera quem arruinou minha mãe.

Vai para onde?

— Val... — disse Carlos, segurando o ombro dela.

— Não me chama assim agora, Carlos. — Repreende Valentina, não conseguindo conter a lágrima que desceu, mesmo ela tentando segurar ao máximo. — Precisamos decodificar isso logo. E esse disquete... é coisa de 20 anos atrás. Rivera tá nessa desde que a minha mãe ainda respirava. E agora é pessoal. Tem um gabinete ali que entra disquete.

Valentina abre o armário da madrinha e pega o gabinete onde tem entrada pra disquete e o liga. Quando já iniciado, insere o disquete.

XVI — FLASHBACK: A PEÇA QUE FALTAVA

Valentina, aos 10 anos, no enterro da mãe. Céu cinza, cemitério cheio de “tias” da Rua Augusta chorando, algumas com maquiagem borrada e salto quebrado. Ao fundo, um homem discreto observava de óculos escuros: Rivera.

Uma voz sussurrando:

— Esse desgraçado tem o dedo nisso, pequena. — Diz Cláudia, a contadora, ao lado dela, entregando um crucifixo simples. — Um dia você vai entender. Um dia você vai saber a verdade. Mas cuidado... esses homens comem gente viva.

XVII — DE VOLTA AO COPAN

Um arquivo pesado, criptografado, começou a abrir. A tela mostrou listas de nomes, datas, contas bancárias em paraísos fiscais. Políticos. Pastores milionários. Padres pedófilos. Empresários donos de TV. No canto, uma pasta chamada “LUX-13”.

— Que merda é essa? — Carlos perguntou.

— É um clube... um “clube de elite” que compra tudo e todos. Até juízes. Isso é a podridão de 30 anos... Minha mãe sabia, Cláudia sabia, e agora tá comigo.

Valentina aproximou o rosto e viu uma foto antiga da mãe dela, Maria Lúcia, em uma festa luxuosa... ao lado de Rivera. Um silêncio mortal tomou conta da sala.

Ela observa a projeção no monitor: o vídeo da denúncia completa, com arquivos vazados e nomes. A cidade já está pegando fogo no mundo virtual. Insere o pen drive para ver de forma mais completa e não são só com documentos que seus olhos se perdem. Um detalhe a deixa espantada e com as pernas bambas. Uma assinatura em um dos ofícios internos digitais com a sigla “J.T.”.

— J.T... — Diz Valentina, ao ler a sigla.

— Que foi? — Pergunta Carlos, parando de digitar e

Vai para onde?

olhando para ela.

— J. T. — Sussurra Valentina. — E infelizmente me soa familiar, ao somar a sigla com a forma de escrita. Queria ser uma idiota agora, para não entender o que está acontecendo. Eu não acredito! Mas que filha da puta!

— E do que você está falando? Pergunta Carlos a observando sem entender nada.

— J. T... E a forma que escreve... — diz Valentina, como quem volta no tempo — Filha da puta! Eu não acredito. J. T. é de Juliana Trindade. A Juliana... Da redação.

Ela recua no sofá. Fecha os olhos. E a memória vem com força, como uma pancada de volta ao passado.

XVIII — FLASHBACK — REDAÇÃO DO DIÁRIO PAULISTA. 3:40H

DEPOIS DO ENCONTRO COM A CLÁUDIA.

Valentina digita de forma concentrada, com a mesma roupa que usou horas antes de ter se encontrado com a Cláudia, como se estivesse montando um quebra-cabeça. O celular e o pen drive estão plugados na entrada USB do gabinete do PC e ela digita furiosamente uma matéria, cujo título é: “Dinheiro sujo na saúde: o silêncio que mata”.

— Trouxe reforço. Forte, sem açúcar. Pra quem tá

Vai para onde?

cavando a própria cova entusiasmada. — Chega Juliana, com dois copos de café na mão e um coque perfeito.

É uma repórter de cabelos impecáveis e sorriso de praxe. 25 anos, veste uma saia jeans azul escuro, desfiada na borda, um pouco acima do joelho, tênis All Star vermelho, cropped vermelho realçando a barriga meio torneadinha e uma jaquetinha jeans cinza, da altura da cintura. Branca e cabelos loiro escuro.

— É... Só espero que eu consiga terminar isso antes de alguém me jogar dentro dessa cova. — Diz Valentina, aceitando o café.

— Tá mexendo com nome grande aí, hein. Esse é o documento que essa mulher que você foi ver te passou os dados... A tal contadora? Você confia mesmo? — Diz Juliana, se apoiando na divisória da baia de Valentina.

— De olhos fechados, completamente! Cláudia, além de minha madrinha, foi clara e direta. Mas te respondendo... Esta não é a matéria dos documentos que ela me mandou.

— Só toma cuidado. — Diz Juliana forçando um sorriso e olhando para os lados e alertando Valentina. — Porque ouvi que ela não apareceu hoje no fórum e uma fonte me ligou dizendo que encontraram um corpo no elevador do Copan. Sem documentos, mas dizem que parece com ela.

Vai para onde?

A caneca de café escorrega levemente das mãos de Valentina e pinga sobre a mesa.

Juliana dá um tapinha nas costas de Valentina, que se vira, agora, olhando diretamente pra Juliana, que acaricia seu ombro e sorri, fingindo empatia.

— Qualquer coisa, grita. Tô ali no fumódromo. E cuidado com o que você escreve.

Ela dá um beijo em Valentina, sai com passos suaves. Valentina permanece imóvel por alguns segundos, encarando o nada. Então, abre a gaveta, puxa o celular, disca rápido.

— Cláudia... Atende, atende...

Sem resposta. Abre e-mails. Nada novo. Pega o Celular e abre nos aplicativos sociais de bate papo. Nada também. Abre uma pasta com documentos criptografados. Uma linha vermelha aparece: “Último acesso: 2h atrás”. Ela franze o cenho.

Valentina mantém os olhos fixos na tela. Um pequeno reflexo da Juliana atrás dela no vidro da janela da redação, com um sorriso leve — frio, técnico, quase satisfeito.

XIX – FIM DO FLASHBACK E DE VOLTA AO APARTAMENTO DE

CLÁUDIA

Vai para onde?

— Ela sabia! — Exclama Valentina, arregalando os olhos. Ela sabia da morte antes de ser noticiada. E aquele sorrisinho... O jeito que ela me disse pra ter cuidado...

— Você tá dizendo que essa tal Juliana...? — Tenta perguntar Carlos, se aproximando.

— Foi ela! Ela entregou a Cláudia e me deixou ir pra um encontro onde eu podia ter morrido também. E pior... Jogou minha madrinha na lava do vulcão.

— Isso muda tudo. — Diz Carlos.

— Eu vou dar um jeito nela. Só não sei o que eu vou fazer ainda, mas darei um jeito. — Valentina salva tudo para seu pen drive e fecha o PC.

— E o que vai fazer?

— Sabe o que uma *Augusta girl* faz quando mexem com a família? A gente detona tudo.

— Pronto! Virou uma Toretto, agora.

— E sempre adorei a Michelle Rodriguez em *Velozes*. Ela é uma Toretto, né.

— Sim. — Confirma Carlos. — É a Letty Ortiz, esposa do Toretto.

— Então vamos até a redação. — Se levanta com olhar que já não é mais de luto, e sim de caça

XX - A VINGANÇA – ACERTO DE CONTAS

Uma hora depois de ter chegado na Redação...

Valentina está em uma sala vazia da antiga redação do jornal, abandonada. Poeira, vidro quebrado no chão, cheiro de papel queimado. Ventilador de teto gira lento. No fundo, pôster antigo com o lema: *"Liberdade é o que se imprime."*

Juliana está sentada, amarrada em uma cadeira giratória de escritório. Com sinais de luta no rosto, cabelo bagunçado. Mas diferentemente da vestimenta de um dia antes. Estava de calça jeans escura, sapato de salto preto, com um dos sapatos com o salto quebrado, blusão preto e camisa lilás. O silêncio é denso. A tensão é cortante. Valentina caminha devagar ao redor dela, com a pistola baixa, ainda suja de poeira, olhos vermelhos, mas firmes. O lugar é silencioso, a não ser pelo som distante da cidade e do ventilador velho girando acima. Juliana chora. Valentina respira fundo, aponta a arma, depois a abaixa. Aproxima-se. Solta um suspiro fundo.

— Sabe o que mais me incomoda? Não foi nem a traição. Foi a covardia. Você me olhou nos olhos no Copan. Você... Me abraçou! — exclamou Valentina com muita indignação. — Sabe o que é pior do que ver sua mãe morta quando você ainda é criança, Juliana? Pergunta Valentina, fria

Vai para onde?

e com a voz baixa.

— Val... Por favor... Suplica Juliana, aos choros.

— É ser traída por quem dividiu o fone de ouvido no metrô. Por quem roubava meu pastel e dizia, mesmo que de sacanagem, que ia casar comigo só pra gente ter desconto no aluguel. Ou seja... Você! A porra de você!

— Eu... Eu não queria... — Diz Juliana chorando e tenta se justificar com as palavras saindo como soluços. — Val... Eu tive medo. Eles ameaçaram minha irmã. Eu não tive escolha. E me prometeram te poupar... disseram que iam matar você se eu não entregasse... Eu tava com medo, Val...

— E eu tive escolha? — Grita Valentina, já se levantando e gesticulando com a arma direcionada para Juliana e aos berros — Acha que não me senti uma eterna ameaçada quando mataram a minha mãe na minha frente? Eu era criança, caralho! Acha que eu não senti a minha vida sempre vigiada? Com tudo isso... Acha que foi fácil pra mim, levar o nome da Cláudia até o fim, nessa denúncia contra o Rivera?

Juliana abaixa os olhos.

— Você, ao entregar a Cláudia, entregou a todos, meu. Porra! Sabia?

Juliana chora. Valentina respira fundo, aponta a arma,

Vai para onde?

depois a abaixa. Se aproxima. Solta um suspiro fundo.

— Eu gostava de você, Juliana. Eu te amava, sua vaca!

— Exclama Valentina, se ajoelhando perante ela. — Te tive com melhor amiga, meu. Você foi a irmã que eu não tive. Eu pensava que éramos alma gêmea. Não, não. Não é papo de sapatice não, truta. É amizade de ouro que tínhamos. Meu amor por você era maior do que qualquer prazer que eu sentia da piroca dos melhores homens que passaram em minha vida, e sua amizade deixava todos eles na vala.

— Me perdoa, Val. — Suplica Juliana, chorando copiosamente.

— É choro de arrependimento ou medo de morrer, vaca? — Pergunta Valentina, engatilhando a arma e em seguida aponta para a testa da Juliana, que se encolhe.

Fica uns segundos nesse clima e depois ela abaixa a arma e encosta a testa na da dela.

— Mas eu sou boa. Eu sou melhor do que eles e do que você está sendo agora. Eu te perdoou. — Ela desamarra Juliana.

— Vai. Tá perdoada. Vai com calma. A gente se vê por aí. Diz Valentina, com um sorriso meigo.

Juliana se levanta, cambaleia, aliviada. As lágrimas viram riso nervoso.

— Val... Por favor...

Vai para onde?

— Shhh. — Interrompendo Juliana. — Tá tudo certo. Passou, passou.

Juliana começa a chorar. Valentina abre os braços e a abraça. As duas se apertam por um longo momento. Um silêncio terno. Valentina fecha os olhos. As mãos de Juliana tremem.

— Vai em paz. Tá tudo bem. — Diz Valentina, com o rosto colado no dela. — Eu entendo, agora. Eu fui longe demais, também. Ninguém aqui é santo, né?

— Obrigada... — Agradece Juliana, ainda chorando, mas com menor intensidade. — Eu não merecia...

Valentina vira de costas, andando até a janela aberta. Respira fundo e vira de frente para Juliana.

— É. Você não merecia mesmo. — Diz Valentina, e em seguida Juliana vira de costas e se afasta com um leve sorriso de alívio.

Juliana dá três passos em direção à saída. Olha pra cima, como quem respira alívio, mas ainda a tensão no ar. Juliana fica em pé, aliviada. Sussurra: "A gente ainda pode ser amiga."

— Quem sabe, né. — Diz Valentina com voz trêmula e dando um tiro na nuca de Juliana, que cai. Um buraco limpo na nuca. Expressão de paz. Morreu achando que tinha uma nova chance. Foi a única forma que Valentina achou para ter

Vai para onde?

misericórdia com a ex-melhor amiga.

Valentina cai sentada, encostada na parede e chorando com a arma ainda na mão, tremendo.

— Eu gostava de você, vaca! Porra! — Grita Valentina, chorando e depois olha pra arma, com soluços pausando. — Pra quê você foi fazer isso, meu?

Valentina começa a ter uns flashbacks. As duas rindo na redação, dividindo um computador depois de gravarem um vídeo idiota para um desafio de *Tic Toc*.

Depois Valentina relembrava os momentos nos bares, brindando com canecões de cerveja e depois que toma uns goles, se levanta, compra uma ficha e cantam “Evidências no karaokê. Depois elas saem do bar embriagadas.

— Você é tudo o que tenho nessa cidade, sabia? — Diz Juliana, sendo carregada por Valentina.

Outro momento de flashback as mostra correndo na rua, no meio de uma matéria sobre greves de sindicalistas, suadas, abraçadas. E a polícia dando surras de cassetetes tanto nos grevistas quanto na imprensa. Em outro momento, ela relembrava quando estavam deitadas no chão da escada de incêndio, batizado pelos fumantes do jornal de fumódromo, depois do terraço. Ambas estão com a barriga para cima, mas

Vai para onde?

Valentina está com a cabeça na barriga da Juliana e fumando um cigarro. Valentina relembrava outro momento em que estava sorrindo ao ver Juliana dançando na sala da gráfica e se junta a ela e dança junto.

Valentina se lembra do abraço espontâneo que deram na redação, após uma matéria que publicaram juntas terem ganhado o prêmio de reportagem do ano.

Após o choro copioso e sonoro, aos poucos, ela se arrastou para fora do torpor. Apoiada na parede, levantou-se com esforço. Cambaleou até o corpo caído no centro da sala. A amiga. A irmã. A traidora.

Ajoelhou-se com uma lentidão quase ceremonial. Olhou aquele rosto agora vazio, tão familiar e irreconhecível ao mesmo tempo. Penteou com os dedos uma mecha de cabelo grudada na testa e, inclinando-se, depositou um beijo ali. Suave, quente, inútil.

— Descanse em paz, vaca. Não precisava ser assim. — Diz Valentina, com a voz rouca, baixa, mas firme o suficiente para atravessar o ar imóvel.

E então se ergueu. Com os olhos marejados, o corpo de Juliana ficou para trás e caminhou para fora como se cada lágrima limpasse o que nunca mais voltaria a ser inteiro.

Uma hora depois, Carlos vai ao encontro de Valentina.

Vai para onde?

Monta na moto arrasada por ter sido obrigada a matar a melhor amiga.

— Val...

— Só vamos finalizar isso antes que nos finalizem. Já tô arrasada. Se piorar, eu surto de forma fatal comigo e com os outros. Agora sim, vamos ao porto. Desce pra Santos.

Eles já estão cientes do encontro do porto entre Rivera e negociantes corruptos. Mas chegando lá, descobrem que Rivera está em um porto abandonado, em uma festa privada com figurões corruptos, antes de uma “exportação” ilegal de armas.

Valentina e Carlos decidem invadir o evento — disfarçados de seguranças.

Quando tudo der errado (porque vai dar), poderá ser a situação mais brutal dos dois.

XXI — O PORTO DE SANTOS — A CARNIFICINA DE RIVERA

A noite estava negra como petróleo, o tipo de noite que engole os fracos e lambe os fortes com a língua de um cão do inferno.

Valentina e Carlos já chegaram.

Vai para onde?

— Se lembra do plano? — Carlos perguntou, conferindo o pente da pistola.

— Claro. Você atira, eu mato. Simples. — Responde Valentina, apática e ainda com ódio.

Ela vestia, por cima de seu vestido vermelho, uma calça preta justa, coturno de combate, colete e paletó. Todas essas peças saem com lacres na lateral. No coldre, a Glock 19 carregada com balas Hydra-Shok, “beijos de morte”, como ela dizia.

Carlos usava uma jaqueta preta de segurança, com um crachá falso escrito “OPERAÇÃO LUX”.

Um dos armazéns do porto virou um salão para políticos, juízes, artistas, religiosos, mafiosos e mercenários brindarem à corrupção como se fosse um sacramento.

Na entrada, dois seguranças sem esboçar reação, acharam que eles eram também. Eles entraram. Era o inferno com luz de neon. Bebidas caríssimas alinhavam em uma mesa comprida. Mulheres em vestidos dourados dançavam pole dance em plataformas.

O povo está entretido com esta festa macabra, frutos de sangue de moradores de comunidades, prostituição de menores que eram obrigadas a se relacionarem com milicianos

e donos de morros, e depois prestarem serviços sexuais para eles, que arrecadavam o dinheiro de suas vendas de corpos e prazeres. Frutos de perda de bens por conta da máfia da agiotagem. De pedofilia promovida por grandes celebridades da mídia, incluindo até apresentadores de programas infantis, empresários de grupos musicais infantis, atores e atrizes, diretores, jornalistas e influenciadores digitais que adultizam crianças, principalmente meninas. Frutos da corrupção de políticos, de magistrados, chefes de segurança pública, como secretários e grandes líderes religiosos. Lavagem de dinheiro promovida por arcebispos, cardeais, pastores e bispos protestantes pentecostais e neopentecostais.

— Carlos, esta é a maior festa das trevas já realizada antes. — Diz Valentina, apavorada. — Todos são envolvidos com corrupção e prostituição de menores, agiotagem, pedofilia, crime do colarinho branco, associação ao tráfico e a milícia plena e poderosa.

— *Peraí...* — Espanta-se Carlos, ao ver um homem na faixa dos 35 anos, de terno, cabelos medianos até o pescoço, magro e de óculos — Aquele é o ator Aluízio Estrela, o Palhaço Pipoca da dupla Milho e Pipoca? — Pergunta Carlos, incrédulo.

— Lamentavelmente o maior dos pedófilos que temos no Brasil.

Vai para onde?

— Inacreditável! Além de corrupção... Pedofilia?! Me espanta muito!

— Muitas crianças celebridades já foram alvos de pedofilia desde as décadas passadas até os dias de hoje. Pois ao menos um lá dentro já aproveitou. Nascer na prostituição e crescer partes da infância lá, e depois fora de lá, mas com uma mãe prostituta, nos faz adquirir um dom de ser uma máquina de raio x do Brasil. Identifico canalhice de longe. Principalmente pedofilia. Ih! — Exclama, atenta. —! Lá vai ele falar algo pro povo bandido dele.

Sobe no palco o dr. Raimundo Rivera, delegado de polícia e ex-comandante chefe do grupo de extermínio “Esquadrão da Morte”, junto com a ajuda dos jornalistas David Nasser e Afanásio Jazadji, como grandes entusiastas do “esquadrão” e os veículos Folha da Tarde e Notícias Populares (NP) com as notícias acríticas de Percival de Souza e outros, que acabavam, mesmo que sem querer, enaltecendo o “Grupo”.

60 anos de 1,80m, um corpo daqueles sessentões um pouquinho acima do peso, com um terno cinza impecável, sapato e cinto de couro de jacaré legítimo de cor marrom e por baixo, ele usa uma camisa branca engomada até o osso, sobre a qual repousava uma gravata vinho escura, como sangue seco

de veludo. O cabelo penteado para trás, com entradas nas laterais e o bigode firme e bem grosso, típico de comandantes e sargentos de mais idades.

— Humph! — Expressa foneticamente Valentina — Mas que milagre que o nazista do Jazadji não está aqui.

— Refere-se ao Afanásio? — Pergunta Carlos — Mas por que haveria de estar aqui?

— Rivera chefiou por um tempo o “Esquadrão da Morte”, e o Afanásio, enquanto era repórter policial em sua rádio, esteve presente em muitos locais de crime relacionados ao grupo. Chegou a tomar atitudes sensacionalistas, como reposicionar corpos, com intenção jornalística suja e podre. “Ah, eram outros tempos”. Minha boceta, isso sim! Na faculdade, suas ações e ele eram exemplos de como jamais deveríamos agir e ser.

XXII — A INFILTRAÇÃO — O BAILE DA MORTE

Carlos olha essa reação de Valentina e entende, gesticulando com a cabeça em concordância. E Rivera começa a falar.

— Senhores e senhoras... Bem-vindos ao coração da

Vai para onde?

engrenagem! — Ele ergue a taça. — Aqui, não há Estado. Só Império. E como todo império, temos nossos juristas. Com vocês, o advogado mais eficiente do submundo, professor de Direito, atualmente lecionando para universidades e, apesar de eu ter a mesma formação, é o meu cérebro jurídico, e — modéstia à parte — o homem que me salvou de 37 acusações diferentes: Doutor Silvério Lacerda.

Entra Silvério Lacerda aos sons de aplausos dos convidados. Cabelos grisalhos penteados para trás, sorriso de tubarão e uma cicatriz que cruza o lado esquerdo do rosto, da têmpora até o queixo. Costurado como uma lembrança que nunca cicatrizou por dentro. 50 anos, com uma presença marcante e elegante. Ele tem estatura média, aparentando um corpo atlético e definido, resultado de um estilo de vida saudável e ativo, que aparenta, para os que o veem, um toque de maturidade e sofisticação.

Valentina vê aquele homem e aquela cicatriz, e começa a relembrar da infância, ao ver a cicatriz mesmo em um rosto de traços definidos, sendo uma mandíbula quadrada e forte, maçãs do rosto altas, que ressaltam uma postura de galã.

A barba está sempre bem aparada, alinhando perfeitamente com seu formato facial, e contribui para um visual moderno e charmoso. Possui um olhar expressivo e

Vai para onde?

profundo, que transmite tanto gentileza quanto determinação.

Valentina observa e, ao ver esse olhar, se lembra da infância. Ela revendo a cicatriz naquele rosto que ela já conhecera há 20 anos, ela relembraria o momento que a mãe fez esse corte nele para se defender. Relembra quando a mãe morreu nas mãos dele e aos poucos a memória dela vai montando um quebra cabeça que apareceu sem avisar. Revê o tal namorado da mãe, o homem gentil, o advogado professor de cursinho de OAB e equivalentes a jurídicos, que a degolou covardemente quando ela ainda tinha 10 anos e presenciou tal ato, embora ele não a tenha visto, quando a executou. Valentina relembraria da lâmina refletindo a luz da geladeira em uma parte da faca, apesar de cheia de sangue, e o riso nojento de Silvério.

A cicatriz dele sangra na sua visão, o pescoço da mãe não para de jorrar sangue e a taça de champanhe em sua mão começa a trincar de tanta força. Ela não pisca, não respira e está incrédula, ao ver quem está vendo.

— Silvério, seu verme... — Sussurra Valentina. — E de pensar que quase te tive como um pai.

— É ele? — Pergunta Carlos, percebendo e entendendo tudo. Ele se inclina.

— O próprio. O que degolou a minha mãe. — Responde

Vai para onde?

Valentina balançando a cabeça de forma seca. — Você ainda tem boa mira, que nem quando era atirador experiente no quartel?

— É que nem andar de bicicleta. — Diz Carlos, engatilhando uma arma de cada vez sem ninguém ver, já de prontidão com as duas armas nas mãos.

— Neutraliza aqueles, assim que eu agir. — Diz Valentina, apontando para quatro que estão na parte de trás do salão. Dois no fundo, escorado na parede, e dois nas laterais da parede.

Ela caminha lentamente em direção ao palco, com a postura de segurança que está fazendo a contenção, o que lhe dá a oportunidade de manter a mão na arma descansada no coldre para entrar em ação. Olhos nos olhos de Silvério. O advogado sorri olhando para o povo e a olha, mas sem reconhecê-la ainda. Ela assente com a cabeça para dois seguranças que estão nas extremidades direita e esquerda do palco e em seguida para Silvério e Rivera, como se ela estivesse entre os seguranças que estão os protegendo.

— Senhores — começa Silvério em seu discurso, — é uma honra participar desta cúpula nossa. Estamos remontando o Esquadrão da Morte para voltarmos a limpar a cidade em

Vai para onde?

nosso benefício. Temos diversos agentes da ROTA nos apoiando e firmando participação no nosso projeto. Enquanto limpamos a cidade da ralé, alimentamos nossos estoques com armas e drogas para dominarmos todos os ambientes da cidade. Temos apoio de grandes juízes presentes aqui, pastores, padres e arcebispos juntos para poderem beneficiar nosso projeto. Exterminar para dominar. A imprensa também nos está ajudando. Vamos remontar o “Notícias do Povo” para cobrirem reportagem em favor do nosso esquadrão e o povo abraçar a ideia.

— E não será tão difícil. — Afirma Rivera — Uma vez que o povo adora uma matança de polícia.

Valentina olha para Carlos, assente com expressividade e ele não perde tempo, atira nos quatro seguranças que estão na parte de trás e Valentina já neutraliza os dois que estão no palco. Atira no alto-falante, cessando a música e atira na taça de Rivera, que explode como cristal demoníaco no ar. Ao atirar em Silvério, ele abaixa e corre. Gritos e caos tomam conta do espaço. Ao aparecer um segurança pra atirar em Valentina, que está correndo cortando o salão para pegar o Silvério, Carlos atira na perna dele e em seguida na cara.

Valentina sobe numa mesa. Com uma das pistolas, atira em dois pastores que tentam fugir do salão. O sangue forma

uma cruz na parede.

Carlos arremessa uma faca em um juiz, que cai convulsionando entre caviar e LSD, mulheres gritam correndo e Valentina desce atirando da mesa em que estava, com os cabelos soltos e olhos de fera, já pulando em cima da mesa central, onde estava uma roleta de cassino e cheia de dinheiro e fichas. Pulou derrubando garrafas e chutando pratos. Disparou contra os dois primeiros capangas que tentaram sacar as armas. Valentina arrancou toda aquela roupa de segurança como uma stripper, pois era de velcro, para ficar com seu vestido vermelho rasgado na ponta e em seguida começou a atirar, girando em movimento contínuo, disparando com uma Glock em cada mão e com os braços abertos, matando alguns seguranças e convidados mafiosos que estavam lá. Era um furacão, um maremoto em um corpo de mulher, girando e atirando em todos ali, mas com precisão para não acertar Carlos. Ela viu o ator Aluízio Estrela, o Palhaço Pipoca, tentando fugir.

— Ah, é, pedófilo filha da puta? — Diz Valentina apontando de imediato uma arma para ele — Toma teu passaporte para o inferno!

Dá um único disparo e acerta a lateral de sua cabeça, a

Vai para onde?

estourando e manchando a parede antes de cair.

Silvério tenta fugir, saindo do salão, mas Valentina o vê, saltando da mesa, atirando nos joelhos dele. Dois tiros. Ele cai como porco abatido e ela pisa em seu peito.

— Você me reconhece? — Pergunta Valentina, com ódio — Você a matou com a mão que assinava defesas para absolvição pra traficante e para esse bandido do Rivera.

— A matei? Mas quem?

— Ainda não me reconhece? Lembra da filha da Lúcia? A garotinha da assistente social de Paraisópolis? A filha da professora de Sociologia, ex-puta, que você namorava?

Silvério começa a arregalar os olhos e ficar boquiaberto.

— Lembrou, “papai”? — Ironiza Valentina. — Lembrou-me de como essa cicatriz foi formada. E eu rezava pra que ela doesse todas as noites em você. Mas hoje... Vai doer pra valer uma única vez.

Foi um único tiro na testa estourando seus miolos, que se espalharam por essa parte em que eles estavam.

XXIII — O CONFRONTO COM O CHEFÃO

Quando Valentina se levantou, um tiro pega de raspão em seu braço esquerdo. É Rivera se aproximando na direção

Vai para onde?

deles atirando.

Valentina parte para o ataque também, já atirando e se escondendo em uma mesa caída.

— Rivera! Sua carcaça vai brilhar no jornal amanhã! — Exclama Valentina, apertando o gatilho, mas está sem bala. — Puta que pariu! Precisava acabar agora?

Rivera tentou correr, mas Valentina pulou na mesa em frente e, em seguida, saltou para pegá-lo. Ela o alcança porque Carlos conseguiu interceptar o segurançá para não atrapalhá-la. Lutam corpo a corpo ao mesmo tempo que Carlos está lutando com o segurançá. Um soco, dois, joelhada... Sangue espirrou no rosto de Valentina, mas ela nem piscou. Rivera tenta dar um soco, mas Valentina desvia e manda outro soco cruzado, sangrando sua boca e nariz, e pega em sua nuca e dá uma joelhada de deixar o golpe joelhada “*Tiger*” do Sagat, no game “*Street Fighters*”, com inveja.

De repente um segurançá aparece apontando uma arma para ela. Ela, para não levar um tiro, imediatamente para de bater no Rivera, pula no segurançá, o agarrando em sua cintura e barriga e ambos caindo. Rivera foge e Valentina passa a socar o rosto deste segurançá sequencialmente com os punhos direito e ele agarra em seu pescoço com a mão

Vai para onde?

esquerda e desfere um soco em Valentina. As posições invertem. Ele está em cima dela a socando no rosto e ela tentando se defender, para evitar tomar muitos socos a ponto de desmaiar. Ela vê a arma dele no chão e tenta pegar, na medida do possível, mas está a centímetros de distância dos braços dela. Então, ela tem um plano mais do que ousado. Ao conseguir segurar seus punhos, começa a tentar seduzi-lo e rapidinho larga um dos punhos para abrir o zíper da calça dele, bota a mão por dentro da calça dele, tentando pôr para fora teu órgão genital e ele se surpreende.

— Essa briga toda me deu uma vontade, sabia?

Ela abre mais as pernas e arrasta a calcinha para o lado, insinuando que quer sexo ali mesmo.

— Vamos perder tempo não. Anda?

Ele se deslumbra e esquece que está protegendo um figurão. Tudo isso foi calculado por Valentina, causando um movimento em que ela conseguisse chegar perto da arma que estava no chão. Quando ele bota para fora as suas intimidades, para penetrá-la, ela consegue pegar sua arma e, sem perder tempo, a encosta na lateral de sua cabeça e dispara, jorrando sangue e pequenas partículas do cérebro.

— Nojo! Pelo menos morreu vendo uma boceta!

Vai para onde?

Valentina corre atrás de Rivera, que por sua vez sobe para a plataforma superior do armazém e Valentina, depois de ter matado o segurança, consegue ir atrás. Rivera, ao vê-la conseguindo seguir na perseguição, puxa um revólver cromado.

— Você não sabe com quem acabou de mexer, sua vagabunda de Augusta!

— Eu sei muito bem, seu lixo. — Diz Valentina, rindo ironicamente.

Ele disparou. A bala passou próximo de Valentina, estourando uma parte da porta. Ela avançou, girando no ar como uma pantera, disparando três tiros. Dois acertaram Rivera de raspão, um pegou no braço e Valentina subiu as escadas correndo já apontando a arma pra Rivera.

— Espera! Eu posso te dar dinheiro! Posso te dar poder!
— Diz Rivera, encurralado, tentando negociar.

— Minha mãe não morreu por moedas de Judas, mas minha madrinha sim e dei cabo à Judas que a entregou. — Diz ela, apontando a arma para a cabeça dele — Não será eu que aceitará, ignorando a minha vingança e a imagem e memória delas.

E atirou. O sangue de Rivera explodiu como uma assinatura final no inferno que ele mesmo construiu. Valentina ficou parada, ofegante, com os olhos molhados de raiva e alívio.

XXIV — A FUGA E O PREÇO

Com Rivera morto, agora eles são alvos de toda a rede corrupta que ele comandava. Valentina precisa divulgar os arquivos que estavam no disquete antes que perca tudo e isso vai levar a um clímax ainda maior.

O armazém do porto ardia em fogo, um purgatório de metal e gasolina. As chamas pintavam tudo de laranja e preto, enquanto corpos caídos brilhavam como silhuetas de um pesadelo. O cheiro era uma mistura brutal de pólvora, carne queimada e uísque derramado.

Valentina limpou o sangue do rosto com as costas da mão.

— Carlos... *Vambora* antes que essa merda desabe.

Carlos respirava ofegante, Glock ainda quente.

— Você... você viu o que fez? Você parece uma maldita força da natureza, Val.

— Eu sou. — Ela olhou para os capangas agonizando e cuspiu no chão.

Lá fora, sirenes começaram a gritar. Mas não eram sirenes de resgate. Era a polícia. Polícia corrupta. Rivera pode ter morrido, mas ainda pagava o salário de metade do batalhão.

Vai para onde?

— Merda, eles vão nos caçar. — Carlos disse, olhando pela fresta da porta do armazém. — São pelo menos quatro viaturas.

— Quatro? — Se pergunta Valentina, abrindo um sorriso torto. — Então é festa.

Ela pegou um coquetel molotov improvisado no chão, acendeu com o isqueiro do bolso e arremessou contra a primeira viatura que se aproximava.

A explosão iluminou a noite. Os policiais gritaram, tentando sair do carro em chamas. Carlos puxou Valentina pelo braço.

— Ali, atrás do guindaste! Vamos!

Eles correram entre os contêineres, enquanto balas ricocheteavam no metal como tambores do inferno e Valentina revidava com tiros rápidos. Cada disparo era um poema de vingança.

— Pega essa vadia! — Diz um dos policiais corruptos. — Rivera pode estar morto, mas ela não sai viva daqui!

— Vadia é a tua mãe, otário! — Valentina gritou de volta, atirando e acertando um policial na perna.

Carlos atirou em outro, abrindo caminho até um caminhão enferrujado. Que fora roubado pelos dois.

— Segura firme, Val, isso vai ser feio!

Vai para onde?

— Não confio em homem que fala isso. — Ela sorriu, recarregando a arma.

Quatro viaturas vieram atrás. Tiros. Vidros quebrando. Faróis explodindo.

Valentina abriu a porta do caminhão, meio corpo para fora, atirando nos pneus da primeira viatura, que capotou três vezes, indo parar em uma pilha de contêineres.

— Estamos com sorte hoje. — Carlos disse, rindo nervoso.

— Isso não é sorte. É ódio puro.

No último portão do porto, uma barreira policial improvisada aguardava.

— Val, não vai dar pra passar...

— Vai sim. Acelera! — Diz ela respirando fundo.

— Você tá louca?

— Sempre estive.

Ela jogou duas granadas improvisadas pela janela, acertando uma viatura das que estavam fazendo a barreira. Passou trombando outras duas viaturas e arrombou o portão, que virou um mosaico de fogo e destroços. Carlos jogou o caminhão por dentro da explosão, o calor queimando as sobrancelhas. Eles saíram do outro lado, vivos. Respirando. Rindo.

Vai para onde?

— Val... você é insana.

— E você adora isso.

Eles pararam o caminhão em um beco longe do porto. O som das sirenes ainda ecoava. Valentina acendeu um cigarro com as mãos tremendo.

— Rivera morreu. Mas a guerra só começou. — Diz Carlos, a olhando sujo de sangue e de pó de pólvora. — Qual é o próximo passo?

— Discordar de você, meu amor. — Diz Valentina, brincando. — Nesse momento a polícia de verdade está chegando lá com a imprensa e descobrindo tudo de todos.

O arquivo começou a subir. Uma transmissão simultânea, direto para redes sociais, fóruns obscuros e canais jornalísticos.

A imagem inicial: Rivera e figuras políticas brindando com dinheiro vivo em cima de uma mesa, com uma japonesa nua e sushis nos bicos dos seios e em sua vagina, enquanto um padre e um pastor discutem “quem fica com qual parte do bolo”.

Uma legenda pulsava em vermelho: “ELES ESTÃO ENTRE NÓS.”.

Valentina respirou fundo. A câmera cortou para o rosto

dela.

— *Meu nome é Valentina Duarte. Minha mãe morreu por causa desses homens. Minha amiga Claudia foi silenciada. Eu sobrevivi. E agora é a vez deles correrem.*

O vídeo explodiu na internet como gasolina em fogo.

— É o baile de sangue digital. — Carlos murmurou.

XXV — “QUEM CORTA OS FIOS DO PODER?”

A INTERNET NÃO PERDOA

Depois do silêncio, o som de milhões de notificações estoura em telas pelo mundo.

A transmissão completa, liberada nos servidores ocultos e em sites que replicam como um vírus incontrolável toma o planeta como um incêndio numa plantação de pólvora.

Os dados aparecem em blocos cifrados, decifrados por hackers, ativistas, jornalistas e até por adolescentes com sede de caos. São imagens, vídeos, mensagens, nomes, contas bancárias, documentos vazados.

Os efeitos são imediatos: governos em colapso. Ministérios em pânico. Presidentes renunciando ao vivo. Policiais de todas as forças, juízes, promotores, advogados, deputados, ministros, senadores, secretários e vereadores indo

Vai para onde?

presos e outros sendo assassinados misteriosamente, na famosa “Queima de arquivo”.

A mídia tradicional sangra. Âncoras de noticiários, diretores de jornalismos e repórteres implodindo ao serem expostos como receptores de suborno. Influencers famosos queimando suas próprias imagens ao vivo.

Atores, atrizes, produtores, diretores, empresários pedófilos de artistas infantis sendo expostos e presos pelos seus crimes e associações criminosas.

Religião em ruínas. Cardeais, pastores, bispos, tanto católicos quanto protestantes, sacerdotes de matrizes africanas, líderes kardecistas... Muitos aparecem nos arquivos, frequentadores de redes internacionais de tráfico de meninas. Fotos, áudios, vídeos. A fé de muitos desaba como catedrais velhas em terremoto.

O nome dele aparece: RIVERA. Conhecido até então apenas por um codinome entre os círculos de poder.

Agora, o “Fantasma de Gravata” tem um rosto. Compositor de todo o esquema. Um estrategista invisível. Um arquiteto do horror.

XXVI — VARANDA DO COPAN — TEMPO DEPOIS

Valentina está nua, descalça, fumando um cigarro longo, encostada na grade da varanda do Copan.

A cidade pulsa abaixo. Não como antes. Algo nela mudou. Ela bebe vodka num copo suado. O cabelo bagunçado pelo vento quente.

Carlos chega por trás, de roupão, a abraça. O roupão cai como num gesto de rendição. Ela sorri, já sem aquela tensão toda que acontecera dias atrás.

— Ninguém derruba o sistema inteiro... Mas você o fez gaguejar — sussurra Carlos.

— Só quero que o próximo tirano saiba... Que alguém passou por aqui antes dele e não teve lá um final feliz. — Diz Valentina, tragando o cigarro, bebendo a vodka, repousando a cabeça de costas nos ombros de Carlos e olhando pro horizonte.

EPÍLOGO — NINGUÉM VAI LEMBRAR SE A GENTE MORRER

Uma semana depois, surgem matérias anônimas publicadas em blogs internacionais e em outros portais de notícias, expondo o sistema. Rivera foi confirmado morto. A

Vai para onde?

ONG fechada. Políticos investigados. Dois corpos não identificados foram encontrados no mangue, carbonizados.

Leigos disseram que eram Carlos e Valentina. E disseram que a verdade morreu com eles. Já os adéptos da teoria da conspiração, daqueles que creem que a Área 51 esconde o juízo final em formato de guerra dos mundos, invasão, iluminatis nas presidências, povos arcturianos e reptilianos entre nós, fãs de “Arquivo X” e etc., dizem que, em algum lugar do interior, um motoboy de sotaque carregado e uma mulher de olhos ardentes vivem escondidos. E que toda vez que veem a injustiça passar... Trocam os pneus da moto como rodas de fogo da justiça, feito motoqueiro fantasma.

Mas na verdade, Valentina descansou a alma. Está mais leve. E por incrível que pareça, até São Paulo está com a atmosfera mais limpa. É como se o cartel criminoso do sindicato do crime de Rivera e toda a sua cúpula despejasse o caos na cidade a ponto de torna-la com o clima pesado e mais poluente do que costuma ser grandes metrópoles. Valentina, em momentos de pura alegria e liberdade, dança se divertindo como se não houvesse ninguém e nada em seu caminho. Ouve no fone de seu celular a música “Ella, elle l'a”, mas na versão de Kate Ryan. Vendo que diminuiu com a violência da cidade, ao menos em nível de grandes cartéis.

Vai para onde?

Valentina senta no gramado do parque do Ibirapuera e relembra os tempos de criança com a mãe neste parque. Relembra a luz dourada do fim da tarde iluminando os rostos, sorriso suave, partículas de luz flutuando, atmosfera mágica. Ela olha para o lado e vê Maria Lúcia. Começa a se emocionar.

— Vencemos, mãe. — Diz Valentina, chorando de alegria, para a imagem da mãe materializada ao seu lado, causada pela sua imaginação.

Anoitece. E pela primeira vez o céu de São Paulo está tão limpo que dá para ver todas as constelações. Valentina, no terraço do Copan, se encontra sentada com sua garrafa de vodka e seu cigarro. Olhando para a cidade iluminada, na perspectiva visual levemente aérea mostrando horizonte e cidade. E com o céu estrelado, dá um sorriso sereno com uma atmosfera de paz e liberdade conquistada.

Carlos aparece e, ao sentar ao seu lado, ela aumenta seu sorriso de forma espontâneo e acolhedor. Se beijam e ela o abraça encostando sua testa na dele, o acariciando na nuca. Depois descansa sua cabeça no ombro dele e com o sorriso acolhedor.

FIM

Em "Vai pra onde?", a vida pulsa no interior dos veículos que nunca param, sejam carros de aplicativo, táxis ou ônibus. Esta antologia reúne histórias fascinantes, dramáticas e, por vezes, cômicas que se desenrolam nas viagens do cotidiano urbano. De motoristas com passados enigmáticos a passageiros com segredos inconfessáveis, cada trajeto é um retrato singular da condição humana.

Das madrugadas silenciosas às tardes caóticas, as histórias exploram encontros fortuitos, revelações inesperadas e destinos que se cruzam por acaso, mas que deixam marcas para sempre. Seja um reencontro improvável, uma confissão que muda tudo ou um ato de coragem em meio à rotina, cada conto transforma o banco do passageiro — ou o assento da janela — em um palco onde vidas comuns se tornam extraordinárias por alguns instantes.

Entre a partida e o destino final, o verdadeiro caminho é o que acontece dentro de cada um.

ISBN 978-658398715-0



Panóplia

editorapanoplia.com.br